

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

FABIANA CAROLINA DIAS

O CONCEITO DE DESSUBLIMAÇÃO REPRESSIVA EM HERBERT MARCUSE

Porto Alegre

2023

FABIANA CAROLINA DIAS

O CONCEITO DE DESSUBLIMAÇÃO REPRESSIVA EM HERBERT MARCUSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Dr. Ricardo Crissiuma

Porto Alegre

2023

FABIANA CAROLINA DIAS

O CONCEITO DE DESSUBLIMAÇÃO REPRESSIVA EM HERBERT MARCUSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Porto Alegre, 11 de outubro de 2023

BRANCA EXAMINADORA:

Dr. Ricardo Crissiuma
Departamento de Filosofia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dr. Felipe Gonçalves Silva
Departamento de Filosofia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dr. Silvio Ricardo Gomes Carneiro
Departamento de Filosofia
Universidade Federal do ABC (UFABC)

Dr. Stefan Fornos Klein
Departamento de Sociologia
Universidade de Brasília (UNB)

Porto Alegre, 11 de outubro de 2023

CIP - Catalogação na Publicação

Dias, Fabiana Carolina

O conceito de Dessublimação Repressiva em Herbert Marcuse /
Fabiana Carolina Dias. -- 2023.

111 f.

Orientador: Ricardo Crissiuma.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Filosofia, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Dessublimação Repressiva. 2. Teoria Crítica. 3. Herbert Marcuse.
I. Crissiuma, Ricardo, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos ao Prof. Drº Ricardo Crissiuma por todo o apoio, orientação e incentivo ao longo deste processo de dissertação de mestrado. Sua dedicação em me ajudar a desenvolver minhas habilidades de pesquisa e a aprimorar meu trabalho foi fundamental para o sucesso deste projeto.

Agradeço aos meus colegas da UFRGS, Lorenzo Estivallet, Andréa Furtado, Gerson Astolfi, Edison Consiglio, Bruno Ruffier, Paula Mariana Rech, Northon Bernardes e Jessica Mesquita, cujo apoio e troca de ideias foram essenciais para o desenvolvimento do meu trabalho.

Gostaria de expressar minha gratidão aos meus amigos e familiares pelo apoio incondicional que me deram durante todo o processo de realização deste mestrado. Em especial para a minha irmã Fabíola Dias e os meus amigos Jessica Castro, Carina Serrão, Ian Gomes, Yohan Albuquerque, Adrian Castro e Juliana Martins que sempre estiveram comigo e me encorajaram e incentivaram a minha vida acadêmica. Sou imensamente grata pela confiança que depositaram em mim e pelo amor e suporte que me proporcionaram.

Também gostaria de agradecer aos colegas do Grupo de Marcuse, pela colaboração, pelas discussões estimulantes e pelo incentivo mútuo ao longo dessa jornada.

Por fim, gostaria de agradecer à instituição de ensino UFRGS pela oportunidade de realizar este mestrado e por proporcionar um ambiente acadêmico estimulante e propício ao aprendizado. Sou grata por todas as experiências que adquiri ao longo dessa jornada e por todo o conhecimento que obtive.

RESUMO

A pesquisa se concentra no conceito de dessublimação repressiva, desenvolvido por Herbert Marcuse. O objetivo principal do estudo é investigar as principais temáticas que levaram Marcuse a desenvolver esse conceito e explorar suas implicações teóricas e práticas. Iniciando com o desenvolvimento do conceito de sublimação nas obras de Freud, o estudo apresentará a recepção de Marcuse desse conceito, sua crítica e as alternativas propostas em relação aos desdobramentos das noções freudianas de sublimação e civilização. Além disso, serão abordados o diagnóstico de Marcuse sobre a sociedade industrial avançada e seu caráter unidimensional, que envolve a integração da tecnologia com a esfera política e a criação e manipulação dos desejos e carecimentos humanos. Por fim, o conceito de dessublimação repressiva será explanado, buscando aprofundar a compreensão das formas pelas quais a sociedade industrial avançada exerce controle e manipulação sobre os indivíduos, bem como suas consequências para a liberdade e a autonomia humanas. Dessa forma, a pesquisa visa contribuir para uma análise crítica das estruturas de poder presentes na sociedade contemporânea, a partir do estudo do conceito de dessublimação repressiva proposto por Marcuse.

Palavras-chave: sublimação; repressão; racionalidade tecnológica; dessublimação repressiva

ABSTRACT

The research focuses on the concept of repressive desublimation, developed by Herbert Marcuse. The main objective of the study is to investigate the main themes that led Marcuse to develop this concept and to explore its theoretical and practical implications. Starting with the development of the concept of sublimation in Freud's works, the study will present Marcuse's reception of this concept, his critique and the alternatives proposed in relation to the developments of Freudian notions of sublimation and civilization. In addition, Marcuse's diagnosis of advanced industrial society and its one-dimensional character, which involves the integration of technology with the political sphere and the creation and manipulation of human desires and needs, will be addressed. Finally, the concept of repressive desublimation will be explained, seeking to deepen understanding of the ways in which advanced industrial society exerts control and manipulation over individuals, as well as its consequences for human freedom and autonomy. In this way, the research aims to contribute to a critical analysis of the power structures present in contemporary society, based on the study of the concept of repressive desublimation proposed by Marcuse.

Keywords: sublimation; repression; technological rationality; repressive desublimation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. Capítulo 1: SUBLIMAÇÃO.....	15
1.1. A recepção da noção de civilização Freud em Marcuse.....	15
1.2. O conceito de sublimação.....	26
1.3. O projeto marcuseano.....	35
2. Capítulo 2: DIAGNÓSTICO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL AVANÇADA.....	48
2.1. A sociedade industrial avançada.....	51
2.2. Sociedade Unidimensional.....	54
2.2.1. Impacto das tecnologias na sociedade contemporânea.....	55
2.2.2. Carecimentos Falsos.....	58
2.2.3. Manipulação da consciência coletiva através da propaganda e da mídia.....	61
2.3. Repressão.....	63
2.3.1. Institucionalização da repressão.....	65
2.3.2. Restrição da liberdade individual em nome da segurança e estabilidade.....	67
2.4. Enfraquecimento da esfera política na sociedade unidimensional.....	67
2.4.1. A redução da política a uma mera gestão técnica dos assuntos públicos.....	68
3. Capítulo 3 - DESSUBLIMAÇÃO REPRESSIVA: A MUDANÇA DO USO SOCIAL DA ENERGIA PULSIONAL.....	71
3.1. Dessublimação na cultura.....	74
3.1.1. A cultura pré-tecnológica e o seu caráter antagônico.....	76
3.1.2. Sociedade pós-tecnológica.....	81
3.2. A preservação do caráter negativo da arte avant-garde.....	85
3.3. A mudança do uso social da energia pulsional.....	89
3.4. Perda da consciência.....	96
CONCLUSÃO.....	102
BIBLIOGRAFIA.....	107

INTRODUÇÃO

A Teoria Crítica, uma tradição intelectual do século XX, emergiu como uma abordagem que buscava debater e questionar os aspectos negativos da condição humana, revelando a ambiguidade inerente a todas as esferas da vida e, conseqüentemente, suscetíveis à crítica. No contexto da nossa pesquisa, destaca-se um pensador muitas vezes negligenciado, Herbert Marcuse, cujas principais influências filosóficas incluem Sigmund Freud, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Friedrich Nietzsche e Karl Marx. Marcuse foi um membro proeminente da chamada primeira geração da Escola de Frankfurt¹, juntamente com Theodor Adorno e Max Horkheimer.

Marcuse desenvolveu uma abordagem intelectual que incorporava conteúdos psicanalíticos, históricos e sociais. Em sua obra "*Eros e Civilização: uma crítica filosófica do pensamento de Freud*" (1955), o nosso teórico visa explorar a dimensão política e sociológica das noções psicológicas, a partir do conceito de homem na teoria freudiana e suas ramificações repressivas na formação da civilização. Um dos conceitos-chave analisados por Marcuse nesse contexto é a "sublimação". Segundo Freud, a sublimação é um mecanismo psicológico pelo qual as pulsões são desviadas de suas formas originais e canalizados para atividades socialmente aceitáveis e produtivas². Marcuse, no entanto, examina criticamente essa noção de sublimação, argumentando que a mesma é reprimida e distorcida pela lógica repressiva da civilização.

Marcuse destaca que a sublimação, quando repressiva, resulta em um desvio das pulsões para formas de expressão que são controladas e direcionadas pela sociedade dominante. Essa repressão da sublimação limita a liberdade individual e perpetua a estrutura de poder existente, que redireciona as pulsões e carecimentos³ individuais para atividades que

¹ Para maiores informações sobre a primeira geração, ver: JAY, Martin. A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

WIGGERSHAUS, Rolf. A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política. Tradução de Lilyane Deroche-Gurgel e Vera Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

² "O mal-estar na civilização" In FREUD, S. O Mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos (1923-1925); tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pp. 39-40.

"Introdução ao narcisismo" In FREUD, S. Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916); tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 41.

"Uma recordação da infância de Leonardo da Vinci" (1910). In. Obras completas, volume 9 [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. pp. 136-137

³ O termo em inglês é *needs*, que diferente de *necessity*, possui um sentido voltado para o desenvolvimento do ser.

servem aos interesses da sociedade industrial avançada e capitalista, ao invés de permitir uma expressão plena e autêntica do indivíduo.

Ao explorar a noção de sublimação, Marcuse nos convida a questionar os efeitos dessa repressão na liberdade individual e a buscar alternativas que permitam uma sublimação autêntica e transformadora, capaz de desafiar as estruturas de poder e possibilitar uma vida mais plena e satisfatória.

Já em sua obra "*O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*" (1964), Marcuse realiza uma análise crítica do progresso tecnológico que em tese busca aumentar a produtividade por meio de avanços técnicos, mecânicos e científicos. Esses avanços incluem a mecanização, o estímulo individual e a regulação da livre competição, com o objetivo de organizar a engenhosidade tecnológica para liberar a energia do indivíduo, permitindo-lhe encontrar a liberdade e exercer autonomia sobre sua vida. No entanto, Herbert Marcuse nos alerta para as limitações desse ideal de liberdade e autonomia proporcionado pelo progresso tecnológico. Ele argumenta que, apesar do suposto tempo livre conquistado por meio dessas inovações, novas formas de exploração emergem e nem sempre estão relacionadas ao trabalho diretamente.

Marcuse aponta que a busca incessante por liberdade e autonomia pode se tornar uma ilusão doce. Ele destaca que o sistema capitalista, ao mesmo tempo em que promove o progresso tecnológico, também cria novas formas de controle e exploração. A liberação da energia do indivíduo, por meio do avanço tecnológico, muitas vezes é canalizada para o consumo desenfreado, a criação de carecimentos falsos e a conformidade aos padrões estabelecidos pela sociedade de consumo.

No contexto capitalista, a tecnologia desempenha um papel fundamental na criação e promoção desses carecimentos falsos. Através de estratégias de marketing e publicidade, as empresas moldam os desejos e aspirações dos indivíduos, direcionando-os para o consumo de determinados produtos e serviços.

A sociedade industrial avançada é construída dentro de um universo político no qual o objetivo histórico é unificar todos os campos - material, intelectual, político e cultural - em um único sistema tecnológico. Quanto mais avançada for essa tecnologia, maior será o alcance da dominação exercida por meio dela. Marcuse aponta para a hibridação da racionalidade tecnológica com a racionalidade política, na qual o agente de produção em massa assume o papel de agente moral. Isso significa que o poder político na sociedade industrial avançada é capaz de reunir, em uma única ordem, a necessidade, a autoridade e a verdade. O sistema estabelecido utiliza a tecnologia como uma ferramenta de controle, ao

mesmo tempo em que atribui ao agente de produção em massa a função de determinar o que é necessário, o que é autoritativo e o que é verdadeiro.

Essa união entre tecnologia, política e dominação cria uma estrutura de poder que permeia todos os aspectos da vida social. A tecnologia se torna um instrumento de controle e manipulação, moldando os carecimentos, os valores e as percepções dos indivíduos. A partir dessa perspectiva, a sociedade industrial avançada consegue unificar e subordinar todas as esferas da vida humana, estabelecendo uma única ordem que serve aos interesses da classe dominante.

Dito isso, o nosso teórico nos apresenta ao conceito de Dessublimação Repressiva, que se manifesta primeiramente no âmbito da cultura, promovendo a lógica de produção e consumo e suprimindo a negatividade da arte em suas representações. A Dessublimação Repressiva, como proposta por Marcuse, refere-se ao processo em que a cultura de massa e a indústria cultural desempenham um papel crucial na manipulação e na neutralização das formas de expressão artística e cultural. Nesse contexto, a arte é transformada em um mero produto de consumo, desprovida de sua capacidade de questionar, criticar e desafiar as estruturas dominantes da sociedade.

Ao explorar esse conceito, Marcuse revela como a Dessublimação Repressiva, ao apagar a negatividade e a subversão da arte, contribui para a manutenção da lógica de produção e consumo na sociedade industrial avançada. Através dessa lente crítica, o filósofo argumenta que a cultura de massa, ao promover uma falsa sensação de liberdade e satisfação, acaba perpetuando a exploração e a alienação das massas.

A abordagem de Marcuse revela como a incorporação do desejo em uma cultura de mercadorias, especialmente desfrutada pela classe média ascendente, não promove a emancipação, apesar de oferecer prazer e uma redução das restrições à sexualidade. Em vez de reprimir diretamente as energias pulsionais, a sociedade e a economia capitalista as cooptam para a produção e o consumo. Nesse contexto, o prazer e a sexualidade são incorporados ao cotidiano, resultando na perda do antigo antagonismo entre o Princípio do Prazer e o Princípio da Realidade. O prazer deixa de ser um desafio à exploração do trabalho e se torna uma ferramenta do capital, gerando submissão.

Nesse sentido, Marcuse argumenta que mesmo dentro dessas formas sociais, podem surgir formas repressivas de dessublimação⁴. Isso significa que, mesmo quando certas práticas sexuais são permitidas e até mesmo incentivadas, elas podem ser cooptadas e utilizadas para

⁴ MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015. p.98

manter a dominação e a alienação. A liberação da sexualidade é condicionada a uma conformidade com as estruturas sociais e econômicas existentes, limitando a verdadeira emancipação.

Segundo Marcuse, a função da dessublimação na sociedade industrial avançada é a de promover o conformismo, ao liberar a sexualidade e outras pulsões insatisfeitas. No entanto, ele ressalta que essa liberação também revela o caráter repressivo da satisfação estabelecida. Isso ocorre porque a dessublimação, ao permitir a expressão das pulsões insatisfeitas, também as submete às estruturas de poder e controle presentes na sociedade.

Nosso trabalho tem como objetivo percorrer as principais temáticas que levaram Marcuse a desenvolver o conceito de Dessublimação Repressiva. Iniciando com a análise do conceito de sublimação em Freud e Marcuse, bem como o projeto marcuseano de sublimação não-repressiva. Em seguida, iremos analisar o diagnóstico feito por Marcuse da sociedade industrial avançada, explorando os conceitos de racionalidade tecnológica e repressão. Por fim, apresentaremos o conceito de dessublimação repressiva e seus desdobramentos.

Começando pela sublimação, tanto Freud quanto Marcuse abordam esse conceito como um processo de transformação das pulsões e desejos humanos em atividades socialmente aceitáveis. Para Freud, a sublimação é uma forma de canalizar as energias sexuais e agressivas em atividades criativas ou produtivas, contribuindo para a civilização e a cultura. Por sua vez, Marcuse percebe um grau de repressividade em que os desvios propostos a pulsão a partir do processo de sublimação estão sendo direcionados para fins que impossibilita o livre desenvolvimento do indivíduo, a vista disso o nosso teórico desenvolve o projeto de sublimação não-repressiva, no qual busca-se liberar as pulsões e desejos reprimidos pela sociedade através de uma transformação radical da realidade social.

Em relação à sociedade industrial avançada, Marcuse realiza uma crítica contundente, apontando para o processo de derrocada da cultura superior em cultura de massas. Ele argumenta que o progresso tecnológico desempenha um papel central nesse processo, pois apropria-se dos elementos da cultura, absorvendo-os para a produção em massa. Com a fusão da cultura e da produção tecnológica, o indivíduo perde sua autonomia reflexiva e age de forma involuntária, respondendo aos carecimentos impostos pelas forças dominantes.

Nesse contexto, a racionalidade tecnológica desempenha um papel fundamental na repressão das pulsões e desejos humanos. A tecnologia, ao se tornar uma ferramenta de controle e manipulação, contribui para a repressão das potencialidades humanas, direcionando-as para o consumo e a conformidade com as normas estabelecidas. O indivíduo

fica preso em um ciclo vicioso de produção e consumo, alienado de seus verdadeiros carecimentos e desejos.

Por fim, Marcuse introduz o conceito de dessublimação repressiva, que descreve o processo pelo qual as pulsões e desejos reprimidos são liberados de forma repressiva. Isso ocorre porque, no contexto da sociedade industrial avançada, a dessublimação é voltada para o consumo e o prazer imediato, ao invés de ser direcionada para a liberação das potencialidades humanas e o desenvolvimento pleno do indivíduo.

Seguindo os nossos objetivos, buscamos estruturar a escrita em três capítulos para abordar os conceitos e noções principais do pensamento de Marcuse. No primeiro capítulo trataremos inicialmente da sua recepção da noção de civilização de Freud para seguir a lógica utilizada pelo nosso teórico que introduz primeiro o conceito de homem⁵ e civilização para depois ocupar-se do conceito de sublimação, propriamente dito, e com isso vamos explorar o conceito a partir de uma seleção de texto em que Freud cita o processo de sublimação. Dada as devidas marcações de Freud referente ao conceito, passamos para a análise crítica feita por Marcuse e a sua alternativa para superar a repressão do processo sublimatório.

No segundo capítulo, focaremos nossa investigação na análise de Marcuse sobre a sociedade industrial avançada e seus elementos principais. A noção de unidimensionalidade foi o guia para o desenvolvimento deste capítulo, pois nos permite compreender o impacto da tecnologia na constituição da sociedade contemporânea, bem como as características que a definem, como a criação de carecimentos falsos e a manipulação da consciência. Em seguida, abordaremos a institucionalização da repressão nessa sociedade. Discutiremos o argumento de que a restrição da liberdade individual é aceita em nome da segurança e estabilidade. Analisaremos como a sociedade unidimensional promove a cooptação e neutralização da oposição política pelo sistema dominante, enfraquecendo assim a esfera política. Também examinaremos como a política é reduzida a uma mera gestão técnica dos assuntos públicos, resultando na perpetuação do sistema unidimensional como a única escolha viável. Por fim, faremos um breve panorama sobre as consequências desse enfraquecimento da esfera política na sociedade unidimensional. Discutiremos a redução da participação política dos cidadãos, a falta de alternativas reais de mudança e a perpetuação do status quo. Analisaremos como a sociedade unidimensional limita a possibilidade de transformação social e restringe a liberdade individual.

No último capítulo, abordaremos o tema central de nosso trabalho: o conceito de Dessublimação Repressiva. Nesta parte da pesquisa, acompanharemos as divergências e

⁵ O conceito de "homem" segue corrente da época para se referir à humanidade.

mudanças da cultura pré-tecnológica para a pós-tecnológica, a fim de compreendermos a dessublimação na cultura contemporânea. Em seguida, apresentaremos o posicionamento de Marcuse em relação à preservação do caráter negativo por meio do movimento de arte vanguarda. Discutiremos como esse movimento busca romper com as restrições impostas pela sociedade e explorar novas formas de expressão. Além disso, abordaremos as principais características da Dessublimação Repressiva.

Analisaremos a mudança no uso social da energia pulsional, que passa a ser direcionada para objetivos repressivos e limitadores. Discutiremos também a perda da consciência individual, resultante da manipulação e controle exercidos pela sociedade contemporânea. Ao explorar esses aspectos, nosso objetivo é compreender melhor a Dessublimação Repressiva e suas implicações na cultura atual. Refletiremos sobre as transformações na forma como as pulsões e desejos são canalizados e reprimidos, bem como as consequências disso para a liberdade e a consciência individual.

1. Capítulo 1: SUBLIMAÇÃO

1.1. A recepção da noção de civilização Freud em Marcuse

A constatação de que os problemas políticos possuem uma dimensão psicanalítica levou Herbert Marcuse, em *Eros e Civilização*, a tentar apresentar implicações das questões básicas da psicanálise e relacioná-las com noções sociológicas e políticas. Entre as críticas aos neofreudianos e ao próprio Freud, Marcuse inicia seu livro pondo em dúvida a proposição freudiana de que a civilização é baseada na subjugação das pulsões, sendo essa a única forma encontrada pelo psicanalista para pensar a estrutura da civilização. Embora a afirmação sobre a renúncia e o adiamento das satisfações pulsionais como pré-requisitos para o progresso humano não seja uma citação direta de Freud, mas sim uma interpretação geral de alguns aspectos de sua teoria, é importante destacar que Freud discutiu a importância do controle pulsional para o desenvolvimento psicosssexual e a adaptação social. A ideia de que o aumento do progresso pode resultar na diminuição da liberdade e na necessidade de novas formas de civilização também reflete interpretações críticas dessas teorias, aplicando-as em um contexto mais amplo. Marcuse, por exemplo, amplia essa discussão ao sugerir alternativas dentro do próprio quadro freudiano para contornar a natureza repressiva.

Na análise sobre a ambivalência do conceito de civilização Joel Whitebook dedica alguns parágrafos para fazer uma crítica à possibilidade de uma civilização não-repressiva defendida por Marcuse. Contudo, antes de realizar a sua crítica, Whitebook faz uma breve recapitulação do conceito de civilização a partir da compreensão de Marcuse de que ela “designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais”⁶ e que possui duas finalidades, primeiro de proteger o homem da natureza, e segundo de regulamentar as relações dos homens entre si. Acerca desta última finalidade Whitebook considera que o elemento cultural⁷ seria uma primeira tentativa de regulamentar as relações, dado que na ausência deste elemento as relações permanecem à mercê dos indivíduos fisicamente mais fortes e dos seus interesses e pulsões. Logo, o estabelecimento do “direito” em prol da comunidade no lugar do poder delimitado apenas ao indivíduo é o primeiro passo para a instauração da cultura, à vista disso, é posta a proposição de que a civilização é defendida contra o indivíduo, e que é tarefa das instituições sociais

⁶ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968. p. 33

⁷ É interessante explicitarmos aqui que para Freud a relação entre civilização e cultura é intrínseca. Ele argumenta que a civilização é um produto da cultura, sendo a expressão máxima das realizações humanas em termos de organização social, instituições e valores. A cultura, por sua vez, é responsável por moldar e influenciar os indivíduos, estabelecendo normas, costumes e sistemas de crenças compartilhados por determinada sociedade.

regular a "natureza interior" do homem reconciliando-o com a civilização e recompensá-lo pelos seus sacrifícios.

Um dos apontamentos de Whitebook é que por ter apenas vivenciado a Primeira Guerra Mundial, Freud se apresentava cético à possibilidade de uma civilização não-repressiva, pois para ele qualquer alternativa seria um preço alto demais em comparação à civilização já estabelecida que ele se deu o trabalho de reconstruir. Todavia, com os eventos da Segunda Guerra Mundial concluiu-se que deveria haver uma reavaliação radical das premissas da civilização e Whitebook aponta que na obra "O mal-estar da civilização" Freud já havia feito a diferenciação entre o reformador radical e aquele que anseia uma utopia transfigurativa⁸, em que o primeiro refere-se aquele que aceita a estrutura da civilização e rebela-se apenas em determinadas situações de injustiça⁹, enquanto o segundo corresponde àquele que rebela-se contra a civilização como um todo. Mesmo considerando a utopia transfigurativa, Freud diz que ela pode surgir a partir dos restos da personalidade original e tornar-se a base dos restos de hostilidade à civilização, logo, o desejo de liberdade será direcionado contra as exigências particulares da civilização.

Whitebook também cita *Totem e Tabu*, em que, aparentemente, Freud apresenta de forma mais clara a distinção supracitada. Para o autor, o estabelecimento das proibições (incesto e patricídio) seria o ato constitutivo pelo qual se criou o mundo social regido por lei; isto é, a ontologia social da civilização estruturada edipicamente. O primeiro rebelde (reformador radical) aceita o mundo edipicamente estruturado e revolta-se contra uma injustiça existente e busca reformar a civilização em nome da justiça, enquanto o utópico transfigurativo edipicamente¹⁰ estruturado em si e busca o fim do sistema de renúncia em conjunto.

Por não ter presenciado a Segunda Guerra Mundial, Freud não elaborou algo definitivo direcionado à reavaliação radical da civilização. Segundo Whitebook para Horkheimer e Adorno a radicalização consistiu:

em uma mudança da crítica mais tradicional da economia política para a crítica do domínio da natureza e da razão instrumental. De um modo não muito diferente de seu arqui-inimigo de direita, Heidegger, eles procuraram traçar a crise do século XX não apenas para a dinâmica do desenvolvimento capitalista, mas para o projeto do Iluminismo Ocidental, que tinha começado quando os gregos tentaram pela primeira

⁸ WHITEBOOK, Joel. *Perversion and Utopia: A study in Psychoanalysis and Critical Theory*. London. The MIT Press. 1995. p. 21

⁹ FREUD, Sigmund. *Obras completas - O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18, p. 38

¹⁰ O termo "utópico transfigurativo edipicamente" é usado por Whitebook para descrever a visão psicanalítica de utopia que busca transformar a realidade atual através da resolução dos conflitos psicológicos e da superação das neuroses, mas que também reconhece que a utopia é uma ideia irrealizável.

vez substituir o *mito* pelo *Logos*, na verdade quando o conceito foi separado do objeto.¹¹

Do processo do Iluminismo e da conquista da natureza resultou-se a barbárie, logo os teóricos críticos apontam que apesar de pensadores como Bacon e Marx afirmarem que o domínio da natureza externa e a criação de riqueza social seriam suficientes para a melhoria do destino da humanidade, foi ignorado que os indivíduos deveriam dominar a natureza interna. Isto posto, a primeira geração da Teoria Crítica tomou como ponto de partida a análise da dominação da natureza interior para incorporar sistematicamente o pensamento de Freud.

Na parte III de "*O EU e o ID*" Freud expõe a formação do Super-Eu a partir da interiorização das exigências das instituições parentais. O psicanalista nota que o processo de substituição de um investimento objetal por uma identificação é mais frequente do que uma suposição referente exclusivamente à melancolia, e entende que esse processo de substituição faz parte da configuração do Eu e é fundamental para a formação do caráter.

Inicialmente, o investimento objetal e a identificação não se distinguem um do outro, mas por intermédio do "Processo de Repressão" que o EU passa a reconhecer os investimentos objetais. Em meio a essas conjecturas, Freud afirma que o Processo de Repressão, principalmente nas fases iniciais do desenvolvimento do indivíduo, o possibilita a noção de que "o caráter do EU é um precipitado dos investimentos objetais abandonados, de que contém a história dessas escolhas objetais"¹², mas a questão é em que medida o caráter aceita ou rejeita as influências dessas histórias? Freud diz que independentemente da resistência do caráter a essas influências, o que permanecerá serão os efeitos de identificação.

A identificação inicial mais significativa é aquela com os pais¹³, pois é direta e imediata. Pressupondo que o Investimento Objetal e a Identificação são simultâneos na fase inicial do desenvolvimento, Freud exemplifica essa simultaneidade ao falar da relação do menino com a figura do Pai e da Mãe, em que ele se identifica com o Pai, e a figura da Mãe é a sua escolha objetal de "apoio"¹⁴, a coexistência dessas duas relações permanecem até a

¹¹ IBIDEM, p. 22

¹² FREUD, Sigmund. Obras completas - O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923- 1925). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 16, p.26

¹³ No texto Freud se refere como "o pai da pré-história pessoal" mas na nota de rodapé ele diz que é mais prudente dizer "os pais" para se referir ao pai e a mãe.

¹⁴ A escolha objetal por apoio é um conceito proposto por Freud para referir-se à escolha de um objeto amoroso (pessoa ou coisa) com base na necessidade de apoio emocional e segurança. Isso significa que o indivíduo busca um objeto que possa fornecer suporte e proteção em momentos de fragilidade e insegurança emocional. Essa escolha pode ser influenciada por experiências infantis, como a relação com os pais ou cuidadores, e pode ser um aspecto importante no desenvolvimento da personalidade adulta. Conforme a criança cresce e se desenvolve, ela começa a se interessar por outras pessoas e objetos fora da relação com a mãe. Em suma, a escolha objetal por

formação do Complexo de Édipo em que os desejos sexuais pela mãe são intensificados e o pai passa a ser visto como um obstáculo a esses desejos. A derrocada do Complexo de Édipo proporciona a consolidação do caráter masculino no menino, e o fortalecimento da identificação da menina com a figura da Mãe. E pensando na introdução do objeto abandonado no EU, Freud diz que é mais frequentemente a análise revela que após a menina renunciar o Pai como objeto amoroso, põe à frente sua masculinidade e se identifica com o Pai, isto é, com o objeto abandonado.

O resultado da dissolução do Complexo de Édipo gerará uma identificação com pai e outra com a mãe, e estas se ajustaram uma na outra, logo, "alteração do EU conserva a sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restante do EU como ideal do EU ou Super-Eu"¹⁵, contudo ele não é apenas com os resíduos das primeiras escolhas objetais, mas também por uma formação reativa¹⁶ a essas escolhas. Freud diz que essa díade de que resulta o Super-Eu deriva da repressão do/ou exercida pelo Complexo de Édipo, em especial a relação com o pai que fornece obstáculos para a realização dos desejos, logo a partir dessa primeira repressão o EU se fortalece e impõe a mesma forma de barreira dentro de si. O psicanalista conclui que:

O Super-eu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Supereu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa.¹⁷

Jessica Benjamin ressalta certas reflexões dos teóricos críticos Adorno e Horkheimer que geraram um impasse dentro das discussões da Teoria Crítica. Em primeiro lugar, eles destacam que o processo de internalização e individualização está subjacente à dicotomia entre autonomia e aceitação. Isso implica que, dentro da estrutura social, a formação da individualidade e sua internalização de normas estão inextricavelmente ligadas à tensão entre buscar autonomia e aceitar a conformidade. Em segundo lugar, Adorno e Horkheimer sustentam que, no contexto do capitalismo, a autonomia aparente do indivíduo serve apenas como uma máscara, encobrendo o isolamento e a impotência reais. Nessa perspectiva crítica, a autonomia ilusória pode levar à dissolução da individualidade, resultando em uma conformidade aparentemente perfeita.

apoio ocorre quando a criança escolhe um objeto ou pessoa para substituir o objeto de amor original, mas busca no novo objeto a mesma sensação de segurança e apoio que encontrava na relação com a mãe.

¹⁵ IBIDEM, p.31

¹⁶ Segundo Laplanche e Pontalis a formação reativa seria a atitude ou hábito psicológico de sentido oposto a um desejo recalcado e constituído em reação contra ele (o pudor opondo-se a tendências exibicionistas, por exemplo).

¹⁷ FREUD, Sigmund. Obras completas - O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923- 1925). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 16, p.31-32

O processo de conformidade extrema, por sua vez, anula o potencial crítico e revolucionário inerente ao indivíduo, eliminando a capacidade de resistência e transformação social. Assim, Benjamin destaca a análise crítica desses teóricos, sugerindo que a luta entre autonomia e conformidade, dentro do panorama do capitalismo, tem implicações profundas na formação da identidade individual e na capacidade de resistência e mudança. A autora afirma que para os teóricos críticos a internalização individual pode propiciar a formação de uma crítica à dominação e a isso chama de "fim da internalização". Ela diz que:

Quando o Eu internaliza, leva “para dentro” um relacionamento no qual ele foi outrora dominado do exterior, de tal maneira que uma parte do Eu atua como agente de autoridade com relação à outra parte. Isso pode ser entendido de várias maneiras, como o Eu reproduzindo o relacionamento entre si e outro, ou o Eu se identificando com a autoridade. Os comandos da autoridade são experienciados como diretivas autônomas, parecendo emanar de dentro: consciência ou Super-eu.¹⁸

Benjamin aponta que para Adorno e Horkheimer as condições históricas da vida familiar que alimentavam o processo de internalização foram eclipsadas. Em 1936 Horkheimer argumentava que a família era um meio de socializar o indivíduo para aceitar a autoridade, contudo, em 1949 ele diz que a proteção que a família dava ao indivíduo contra a sociedade, se tornou faltosa no sentido das famílias passarem a entregar às crianças mais cedo nas mãos das instituições e meios de comunicação sociais. Logo, a internalização foi substituída pela conformidade com a pressão externa e a dominação social perpetuou-se pela manipulação direta das pulsões inconscientes. A autora diz que para Adorno os movimentos fascistas e conformistas substituíram o conflito entre o Eu e o Id pela manipulação direta do Id, isto posto ela conclui que:

Dada a persistência do isolamento individual e a competitividade no capitalismo tardio, um semblante externo de individualidade e de um “Eu automatizado” permanece, mas isso é entendido como “individualismo sem indivíduo”. Essa sentença deve ser vista, contudo, em seu contexto histórico: o fracasso dessa classe em se revoltar, classe cuja identidade coletiva se dava para pôr fim ao individualismo burguês ao mesmo tempo em que cumpria sua promessa não realizada de autonomia individual.¹⁹

Ainda que a internalização estivesse atrelada à autoridade, ela também era a única fonte de autonomia do Eu para lutar pela emancipação. O exame de Benjamin aponta que Adorno e Horkheimer acabaram aderindo ao paradigma normativo da formação da subjetividade do liberalismo, mesmo quando as condições sociais negam a possibilidade de um indivíduo se desenvolver dentro desse paradigma. Nas palavras de Whitebook:

Como Freud e Weber, no entanto, eles [Adorno e Horkheimer] não podiam prever nenhuma alternativa à civilização cujas características regressivas não eram mais

¹⁸ Benjamin, Jessica. O fim da internalização: psicologia social de Adorno. *Dissonância: Dossiê “Teoria Crítica e Psicanálise”*. Unicamp: Campinas, n. 01, p. 155-198, 1º Sem. 2017. p.159

¹⁹ IBIDEM, pp.161-162

perturbadoras do que as próprias perspectivas históricas dadas. Para os teóricos críticos, a única saída desta lógica fatídica era encontrada em obras de arte esotéricas e filosóficas - nada com uma trajetória social mais abrangente poderia ser localizado no cenário histórico atual.²⁰

Logo, o autor propõe uma reconsideração da obra Eros e Civilização que segundo ele, foi uma tentativa de Marcuse para quebrar o impasse. Segundo Whitebook a obra estava alinhada com a Dialética do Esclarecimento, no que diz respeito à neutralização das forças oposicionistas, contudo, diferente de seus predecessores, Marcuse considera que os eventos bárbaros do século XX são resultados da lógica interna e totalizante da civilização, em vez de uma série de aberrações históricas transitórias.

O objetivo principal de Eros e Civilização é apresentar a possibilidade de uma civilização não-repressiva, e a crítica de Whitebook gira em torno da incapacidade da teoria marcuseana de diagnosticar uma dinâmica social que levasse a essa direção. O autor também diz que no período de lançamento (anos 50) da obra não apresentava possibilidades para uma ação política significativa, logo a obra só foi vista como um texto importante em meados dos sessenta, quando os movimentos sociais²¹ e estudantis começaram as suas agitações. E que o próprio Marcuse se dá conta desses movimentos e passa a tratar a obra como um real programa político, e o que corrobora essa observação de Whitebook, é o prefácio político de 1966 que Marcuse desenvolve mais detidamente os desdobramentos da obra. Ele diz:

"Por natureza", a juventude está na primeira linha dos que vivem e lutam por Eros contra a Morte e contra uma civilização que se esforça por encurtar o "atalho para a morte", embora controlando os meios capazes de alongar esse percurso. Mas, na sociedade administrativa, a necessidade biológica não redundava imediatamente em ação; a organização exige conta-organização. Hoje, a luta pela vida, a luta por Eros, é uma luta *política*.²²

Marcuse visa apontar alternativas históricas para fundamentar a possibilidade de uma mudança qualitativa nas relações humanas. Uma vez que, a dominação do capitalismo é dada a partir do processo de apropriação da base pulsional dos homens. Para esclarecer tal processo Marcuse recorre à concepção freudiana da formação da civilização, na qual este compreende que repressão seja inescapável à civilização, de modo que o indivíduo deve abandonar parcialmente as suas pulsões relacionadas ao princípio do prazer, para poder trabalhar em prol da produção cultural de material da sociedade. O teórico crítico aceita que a história da

²⁰ Whitebook, Joel. *Perversion and Utopia: A study in Psychoanalysis and Critical Theory*. London: The MIT press, 1995. p. 24

²¹ O movimento estudantil dos anos 1960, especialmente durante os protestos contra a Guerra do Vietnã e a luta por direitos civis nos Estados Unidos.

²² MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968. p. 23

repressão serve como molde para a formação civilização, mas não acredita que seja um fator determinante para a sociedade *ad aeternum*.

Como bem observa Whitebook, Marcuse pretende demonstrar a partir da própria teoria freudiana elementos que possibilitam a rejeição da repressão como característica principal da civilização, e na primeira parte de *Eros e civilização* o teórico se dedica a exposição e a análise da noção de civilização freudiana. Marcuse assinala que a noção de civilização tem como pré-condição a coação da existência social, biológica e pulsional do homem, e o livre desenvolvimento desta última ocasionaria a destruição da civilização, logo o desvio das pulsões torna-se o objetivo primário da civilização.

Para compreender melhor o processo e os desdobramentos da noção de civilização, é necessário antes tecer um breve comentário do que Marcuse chama de “transformação do Princípio do Prazer em Princípio de Realidade” nessa concepção dualista, no qual o primeiro governa o inconsciente, que luta única e exclusivamente para a obtenção do prazer, evitando qualquer sensação desprazerosa, e o segundo seria a “superação” do primeiro, renunciando o prazer imediato, e o adiando, o teórico coloca que com o estabelecimento do Princípio de Realidade os “impulsos animais, converte-se num Eu organizado”²³ e o sujeito torna-se consciente. Contudo, o teórico nota que o Princípio de Realidade deve constantemente ser restabelecido, pois no âmbito da ontogênese, a submissão ao princípio ocorre no período inicial da infância através dos pais e educadores e evolui até o âmbito da filogênese em que o princípio de realidade surge materializado no sistema de instituições, o fato é que ao evoluir dentro desse sistema, o indivíduo “aprende que os requisitos do princípio de realidade são os da lei e da ordem, e transmite-os à geração seguinte”²⁴.

A repressão é o conceito chave para compreender a Psicologia individual que é essencialmente uma Psicologia Social na teoria freudiana, dado que ela, a repressão, é um fenômeno histórico, pois a subjugação das pulsões é imposta pelo homem. O arquétipo da dominação é dado a partir do Pai Primordial e:

inicia uma reação em cadeia de escravização, rebelião e dominação reforçada, que caracteriza a história da civilização. Mas desde a primeira e pré-histórica restauração da dominação, após a primeira rebelião contra esta, a repressão externa foi sempre apoiada pela repressão interna: o indivíduo escravizado introjeta seus senhores e suas ordens no próprio aparelho mental.²⁵

Pode-se inferir que a civilização enfrenta um embate contra a liberdade, resultando na suposta "necessidade" de repressão, que, por sua vez, endossa a auto repressão no indivíduo em favor

²³ IBIDEM, p. 35

²⁴ IBIDEM, p. 36

²⁵ IBIDEM, p. 37

das autoridades e instituições. A alteração repressiva das pulsões é imposta pela sociedade, visando redirecionar a energia das atividades sexuais dos indivíduos para o trabalho. Dado que essa modificação é imposta pela "eterna luta primordial pela existência", torna-se evidente o perene antagonismo entre o princípio do Prazer e o da Realidade.. Marcuse pretende, então, a partir da própria teoria freudiana apresentar elementos que transgridem a racionalização da repressão. E é no estudo da profundidade dos aspectos negativos que nota-se a reivindicação por “um estado em que a liberdade e o carecimento coincidam”²⁶

O ponto de Marcuse é que no âmbito da consciência existe o antagonismo entre felicidade e a liberdade na civilização, em que a felicidade corresponde a plena satisfação dos carecimentos, enquanto a liberdade na civilização é derivativa, ou seja, envolve uma modificação repressiva, a saber a *sublimação*, que ganha às custas da plena satisfação dos carecimentos. Em contrapartida, no âmbito da inconsciência existe o impulso para a gratificação integral, que sustenta a equação de liberdade e felicidade. E embora a consciência rejeite tal equação, ela ainda conserva a memória de quando a gratificação era obtida, logo Marcuse infere que é criado o desejo de recriação deste passado nas bases das realizações da civilização. Dado que a memória é um modo decisivo de cognição, em que o seu valor de verdade corresponde a conservação de promessas, que outrora foram satisfeitas, mas que com o advento do princípio de realidade, tal função cognitiva da memória foi restringida, entretanto tal restrição acaba por instigar o desejo de recriar este passado dentro do âmbito da consciência. Logo o projeto marcuseano é apresentado a partir da libertação da memória, e conseqüentemente o desencadeamento da racionalidade do indivíduo reprimido, a função progressiva da regressão.

Ao fazer uma breve recapitulação do desenvolvimento da repressão na estrutura pulsional do indivíduo na teoria freudiana, Marcuse sublinha a dupla modelação da memória (ou passado) tanto no indivíduo quanto na sociedade, pois se por um lado com a recordação do princípio do prazer o id conduz os vestígios da memória para o futuro presente, por outro o Super-eu (também inconsciente) traz consigo o passado no qual a satisfação integral deu espaço para a adaptação de um presente punitivo. E sabendo que para Freud a organização repressiva das pulsões é pressuposta em todas as formas históricas de Princípio de Realidade na civilização, e a justificativa para essa organização é o conflito irreconciliável entre o Princípio do Prazer com o de Realidade, conclui-se que a civilização se desenvolveu como dominação organizada.

²⁶ IBIDEM, p. 38

Ao abordar a incompatibilidade entre os princípios do prazer e da realidade, Marcuse observa que, na prática, esse argumento se desfaz. No âmbito do princípio de realidade, a satisfação requer o envolvimento no trabalho para adquirir os meios necessários para atender às necessidades básicas. Considerando que esse princípio é organizado de forma específica, alinhado a uma atitude existencial e histórica particular, surge a constatação de que a organização das necessidades na civilização não é "distribuída coletivamente de acordo com os carecimentos individuais"²⁷, mas, ao contrário, é imposta aos indivíduos.

Essa observação destaca um descompasso entre a estrutura da sociedade e as necessidades individuais, indicando que a distribuição dos recursos e a organização social não necessariamente refletem as verdadeiras carências de cada indivíduo. A imposição dessas estruturas sobre os indivíduos implica uma limitação na realização das suas aspirações e na satisfação de suas necessidades específicas. Assim, a análise de Marcuse ressalta que, na prática, o princípio de realidade muitas vezes não opera de maneira apropriada no atendimento das necessidades individuais, sugerindo a presença de um desequilíbrio entre as exigências sociais e as necessidades genuínas dos indivíduos. Essa desigualdade, conforme apontado por Marcuse, tem implicações significativas na compreensão das dinâmicas sociais e na busca por uma sociedade mais justa e satisfatória para todos.

E na camada mais básica da repressão, encontra-se a “fixação” dos impulsos sexuais parciais que pode intensificar o prazer, mas também pode agir contra a gratificação, visto que na história da civilização a repressão e a mais-repressão já não se diferenciam, logo a organização da genitalidade foi moldada de tal forma que os impulsos parciais foram quase todos dessexualizados em nome de uma organização social específica da civilização. A essa especificidade que administrou as origens e o desenvolvimento da civilização, Marcuse chamou de Princípio de Desempenho (*performance principle*) que pressupõe “um logo desenvolvimento durante o qual a dominação foi crescentemente racionalizada: o controle sobre o trabalho social reproduz agora a sociedade numa escala ampliada e sob condições progressivas.”²⁸.

Ao analisar a configuração deste princípio, destaca-se uma de suas características proeminentes: o conceito de alienação. Nessa estrutura, o trabalho alienado se revela como a negação do princípio do prazer, pois implica desviar a libido do indivíduo para servir a um sistema, frequentemente em desacordo com seus próprios desejos e aspirações. A dinâmica da alienação no trabalho significa que a energia psíquica, originalmente direcionada ao prazer e à

²⁷ IBIDEM, p.52

²⁸ IBIDEM, p.58

satisfação pessoal, é redirecionada para atender às demandas de um sistema externo. Esse sistema, muitas vezes, não está alinhado com as inclinações e anseios individuais, criando um cenário no qual a busca pelo prazer é subjugada pelo imperativo de contribuir para uma estrutura que pode estar desconectada das verdadeiras motivações e paixões do indivíduo.

O desvio da libido para atividades socialmente úteis acaba por sustentar a vida dos indivíduos devido à sua utilização social, pois, na medida em que as restrições impostas à libido são racionalizadas e entranhadas na sociedade, elas operam como uma força internalizadora fazendo com que a autoridade social seja absorvida tanto na consciência quanto no inconsciente do indivíduo, atuando como se de fato fossem os desejos e satisfações dele (o indivíduo). Diante da submissão (voluntária?) do corpo e da mente ao trabalho alienado e a sua transformação em instrumentos de trabalho, Marcuse destaca o papel do tempo e a sua distribuição nesse processo de transformação.

O homem existe só uma parcela de tempo, durante os dias de trabalho, como um instrumento de desempenho alienado; o resto do tempo está livre para si próprio. (Se o dia médio de trabalho, incluindo os preparativos e a viagem de ida e volta do local de trabalho, somar dez horas, e se os carecimentos biológicos de sono e alimentação exigirem outras dez horas, o tempo livre será de quatro horas em cada vinte e quatro, durante a maior parte da vida do indivíduo)²⁹

Contudo, para além da alienação do trabalho³⁰, o princípio de desempenho também aliena o tempo livre. Marcuse diz que no estágio pré-industrial da sociedade o tempo livre era controlado através do próprio trabalho, pois mediante a uma rotina estafante de trabalho o lazer implicava o relaxamento para a recuperação das energias para o trabalho, contudo, no estágio da civilização industrial que ele está analisando o controle é dado por intermédio da indústria do entretenimento, uma vez que com o aumento da produtividade os limites da dominação repressiva passam a ser ameaçados. E em paralelo com a organização da sexualidade, a organização social do princípio de desempenho também “unifica” vários objetos em um único objeto, de modo que não haja um desenvolvimento livre para uma gratificação “superior”, esse processo unificador é necessariamente repressivo e dessexualiza socialmente o corpo a tal ponto que concentra a libido a apenas uma parte do corpo (a saber a supremacia genital) e todo o resto é tomado como instrumento de trabalho.

Marcuse afirma que a civilização é, acima de tudo, trabalho, e sabendo que para Freud o trabalho é demasiadamente penoso e que não existe uma pulsão que impulse o indivíduo para esta ação, conclui-se que o trabalho é não-libidinal e por isso deve ser imposto. E por não

²⁹ IBIDEM, p. 59

³⁰Vale ressaltar que para Marcuse o conflito irreconciliável não é dado pelo Princípio de Realidade (trabalho) e o Princípio de Prazer (eros), mas entre o Princípio de Desempenho (trabalho alienado) e Eros.

haver uma “pulsão do trabalho” a energia para o labor é retirada das pulsões primárias, a saber, os sexuais e os destrutivos. Essa retirada (ou desvio) das pulsões primárias faz com que “a principal esfera da civilização aparece-nos como uma esfera de sublimação”³¹.

Mas, esse desvio das pulsões sexuais (instituto primário) não ocorre apenas no âmbito do trabalho, um dos apontamentos relevantes de Marcuse assinala os institutos especificamente “sociais” em que os indivíduos renunciam essa para tornarem-se sociáveis, possibilitando assim, o acúmulo “de riquezas materiais e ideias para a civilização”³². Logo, a sublimação contínua é uma exigência da cultura, e tendo em vista que a sublimação envolver dessexualização, fica subentendido que essa dessexualização enfraquece o Eros e liberta as pulsões destrutivos provocando uma possível vitória da pulsão de morte sobre a pulsão de vida, sendo assim a progressiva renúncia levaria a civilização a autodestruição.

Marcuse considera a análise da relação entre as fontes psíquicas e os recursos de trabalho com a sublimação um tanto quanto negligenciada pela teoria psicanalítica. Nas escolas neofreudianas os estudos são mais focados no trabalho “criador” da arte, enquanto dentro do trabalho, referente ao domínio dos carecimentos, este sucumbiu à ideologia da “produtividade”. A crítica de Marcuse não é endereçada à possibilidade de um trabalho que ofereça um grau de satisfação libidinal, mas sim à essa visão das bênçãos da produtividade e da livre escolha do trabalho, pois nas relações de trabalho na civilização a livre consiste em “uma seleção limitada entre carecimentos pré-estabelecidos, e se as inclinações e impulsos usados no trabalho são diferentes dos prefigurados por um princípio repressivo de realidade”³³. A impossibilidade de gratificação individual por intermédio do trabalho muito se vale pelo fato de que historicamente o trabalho (alienado) foi imposto por força e por necessidade aos indivíduos, e isso possibilitou a criação e o aumento da base material na civilização, contudo segue sendo deplorável.

Em suma, para Marcuse a dinâmica da sociedade industrial avançada ao invés de promover uma verdadeira libertação individual através do progresso tecnológico, utiliza o avanço tecnológico como um meio de fortalecer os mecanismos de controle e repressão. Nesse contexto, o poder de integração da sociedade industrial avançada cria uma aparente contradição: em vez de permitir a realização dos desejos e pulsões individuais, ela os canaliza para uma função específica - a força de trabalho. A frustração surge ao perceber que, embora a tecnologia tenha o potencial de proporcionar uma liberdade mais ampla, ela é subjugada e

³¹ IBIDEM, p.87

³² IBIDEM, p.86

³³ IBIDEM, p.88

direcionada para a preservação dos controles existentes. Os indivíduos, então, são compelidos a adiar seus desejos e pulsões, sendo obrigados a sublimá-los na forma de energia de trabalho.

1.2. O conceito de sublimação

Como bem aponta Laplanche e Pontalis, em *Vocabulário da Psicanálise*³⁴, que apesar do conceito de sublimação possuir algumas lacunas, ele é constantemente invocado teoria freudiana, e se tornou indispensável para a compreensão do conceito em questão. A falta de uma delimitação do conceito causa uma leve hesitação nos autores em trabalhá-lo, principalmente, porque não se sabe ao certo se o desvio das pulsões dizem respeito apenas aos objetivos, isto é, às metas, ou também ao objeto da pulsão. De todo modo os autores assumem que a modificação do objetivo e a mudança do objeto correspondem à noção de sublimação.

E como o objetivo deles não é cravar a definição do conceito, eles apresentam um breve índice de tendências da sublimação na teoria freudiana. Primeiramente, a sublimação afeta, especialmente, as pulsões parciais que, após a supressão dos elementos perversos da excitação sexual, são empregados para atividades culturais. Laplanche e Pontalis também expõem os dois mecanismos da sublimação, no qual o primeiro refere-se à relação das pulsões sexuais com os de autopreservação, e afirmam que do mesmo modo que as funções não-sexuais são contaminadas pela sexualidade, também as perturbações sexuais devem se aprofundar em desempenhar outra função útil para a "saúde mental".

Em "*Os três ensaios sobre a sexualidade*"(1905), Freud examina o adiamento das pulsões sexuais no período da infância. Ora, é certo que os recém-nascidos possuem pulsões sexuais que se desenvolvem, mas logo sucumbem a uma progressiva supressão. A formação reativa e a sublimação são realizadas às custas do desvio dessas pulsões sexuais infantis que passam a serem dirigidas para outros fins. E tendo como base os historiadores da civilização, que atribuem ao processo de sublimação esse desvio das pulsões e metas sexuais para outras metas, Freud supõe que o mesmo ocorre no desenvolvimento do indivíduo a partir do período de latência sexual infantil.

Freud argumenta que o processo de sublimação, envolve a transformação das pulsões sexuais em atividades socialmente aceitáveis. Ele explicita que, durante a infância, as pulsões sexuais são inutilizáveis e, portanto, passam a ser adiadas. No entanto, Freud aponta que essas

³⁴ Laplanche, Jean. *Vocabulário da psicanálise* / Laplanche e Pontalis ; sob a direção de Daniel Lagache ; [tradução Pedro Tamen]. — São Paulo : Martins Fontes, 1991.

pulsões são consideradas pervertidas em si mesmas devido à orientação do desenvolvimento individual. Essa orientação do desenvolvimento individual implica que certas sensações prazerosas associadas às pulsões sexuais são consideradas desprazerosas ou até mesmo inaceitáveis socialmente. Para lidar com esse desconforto, o indivíduo desenvolve forças psíquicas contrárias, que atuam como represas psíquicas para suprimir eficazmente essas pulsões. Essas represas psíquicas são fundamentadas na tentativa de evitar o desprazer e manter a estabilidade psíquica.

Deste modo, o psicanalista sugere que a sublimação é um mecanismo psíquico que permite ao indivíduo canalizar suas pulsões sexuais de maneira socialmente aceitável, ao mesmo tempo em que suprime o desprazer associado a essas pulsões. Esse processo desempenha um papel fundamental na formação da personalidade e no equilíbrio entre os impulsos sexuais e as demandas da sociedade.

O segundo mecanismo, citado por Laplanche e Pontalis, deriva de uma mudança na teoria freudiana após o advento da noção de narcisismo, em "*O eu e o id*"(1923) Freud desenvolve a ideia de energia do eu que é "dessexualizada e sublimada", logo é capaz de deslocar-se para atividades não-sexuais, e manter o objetivo principal do Eros, a saber, unir e ligar, estabelecendo assim uma unidade que é uma característica particular do Eu.

Considerando que a sublimação dispõe de uma quantidade de energia para a atividade civilizada de desviar as metas, sem diminuir materialmente a sua intensidade, Fernandes³⁵ aponta a relação do conceito com outros conceitos da teoria freudiana, sendo eles o da metapsicologia das pulsões e os mecanismos de defesa do Eu, em que no primeiro caso a sublimação atua como uma expressão positiva da pulsão, e no segundo como um meio de defesa capaz de conter os excessos da vida pulsional. E como em seu ensaio ele dedica-se a expor a sublimação a partir de uma perspectiva estética, a arte como atividade socialmente valorizada é o centro da sua análise, em que ele apresenta o que seria o enigma da arte que é dividido em duas vertentes, a razão criadora do artista e a relação entre a obra e o espectador, a esta última ocorre o fenômeno do reconhecimento "de uma semelhança entre as emoções e as intenções manifestadas pelo artista e pelo espectador"³⁶

E assim como Laplanche e Pontalis, Fernandes também aponta uma virada na teoria freudiana acerca da sublimação, contudo na sua visão foi com a descoberta do Complexo de

³⁵ FERNANDES, Sergio Augusto Franco. Sobre o uso do conceito de sublimação e suas derivações, a partir da perspectiva estética marcuseana. *DoisPontos*, [S.l.], v. 13, n. 3, dez. 2016. ISSN 2179-7412. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/47239>>. Acesso em: 10 jul. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/dp.v13i3.47239>.

³⁶ IBIDEM, p. 119

Édipo e a publicação de "*Interpretação dos sonhos*" que o arcabouço teórico sofre uma ampliação da teorização da arte e os seus mecanismo de criação, em que se torna indubitável a semelhança entre o sonho e a obra de arte. Fernandes diz que:

a comparação entre o sonho e a obra de arte se justifica, na medida em que Freud estabelece a afinidade entre a criação artística e o sonho, entre o artista e o neurótico. Logo, o complexo de Édipo e a simbólica dos sonhos passaram a constituir, já no início do século XX, dois instrumentos teóricos que lhe possibilitaram continuar suas reflexões sobre a arte e sobre os mecanismos da criação.³⁷

A conclusão do autor é que a obra de arte oferece um consolo diante da realidade e no diagnóstico da civilização ocidental, a promessa de uma felicidade futura é o que justifica o peso do sacrifício da libido e da satisfação imediata das pulsões. E na sua investigação sobre a Felicidade e a dificuldade dos homens em realiza-lá em "O mal-estar da Civilização" Freud se depara três fontes sofrimento humano, a saber "a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos" e enquanto as duas primeiras é inevitável nossa rendição a elas, mas a terceira que diz respeito ao social temos uma certa relutância em admitir que as instituições por nós criadas não proporcionam bem-estar e proteção como pretendíamos. O fracasso das normas que nos regulam, faz com que Freud levante a hipótese de que na nossa própria constituição psíquica esteja presente uma natureza indomável.

Diante do iminente risco de experimentar o sofrimento, o indivíduo aprendeu a reprimir suas aspirações em busca da felicidade. E entre os inúmeros métodos para evitar o desprazer destacamos o isolamento, ou solidão voluntária, em que o indivíduo se afasta do temido mundo externo, a submissão da natureza à vontade humana através da ciência, e a influência química em nosso organismo. No caso de o mundo exterior não saciar as nossas carências pulsionais, causando o sofrimento, uma das alternativas para aliviar tal sofrimento, seria dominar as fontes internas do carecimento. Logo, a sublimação surge como uma alternativa para facilitar essa dominação dos pulsionais, a partir do deslocamento das metas pulsionais, o ganho de prazer seria "a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual."³⁸ A satisfação adquirida por esse gênero (sublimação?) nas palavras de Freud parecem ser "mais finas e elevadas", no entanto em comparação com a satisfação de impulsos pulsionais, ela é amortecida³⁹ (reduzida.).

³⁷ IBIDEM, p. 119

³⁸ FREUD, Sigmund. Obras completas - O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18, p. 24

³⁹ A diferença entre uma satisfação fina e elevada e uma satisfação amortecida está relacionada ao nível de prazer e realização pessoal que é experimentado. A sublimação pode permitir que as pulsões sejam controladas e dominadas, mas é importante que a satisfação resultante seja baseada em uma conquista real e significativa para

Contudo, Freud explicita que a sublimação não se aplica a todos, pois requer disposições especiais, e ainda assim não assegura por completo uma proteção contra o sofrimento. E sobre essas disposições especiais que é um dos requisitos da sublimação o psicanalista trabalha em sua obra "*Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci*" (1910) que a partir das "coincidências" da vida de Leonardo, Freud conclui que o artista italiano tinha convertido sua "paixão" em uma rede de "conhecimento". E que Whitebook coloca, resumidamente, que por ter uma mãe muito afetuosa que estimulou sua curiosidade sexual, e um pai que não o proibia, Leonardo não precisou reprimir essa curiosidade, ao invés disso ele a preservou para posteriormente sublimá-la em suas investigações científicas.

A premissa de Freud é que na vida cotidiana da maioria dos homens, eles conseguem desviar para as atividades profissionais, uma parte considerável de suas forças pulsionais sexuais. E de acordo com Freud, a compreensão do processo de sublimação pode ser obtida ao examinar a história infantil de uma pessoa. Durante a infância, as pulsões sexuais são intensas e dominantes, e a energia psíquica é direcionada para a busca do prazer sexual. No entanto, à medida que o indivíduo se desenvolve e se socializa, essas pulsões precisam ser redirecionadas e canalizadas de maneira socialmente aceitável.

Na vida adulta, a sublimação ocorre quando parte da energia sexual é desviada de suas manifestações sexuais diretas e é redirecionada para outras atividades socialmente valorizadas. Essas atividades podem incluir a busca de realizações profissionais, criatividade artística, engajamento em atividades esportivas ou mesmo o desenvolvimento de amizades significativas. A sublimação permite ao indivíduo expressar e satisfazer suas pulsões sexuais de uma maneira socialmente aceitável, evitando assim conflitos e desprazer. Freud acreditava que a sublimação era um mecanismo crucial para a adaptação saudável à vida em sociedade, pois permitia que as pulsões sexuais fossem redirecionadas para atividades construtivas e produtivas.

Contudo, a inquietação de Freud refere-se à aplicação de tal hipótese mediante os casos em que a pulsão dominante é o da investigação, e nos *Três ensaios sobre a sexualidade* o psicanalista diz que:

Na mesma época em que a vida sexual da criança atinge seu primeiro florescimento, dos três aos cinco anos de idade, também começa a aparecer aquela atividade que se atribui a pulsão de saber ou de pesquisa. A pulsão de saber não pode ser incluído entre os componentes pulsionais elementares nem ser subordinado exclusivamente à

que a pessoa possa experimentar um prazer mais refinado e elevado. Na satisfação fina e elevada, o prazer é derivado das fontes de trabalho psíquico e intelectual. Já na satisfação amortecida o prazer é mais superficial e menos intenso, resultante de uma satisfação secundária que deriva da sublimação da pulsão.

sexualidade. Sua ação corresponde, por um lado, a uma forma sublimada de apoderamento, e, por outro lado, ele trabalha com a energia do prazer de olhar.⁴⁰

Freud qualifica como "*período da investigação sexual infantil*" a fase em que a criança é provocada a obter conhecimentos ao deparar-se com o "nascimento—real ou apenas receado, com base em evidências externas— de um irmãozinho que a criança vê como uma ameaça a seus interesses egoístas"⁴¹, diante desse medo a investigação corre ao curso de conhecer a origem das crianças. E todos os dados oferecidos como respostas são recusados pela criança, que incrédula inicia a sua independência intelectual, e busca por seus próprios meios a solução para o problema da origem. Posterior a esse período surge o processo de "enérgica repressão sexual" que apresenta três possibilidades para o destino da pulsão de investigação, a saber, a primeira em que a investigação é cortada e o desejo por saber acaba sendo limitado, no segundo caso, o desenvolvimento intelectual pode resistir à repressão, mas em contrapartida a investigação transforma-se em atividade sexual, e por terceiro, e último, em que o indivíduo possui uma disposição especial que o possibilita de escapar "tanto à inibição do pensamento como à compulsão neurótica ao pensamento"⁴², que é o caso de Leonardo da Vinci.

Nesse terceiro tipo a repressão sexual não é transferida ao inconsciente, desse modo a libido é sublimada desde o princípio ao conhecimento e intensifica ainda mais a pulsão de investigação. Aqui, assim como na segunda possibilidade, a investigação converte-se em atividade sexual, todavia, Freud diz que:

devido à completa diferença entre os processos psíquicos subjacentes (sublimação em vez de irrupção desde o inconsciente), o caráter de neurose está ausente, não já mais vínculo com os originais complexos da pesquisa sexual infantil, e a pulsão pode atuar livremente a serviço do interesse intelectual. Ao evitar ocupar-se de temas sexuais, ele ainda leva em conta a repressão sexual, que tanto o fortaleceu mediante o acréscimo de libido sublimada.⁴³

Poucos são dados documentados sobre o período de infância de Da Vinci, sabe-se que ele é filho ilegítimo de Ser Piero e que por volta dos seus cinco anos de idade é citado em uma nota de imposto florentino como membro da família Da Vinci. Freud então emprega a sua análise a partir de um breve relato do próprio Leonardo sobre uma recordação em que quando ele era criança um abutre abriu-lhe a boca e colocou o rabo dentro, e pois a sacudi-lo repetidamente na boca. Nesse primeiro momento o psicanalista encontra-se incrédulo em relação ao conteúdo do relato, e o classifica como sendo uma fantasia do artista. Sua explicação para tal

⁴⁰ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 103

⁴¹ FREUD, Sigmund. "Uma recordação da infância de Leonardo da Vinci" (1910). In. Obras completas, volume 9 [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. pp.137-138

⁴² IBIDEM, p. 140

⁴³ IBIDEM, p.140

hipótese é apresentada através de um paralelo da recordação dos indivíduos com a de um povo, em que em ambos os casos as lembranças são deformadas, falsas e que estão a serviço de tendências posteriores, isto é, a construção dessas recordações nada mais seria do que uma expressão dos desejos contemporâneos.

Contudo, mantendo o relato da fantasia infantil do florentino, Freud prossegue sua análise para buscar uma explicação, de como uma interpretação que solucionava o relato como uma fantasia relacionada a mãe, acabou por ser transformada em uma situação homossexual? Numa tentativa de relacionar à fantasia com outro caso peculiar, as divindades egípcias surgem na investigação, mais especificamente a deusa Mut que é uma divindade maternal representada com uma cabeça de abutre e um falo⁴⁴, que de certo modo se encaixaria e permitiria uma interpretação da primeira recordação de Da Vinci.

Todavia, Freud descarta a relação com as divindades egípcias sexuais e recorre para as teorias sexuais infantis em particular a "ameaça da castração". Inicialmente, na vida do indivíduo há um período de harmonização dos órgãos genitais masculinos com a representação da mãe, contudo, quando o menino, movido pela curiosidade, começa a investigar, os enigmas da vida sexual, acredita que seus próprios órgãos genitais são tão importantes que é inconcebível para ele que falte o tal órgão nas pessoas que lhe rodeiam, inclusive as mulheres, logo ao fazer uma observação direta da genitália feminina, conclui que elas possuem, mas ainda não se desenvolveu. Ao passo que essa hipótese não é confirmada, cria-se então a teoria de que as meninas possuíam o membro, mas lhes foi cortado, assim sendo o menino se vê constantemente ameaçado de amputarem o seu órgão, e passa a temer por sua virilidade.

Retomando o relato de Da Vinci que expressa explicitamente, segundo Freud, de que em seu período infantil julgava que a sua mãe possuía os mesmo órgãos genitais que os seus, sendo assim o psicanalista conclui precocemente a sua análise da fantasia sexual do florentino que corrobora com a teoria de que a mãe é vista como possuidora de órgãos masculinos.

Ainda com certo receio de relacionar as recordações do artista com a sua posterior homossexualidade, Freud aponta que os estudos em torno da temática apresentam de modo claro essa relação, ele diz:

Todos os nossos homens homossexuais tiveram, nos primeiros anos da infância (depois esquecidos), uma intensa ligação erótica numa pessoa do sexo feminino, geralmente a mãe, ligação essa provocada ou favorecida pela ternura

⁴⁴ Não apenas a deusa Mut, mas outras divindades egípcias eram de natureza andrógina, e de acordo com as pesquisas de Freud, ele diz que segundo alguns mitólogos a ideia de divindades com características masculinas e femininas representavam a imagem da perfeição divina.

excessiva da própria mãe e, além disso, sustentada pelo distanciamento do pai na vida da criança.⁴⁵

No entanto, a ternura da mãe durante o desenvolvimento do indivíduo também sucumbe à repressão, logo, a repressão do amor da mãe⁴⁶ dar espaço para identificação com estas, que passa a servir de modelo para a escolha dos seus novos objetos eróticos, deste modo o indivíduo transforma-se em homossexual. Não obstante, é importante frisar que Freud indica a transformação homossexual como autoerotismo, e para desenvolver melhor essa ideia ele retoma a noção de narcisismo.

Em *Introdução ao narcisismo*(1914) Freud salienta a relação entre o narcisismo e o autoerotismo é que este último refere-se a uma pulsão primordial e é necessário acrescentar uma nova ação psíquica para que se forme o narcisismo, e para que EU possa se desenvolver. Neste estudo, Freud explicita a oposição entre a libido do EU e a libido do objeto, em que quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra. Sendo assim, no estado de narcisismo, as energias psíquicas estão juntas e só podem ser distinguidas em energia sexual, a libido, de uma energia das pulsões do Eu, quando se tem o investimento no objeto. Durante o desenvolvimento do indivíduo surge o carecimento de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos, isso se dá quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. Freud assinala que:

As primeiras satisfações sexuais auto eróticas são experimentadas em conexão com funções vitais de autoconservação.As pulsões sexuais apoiam-se de início na satisfação das pulsões do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes deles;⁴⁷

Mas existem casos específicos em que:

De modo especialmente nítido em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu perturbação, como pervertidos e homossexuais, descobrimos que não escolhem seu posterior objeto de amor segundo o modelo da mãe, mas conforme o de sua própria pessoa. Claramente buscam a si mesmas como objeto amoroso, evidenciando o tipo de escolha de objeto que chamaremos de *narcísico*.⁴⁸

Sem poder afirmar de forma categórica a homossexualidade de Da Vinci, Freud se dá por satisfeito em concluir que apesar do escasso material sobre a vida sexual do artista, os

⁴⁵ IBIDEM, pp. 165-166

⁴⁶ Durante a infância, a mãe pode oferecer amor e carinho ao filho, mas essa expressão de afeto pode ser reprimida pela cultura e pelas expectativas sociais. A repressão do amor da mãe pode dar espaço para a identificação com ela, o que significa que o indivíduo pode adotar características e comportamentos semelhantes aos da mãe como um modelo para a escolha de seus novos objetos eróticos.

⁴⁷ FREUD, Sigmund. Obras completas - Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12. pp. 31-32

⁴⁸ IBIDEM, p.32

vestígios de "inclinação sexual não transformada"⁴⁹ são o suficiente para direcioná-lo ao quadro da homossexualidade.

Cativado pela fantasia do florentino, Freud dirige a sua análise para as obras de arte para destacar a exteriorização e integração das memórias do pintor, e nota que em suas primeiras representações artísticas do florentino existe duas classes de objetos, que no contexto da análise psicanalítica, seriam de ordem sexuais. Freud diz:

Se as belas cabeças de crianças eram reproduzidas de sua própria pequena pessoa, então as mulheres que riem são repetições de Caterina, sua mãe, e começamos a imaginar a possibilidade de que ela tivesse o misterioso sorriso que ele havia perdido, e que tanto o cativou quando reencontrou na dama florentina.⁵⁰

Para Freud, o sorriso "leonardesco"⁵¹ nas figuras das obras de Da Vinci seria um elemento que sugere um segredo amoroso do artista, que utilizaria o recurso para superar o malogro da sua vida erótica. Qualificando como "*perseverações*" as repetições tanto nas pinturas, quanto nas anotações do diário do florentino, é vista pelo psicanalista como sendo uma expressão deformada decorrente da falha de repressão dos afetos. E nesse ponto Freud sublinha o papel do pai de Da Vinci no desenvolvimento psicosexual do seu filho, tanto pela sua ausência nos primeiros anos de vida, quanto a presença subsequente, que acarretaram na não identificação inicial com o pai e o desejo de derrotá-lo para obter a atenção exclusiva da mãe, logo esse tipo de identificação perdeu o sentido para a vida sexual do artista, mas prevaleceu para as outras atividades sem o teor sexual, a saber, as criações artísticas.

Sabendo que a maioria das pessoas precisam de apoio de uma autoridade externa para o seu mundo. Conclui-se que a falta da autoridade externa possibilitou a alta sublimação de Leonardo da Vinci, pois este aprendeu a renunciar o pai, logo a investigação sexual infantil não foi cortada por este último, mas provocou o seu afastamento do âmbito sexual, fazendo com que assim a investigação científica permanecesse contínua.

As conclusões da investigação de Freud sobre a infância de Da Vinci ressalta o papel da sublimação nos estágios iniciais e na maturidade do pintor e pesquisador florentino. A prematura maturação sexual infantil, causada pelos afagos maternos, possibilitou uma intensa investigação sexual neste primeiro período, contudo com o posterior desenvolvimento da repressão houve um afastamento bruto de toda atividade sexual, em que uma notável parte da necessidade da pulsão sexual foi sublimada atuando a favor do desejo geral de conhecimentos, enquanto a outra parte foi atrofiada na vida sexual adulta. Considerando que

⁴⁹ FREUD, Sigmund. "Uma recordação da infância de Leonardo da Vinci" (1910). In. Obras completas, volume 9 [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. pp.137-138 p. 169

⁵⁰ IBIDEM, p. 184

⁵¹ "leonardesco" é um termo utilizado por Freud para referir-se ao sorriso enigmático presente nas obras de Da Vinci. Da mais conhecida como no quadro de Monalisa, bem como nas figuras andróginas dos discípulos.

para o psicanalista a sublimação não se aplica a todos, ele admite que o caso e os acasos na vida de Da Vinci não podem ser decifrados pela psicanálise, visto que este apresenta características bastante distintas, a saber, a "sua tendência muito especial para repressões pulsionais, e sua extraordinária capacidade para a sublimação das pulsões primitivas"⁵².

De acordo com o caso de Da Vinci, fica claro que para Freud a sublimação não é para todos, contudo devemos ressaltar que o texto sobre as memórias da infância do florentino é datado do ano de 1910, e como bem aponta Martins⁵³ no decorrer dos anos Freud sempre retornou para agregar novos traços teóricos para a noção de sublimação. Dentre eles está a diferenciação entre sublimação e formação de um ideal⁵⁴, pois este último ocorre a partir do mecanismo de idealização, que pode ser dado tanto na esfera da libido objetal quanto da libido do eu, mas diferente da sublimação, a formação de um ideal incide diretamente sobre o objeto, enquanto a sublimação é acerca da pulsão. Martins destaca também a abordagem da sublimação no contexto da 2ª tópica, mais especificamente no texto *O eu e o id* de 1923 que apresenta a dessexualização como também sendo uma característica da relação entre o eu e o id. Quando o Eu se identifica como objeto de investimento, ocorre a transformação dos objetivos da pulsão em alvos não sexuais, resultando assim numa dessexualização, que é considerada como sublimação, justamente, devido ao caráter assexual do processo.

Outrossim, Martins recorre à psicanalista Sophie Mellor-Picaut que buscou articular as noções de sublimação e identificação, para Mellor-Picaut a noção de sublimação é aplicada de duas formas na obra freudiana, a primeira referente ao abandono ou desvio das metas sexuais da pulsão, e a segunda diz respeito à sublimação enquanto um processo psíquico (possuindo uma especificidade teórica) que possibilita a sua realização e a busca por novos objetos para as pulsões sublimadas. Nessa segunda aplicação a sublimação apresenta uma estreita relação com à identificação, que segundo Mellor-picaut é o que garante a sublimação uma especificidade teórica, a saber:

O processo que leva à sublimação requer uma transformação da libido objetal em libido narcísica, o que se faz possível através da identificação realizada pelo eu. É justamente esta ênfase na identificação que aponta para a relevância da desfusão já que “quando uma transformação desse tipo se efetua, ocorre ao mesmo tempo uma desfusão pulsional” (FREUD, 1923b:71). Assim, uma vez confirmada a importância da ação do eu e do mecanismo de identificação no processo de sublimatório, ganha evidência também a possibilidade de a sublimação implicar uma desfusão pulsional,

⁵² IBIDEM, p. 217

⁵³ MARTINS, Cecília Freire. Da sublimação à idealização: implicações psíquicas das transformações no mundo do trabalho. Rio de Janeiro, 2011. 100p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica.

⁵⁴ cf. FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo

visto que após ser sublimado, o componente erótico da pulsão já não teria força para manter-se atrelado à agressividade que antes estava ligada a ele.⁵⁵

A respeito dessa des fusão pulsional, Martins salienta que a partir de 1923 com a vinculação dos mecanismos de sublimação e identificação, o eu torna-se responsável por manter o equilíbrio dentro do processo de sublimação, para impedir essa des fusão pulsional.

Para a autora, o grande desenvolvimento acerca da sublimação está presente em *O mal-estar na civilização*, pois Freud destaca o papel da sublimação em amenizar o sofrimento, causado pelo mundo externo, através do desvio das pulsões para fins sociais, possibilitando o desenvolvimento de atividades culturais, tais como a arte, ciência e a religião. O foco de Martins é mostra como uma condição de desamparo originária possibilita a articulação da sublimação com a organização civilizatória, a autora segue a linha de pensamento em que o desamparo é uma condição inerente do indivíduo, que o acompanha desde o período da infância, através da tensão entre as suas satisfações e a necessidade de intervenção de seu cuidador (do outro), no qual a condição de desamparo evidencia a importância do outro para a efetivação das satisfações, contudo, nesse cenário há a necessidade de renunciar a livre satisfação das pulsões devido a existência do outro. A autora diz:

É neste momento, então, que a sublimação se apresenta como um destino pulsional bastante favorável, uma vez que oferece uma via alternativa de satisfação da pulsão que não se constitui como uma ameaça ao objeto.⁵⁶

A conclusão de Martins é que a vista da condição de desamparo, o estabelecimento da cultura é imprescindível para a existência humana, e que a sublimação possui um papel muito importante para o processo civilizatório.

1.3. O projeto marcuseano

Seguindo o seu objetivo de encontrar na própria teoria freudiana fundamentos que possibilitem uma teorização de uma civilização não-repressiva, Marcuse indica outras formas de sublimação que sugerem o desenvolvimento da civilização a partir de relações libidinais livres. Um dos exemplos dados são as "pulsões sexuais de finalidade inibida" que não abandonam completamente suas finalidades sexuais, mas que, se mantêm por meio de resistências internas que os impele de atingir tal finalidade, mas que garantem a satisfação mediante determinadas proximidades de satisfação. A referência de Marcuse é a "barreira do incesto" postulada por Freud no desenvolvimento das "transformações da puberdade".

⁵⁵ IBIDEM, p.40

⁵⁶ IBIDEM, p.43

Freud diz que, como consequência do recebimento da ternura dos pais, que evitam o despertar prematuro da pulsão sexual, é mais fácil para a criança preferir que as pessoas que ela ama desde a infância como objeto sexual. Logo, com o adiamento da maturação sexual, pôde-se obter mais tempo para construir a barreira do incesto que determina expressamente a exclusão de qualquer parente sanguíneo como uma possível escolha objetual. Sendo uma das aquisições históricas da humanidade, para o psicanalista a barreira do incesto é uma exigência cultural da sociedade, que tem como objetivo afrouxar os laços de família, do indivíduo, principalmente no jovem. Contudo, a escolha do objeto é primeira realizada na imaginação e quando a vida sexual do adolescente não tem outra opção, ele se entrega à fantasia e não concretiza as ideias. Freud afirma que:

Simultaneamente com a superação e repúdio dessas fantasias claramente incestuosas, sucede uma das realizações psíquicas mais significativas e também mais dolorosas da época da puberdade, o desprendimento da autoridade dos pais, através do qual se cria a oposição -tão relevante para o avanço cultural - da nova geração em face da antiga.⁵⁷

O teórico também cita o psicanalista e antropólogo húngaro Géza Róheim, que utilizou a noção de "libido genitófuga" do também psicanalista húngaro Sándor Ferenczi, para fundamentar sua teoria sobre as origens libidinais da cultura, na qual a libido teria uma tendência inerente ao cultural, seria genitófuga por se afastar da supremacia genital e erotizar o organismo como um todo. E em seu artigo intitulado "Eros e o corpo degradado" a prof.^a dr.^a Imaculada Kangussu diz que:

Ferenczi imagina, então, um fluxo diametralmente oposto ao que canaliza a excitação dos diversos órgãos para o aparelho genital ("genitópeto"), cuja direção é inversa: um refluxo ("genitófugo") que difunde a libido para outros órgãos do corpo. Marcuse considera que haja uma "tendência libidinal genitófuga" cujo movimento leva a pulsão a outras formas de gratificação erótica. O próprio Freud admite, por exemplo, a existência de vínculos libidinais nas relações de colaboração entre indivíduos, que as prolongam e consolidam. Deste modo, a luta pela existência não cancela a liberdade pulsional, mas pode ser mesmo um instrumento de gratificação.⁵⁸

Tendo em vista esses conceitos, o nosso teórico considera-os próximos do reconhecimento de uma sublimação não-repressiva, que no princípio de realidade estabelecido só se manifesta em condições marginais e parciais. Na sua forma completamente desenvolvida a "sublimação seria sem dessexualização", pois:

⁵⁷ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a sexualidade (barreira do incesto). São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 149

⁵⁸ KANGUSSU, Imaculada. Eros e o corpo degradado. Ouro Preto: Departamento de Filosofia – Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP-MG), 18 p. SD. Disponível em: https://www.academia.edu/16887252/Eros_e_o_corpo_degradado_Imaculada_KANGUSSU. p. 11

A pulsão não é "desviada" de sua finalidade; é satisfeito em atividades e relações que não são sexuais no sentido de sexualidade genital "organizada", mas que, não obstante, são libidinais e eróticas.⁵⁹

Na esfera da utilidade social, é dever da sublimação não-repressiva se manifestar, toda vez que a sublimação repressiva domina e determina a cultura, para negar a produtividade e desempenhos estabelecidos por esta última.

Em uma breve passagem, Marcuse aborda o problema da reativação da libido como sendo um fenômeno isolado e individual, e para isso ele recorre aos arquétipos órfico e narcisista. No mito órfico, Eros é retratado como uma figura que absorve a realidade nas relações libidinais e transforma tanto o indivíduo quanto o seu meio. No entanto, esse processo de absorção total da realidade acaba levando à morte. Da mesma forma, no mito narcisista, o sujeito se concentra exclusivamente em si mesmo, na sua própria imagem e prazer, o que também leva à morte simbólica.

Para o teórico a sublimação das pulsões sexuais, ou seja, a transformação da energia sexual em atividades culturalmente valorizadas, deve ser um processo "supra-individual". Isso significa que a sublimação não deve ser apenas um fenômeno individual, mas sim ocorrer em uma esfera comum, de forma socialmente construída. Marcuse argumenta que a única maneira para a libido seguir um caminho de auto-sublimação é através de relações mútuas entre os indivíduos, em prol do cultivo de um meio que atenda os seus carecimentos em constante crescimento e que permita o uso de suas capacidades. É somente por meio dessa interação social e colaborativa que a cultura pode ser formada.

Dessa forma, o teórico destaca a importância do relacionamento mútuo e da construção de um ambiente social que valorize e canalize as pulsões sexuais de forma produtiva. Ele argumenta que a cultura não pode ser formada apenas pela reativação isolada da libido, mas sim pela criação de um espaço coletivo onde as pulsões sexuais sejam direcionadas para atividades socialmente construtivas e culturalmente significativas. Logo, Marcuse defende que:

A reativação da sexualidade polimórfica e narcisistas deixa de ser uma ameaça à cultura e pode levar, ela própria, à criação cultural, se o organismo existir não como um instrumento de trabalho alienado, mas como um sujeito de auto-realização — por outras palavras, se o trabalho socialmente útil for, ao mesmo tempo, a transparente satisfação de uma necessidade individual.⁶⁰

Dadas as condições supracitadas, o teórico enfatiza a possibilidade do aumento na busca por relações libidinais mais numerosas, que através do impulso de obtenção de prazer

⁵⁹ MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968, p.182

⁶⁰ IBIDEM, p.183

em zonas do corpo, aumentam também a satisfação da pulsão. Marcuse ressalta que dentro do âmbito do Eros a "extensão" do impulso não está confinada ao corpo, a separação antagônica das partes físicas e espirituais é resultado de uma repressão histórica, e que nesse caso a idéia estética de uma "razão sensual" (*sinnlichen Vernunft*) agiria de modo que "a esfera espiritual se torna objeto 'direto' de Eros e continua a ser um objeto libidinal"⁶¹

Considerando que Platão introduziu a definição repressiva de Eros na cultura ocidental, Marcuse chama a atenção para o diálogo Banquete em que Diotima declara que o Eros é responsável por promover o desejo de um corpo belo para outro corpo e, conseqüentemente, para todos os corpos, pois, a beleza está presente em todos os corpos. Com isso o Platão conclui que o acesso à "alta cultura" (*Bildung*) ocorre por meio do amor aos jovens, pois esse amor leva a uma ascensão contínua, começando com a satisfação erótica do amor corporal narcisista e avançando para o amor pelos outros, em seguida para as ocupações belas e, por fim, para o amor pelo conhecimento. Com base nisso, pode-se inferir que Eros é responsável tanto pela "procriação" espiritual quanto pela corporal. Assim como na ordem do amor, a ordem da *Polis* também é erótica. Isso significa que a sociedade é moldada e influenciada pelo amor e pelo desejo, não apenas no aspecto sexual, mas também no desejo de conhecimento, de beleza e de uma vida mais plena e significativa.

Após a apresentação da ideia de uma sublimação não-repressiva, para Marcuse a definição freudiana de Eros ganha um maior significado, no qual "o princípio do prazer apresenta a sua dialética", pois, na medida em que o objetivo (*Ziel*) erótico, que "sustenta o corpo como sujeito-objeto do prazer"⁶², requer de um refinamento constante do organismo, esse objetivo acaba criando projetos de realização, como a abolição do trabalho, a melhorar a vizinhança, "a superação das doenças e da decipitude, a criação do luxo"⁶³ essas atividades modificam o impulso sem desviar do seu objetivo. Para o teórico se existe sublimação existe cultura, no entanto, essa sublimação ocorre dentro de um sistema de relações libidinais duradouras que estão em constante expansão e que são por si só relações de trabalho.

Ainda que Freud exponha a possibilidade do trabalho em oferecer uma descarga dos impulsos libidinais, e em última instância eróticos, Marcuse levanta uma questão crítica em relação à teoria de Freud, questionando o fato de que Freud não diferencia o trabalho alienado do não-alienado. Para Marcuse, o trabalho alienado é repressivo não apenas das

⁶¹ IBIDEM, p.184

⁶² IBIDEM, p.185

⁶³ IBIDEM, p.185

potencialidades humanas, mas também dos impulsos libidinais que compõem a natureza humana.

Dito isso, o teórico na sua busca de encontrar dentro da Psicologia Social de Freud um significado alternativo que nesse caso tem como consequência a suspensão da premissa fundamental de Freud de que a "luta pela existência"⁶⁴ é por si mesma anti libidinal, isto é, ela precisa de uma regulamentação da pulsão através do princípio coercitivo da realidade. Marcuse argumenta que essa visão é problemática, pois implica que a realização das pulsões sexuais é necessariamente incompatível com a adaptação à realidade e à luta pela existência. Logo, ele afirma que ao invés da regulação da pulsão sexual coercitiva e/ou repressiva, o princípio da realidade pode ser entendido como uma forma de organização social que permite a expressão e satisfação das pulsões sexuais de maneiras socialmente construtivas e culturalmente significativas.

O teórico ressalta que Freud relaciona a libido a satisfação dos "grandes carecimentos vitais" e ao esforço conjunto dos humanos, ou seja, o processo de trabalho. Se esse for o caso, Ananke não é a única causa para as restrições pulsionais da civilização. Uma das sugestões de Freud foi a de reformular a ideia de que Eros havia construído a cultura, que para ele seria o contrário foi a cultura que construiu Eros, de modo que a cultura seria responsável pela realização das tendências de Eros.

Não obstante, a psicologia social freudiana seja baseada no conflito entre Ananke e o livre desenvolvimento das pulsões, Marcuse aponta que a divergência destes desapareceria, pois, Ananke foi convertido no campo primordial do desenvolvimento, ocasionando, não necessariamente a liberdade pulsional, contudo, produziria um instrumento para a gratificação das pulsões. O teórico conclui que:

As relações de trabalho, que formam a base da cultura e, assim, a própria civilização, seriam "apetrechadas" pela energia pulsional não-dessexualizada. Está em *jogo o conceito de sublimação, em sua totalidade*.⁶⁵

Dito isto, Marcuse propõe reformular o problema do trabalho sem a sublimação repressiva, utilizando o artigo de 1943 da psicanalista húngara Barbara Lantos intitulado "*Works and the Instincts*" para pensar quais seriam as precondições pulsionais para a transformação do trabalho assimilando o livre jogo das faculdades humanas. Para a autora tanto o jogo quanto o trabalho correspondem a estágios pulsionais que estão inseridos. O jogo tem como objetivo a satisfação das pulsões, sem ter qualquer finalidade externa para além

⁶⁴ A satisfação pelos grandes carecimentos vitais

⁶⁵ MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968. pp. 185-186

disso, e o trabalho serve a fins e procura a autopreservação. Estabelecido este contraste, conclui-se que pensar uma transformação na estrutura pulsional implicaria em uma "mudança no valor pulsional da atividade humana"⁶⁶.

No caso de ser reativado o erotismo polimórfico para acompanhar o trabalho, essa relação seria resultado da conquista da escassez e da alienação, em que as condições sociais alteradas produziram uma base pulsional que transformaria o trabalho em atividade lúdica. Segundo Freud, na medida em que forem diminuídos os esforços para obter satisfação pelo interesse na dominação, mais livremente a libido poderá apoiar-se na satisfação dos carecimentos vitais.

Com base na literatura psicanalítica que diz que o desenvolvimento das relações libidinais no trabalho são facilmente associadas como característica de sociedades primitivas e jamais de sociedades maduras, Marcuse cita o estudo da antropóloga Margaret Mead sobre a cultura matricêntrica Arapexe que desenvolve uma relação do homem com a natureza em uma ordem não-repressiva. Ainda que os conceitos psicanalíticos e antropológicos tenham sido orientados de acordo com um passado pré-histórico e pré-civilizado, o teórico crítico propõe o exame do conceito para o futuro no qual a civilização esteja plenamente madura. Para ele:

A transformação da sexualidade em Eros e sua ampliação para duradouras relações libidinais de trabalho pressupõem aqui a reorganização racional de uma gigantesca engrenagem industrial, de uma divisão social do trabalho altamente especializada, o uso de energias fantásticamente destrutivas e a cooperação de vastas massas.⁶⁷

O desenvolvimento das relações libidinais, no trabalho dentro de uma sociedade industrial avançada, é estranha para a tradição do pensamento, e ainda que encontre um apoio não parece seguro. Logo, Marcuse introduz a utopia do socialista Charles Fourier na qual sua tese gira em torno da transformação do trabalho em prazer, em que a possibilidade de um "trabalho atraente" advém da libertação das forças libidinais. Baseado na ideia de uma "*attraction passionnée*" que possui três objetivos centrais, sendo eles a criação do luxo, a formação de grupos libidinais e o estabelecimento de uma ordem harmoniosa, em que todos desenvolveriam um trabalho de acordo com as suas paixões individuais, Fourier pressupõe a existência de uma *attraction industrielle* que promoveria uma espécie de cooperação prazerosa.

Todavia, quando é analisada de modo mais minuciosa é possível identificar elementos repressivos em sua organização e administração, em que tão suposição utópica não passa de um embelezamento da cultura de massas. Marcuse enfatiza que o trabalho enquanto jogo livre

⁶⁶ IBIDEM, p.187

⁶⁷ IBIDEM, p. 187

não pode se sujeitar a administração, uma vez que só o trabalho alienado pode ser administrado de acordo com uma rotina racional.

Marcuse ressalta que a sublimação não-repressiva é incompatível com as instituições do princípio de desempenho, e que mais precisamente, implicaria na negação desse princípio. Para ele a teoria psicanalítica pós-freudiana tem a tendência de glorificar (*glorify*) a produtividade repressiva como sendo uma auto-realização humana, o teórico toma como exemplo o artigo de Ives Hendrick denominado "*Work and the Pleasure Principle*" no qual Hendrick sugere que a energia e o carência para o exercício do trabalho, porém, de uma pulsão especial, ao invés da libido, tal pulsão seria de "proficiente mestria" (*Bemeisterungstrieb*) que ao ser satisfeito, também satisfaria o prazer do trabalho que por sua vez coincidiria com o prazer libidinal.

Nosso teórico crítico rebate essa tese, dizendo primeiramente que a revisão da teoria freudiana implica em um retrocesso, pois, caso existisse uma pulsão especial como a "pulsão de mestria" tal hipótese destruiria não somente a estrutura de um "aparelho mental" que Freud elaborou, mas também extingiria as características repressivas do princípio de desempenho ao interpretá-las como gratificação de um carência pulsional. Na tese freudiana o trabalho está condicionado ao atraso e a diversificação da gratificação pulsional, que vai de contra com o princípio de prazer. No caso do prazer do trabalho coincidir com o prazer libidinal, Marcuse diz que:

o próprio conceito do princípio de realidade torna-se supérfluo e vazio de significado; e as vicissitudes das pulsões, tal como descritas por Freud, seriam — na melhor — das hipóteses um desenvolvimento anormal. Tampouco o princípio de realidade poderá salvar-se estipulando (como faz Hendrick) um princípio de trabalho diferente do princípio de realidade; pois se este último não governar o trabalho, não terá praticamente coisa alguma a governar, na realidade.⁶⁸

Na hipótese de realmente existir um trabalho que gere prazer, tal como Hendrick descreve, Marcuse questiona que tipo de trabalho e prazer seriam esses, uma vez que o prazer esteja no ato de trabalho, logo seria o prazer libidinal. Na realidade que é regida pelo princípio de desempenho o trabalho "libidinal" só ocorre em situação que estejam fora ou à margem do mundo do trabalho e é esse aspecto de Hendrick ignora que o trabalho alienado é o modo de trabalho predominante no princípio de realidade. Até pode existir um "prazer" no trabalho alienado, mas, ou esse prazer é extrínseco que premedita uma recompensa, ou é uma "satisfação (em si mesma um indício de repressão) de estar bem ocupado, no lugar certo, de contribuir com sua parcela para o funcionamento da engrenagem."⁶⁹

⁶⁸ IBIDEM, p. 191

⁶⁹ IBIDEM, p. 191

Em suma, qualquer modo de satisfação no desempenho de um trabalho não pode ser relacionado com a gratificação pulsional primordial e associa o desempenho com os conhecimentos pulsionais, seria glorificar a desumanização do prazer. Afirmar que desempenhar uma tarefa só por ser uma tarefa equivale, precisamente, no cúmulo da alienação, na perda da liberdade pulsional e intelectual. Para Marcuse, o verdadeiro espírito da teoria psicanalítica está nos esforços em apontar as forças anti-humanistas implícitas na filosofia da produtividade. Marcuse argumenta que a psicanálise, ao explorar o inconsciente e as motivações subjacentes ao comportamento humano, revela as maneiras pelas quais a busca excessiva pela produtividade pode ser desumanizadora.

O foco excessivo na eficiência e na maximização da produção, muitas vezes, negligencia as dimensões emocionais, psicológicas e espirituais da existência humana. Ao destacar as forças anti-humanistas, Marcuse aponta para uma crítica fundamental à filosofia que coloca a produtividade como valor supremo. Ele sugere que essa orientação pode levar à alienação e à submissão das necessidades e desejos individuais em prol de metas produtivas abstratas. Nesse sentido, a teoria psicanalítica, ao examinar as motivações inconscientes e os mecanismos de defesa, oferece uma lente crítica para compreender como a busca incessante pela produtividade pode impactar negativamente a experiência humana.

Não obstante, no caso de haver uma transformação da sexualidade em Eros por intermédio das condições não-repressivas, Eros segue uma luta para se eternizar na ordem permanente, entretanto o seu primeiro obstáculo está no "domínio do carecimento". Tal domínio, nas palavras de Marcuse, é autopropulsor, pois apesar de todo o progresso tecnológico e racionalização do homem, a sociedade não consegue eliminar a necessidade de trabalho alienado.

Todavia, Marcuse afirma que a alienação progressiva possibilita o aumento do potencial de liberdade, pois, na medida em que o indivíduo se torna alheio ao trabalho necessário, menos este se relaciona com o domínio do carecimento. Logo, o teórico considera que o tempo livre é que determina a redução qualitativa do tempo e energias de trabalho, em vista disso o "domínio da liberdade" passar a ser efetivamente um "domínio lúdico"⁷⁰,

⁷⁰ Marcuse recorre em *Eros e Civilização* a obra *Cartas sobre a Educação Estética do Homem* de Friedrich Schiller que a partir desta noção kantiana propôs um novo modo de civilização baseado na força libertadora da função estética. Dado o contexto em que a sociedade industrial avançada está começando a ser estabelecida sob o domínio do princípio de desempenho, Schiller enumera uma série de antagonismos presentes na sociedade e que fazem parte de um *impulso básico* que se divide em "impulso sensual" e "impulso formal" dos quais a interação resulta a cultura. Contudo, na civilização estabelecida o antagonismo persiste e a sensualidade foi submetida a razão, Logo, para que haja a reconciliação dos impulsos e que as potencialidades humanas se realizem livremente, Schiller indica um terceiro impulso, denominado "impulso lúdico". De acordo com o filósofo, o impulso seria o próprio jogo da vida que ultrapassa as carências externas, em que o homem se encontra livre das repressões da realidade estabelecida e pode "jogar" com as suas faculdades e potencialidade com as da natureza.

propiciando novas formas de realizações e descobrimento do mundo, remodelando, assim, o domínio do carecimento também.

A transformação implicaria o desenvolvimento de uma ordem sensual, na qual a razão também tornaria-se sensual e ampliaria e organizaria os carecimentos de modo a proteger e engrandecer as pulsões de vida. Isto posto, o teórico busca distinguir o caráter repressivo da razão do princípio de desempenho e a gratificação em cada um desses campos. Enquanto no Princípio de Desempenho, a gratificação da pulsão sexual exige uma certa suspensão da razão e em certa medida até da consciência, de modo que a felicidade seja quase irrazoável. Para além deste princípio, a gratificação da pulsional demanda um esforço mais consciente de livre racionalidade. Marcuse diz:

Quanto mais livremente a pulsão se desenvolve, tanto mais livremente se afirmará a sua natureza conservadora . A luta pela gratificação duradoura facilita não só uma ordem mais ampla de relações libidinais (comunidade), mas também a perpetuação dessa ordem numa escala superior. O princípio de prazer estende-se até à consciência. Eros redefine a razão em seus próprios termos.⁷¹

Em contrapartida, a razão não-repressiva viabiliza uma nova racionalidade de gratificação, em que a razão e a felicidade convergem. Com essa nova forma de racionalidade surgem " sua própria divisão de trabalho, suas próprias prioridades, sua própria hierarquia."⁷². Seguindo a herança histórica do Princípio de desempenho em que a autoridade precisa ser reconhecida e reconhecível, Marcuse diz que é necessário recordar a distinção entre repressão e mais-repressão, pois:

a repressão se tornou tão efetiva que, para o reprimido, assume a forma (ilusória) de liberdade, a abolição de tal liberdade prontamente se manifesta como um ato totalitário⁷³.

O que está em jogo aqui é a liberdade humana, não apenas ser uma "questão particular" mas que necessariamente tem que ser, visto que a liberdade tanto do indivíduo(vida privada) quanto a do todo(existência pública) podem ser conciliadas através da "vontade geral" que a partir das instituições sociais direcionam-se para realização dos carecimentos individuais. Não obstante, Marcuse questiona a estrutura da civilização que exige a coexistência da liberdade e da não liberdade, gerando livremente a primeira e tendo como principal requisito a segunda, de modo que não haja alternativas para essa estruturação, o teórico indaga quem estaria apto, fora dessa cenário, a instituir e designar os padrões objetivos. E retomando em linhas gerais o pensamento filosófico que perdurou de Platão a Rousseau, em que a noção de que apenas aqueles que conhecem o verdadeiro Bem poderiam estabelecer tais padrões objetivos,

⁷¹ IBIDEM, p. 194

⁷² IBIDEM, p. 194

⁷³ IBIDEM, p. 195

Marcuse afirma que esta noção já foi superada, pois, o conhecimento está à disposição de todos, a grande questão é que a consciência individual vem sendo desviada. As condições para uma livre sociedade são realistas e referem-se à razão.

O conflito que a pulsão gera em si própria é o argumento mais forte contra a ideia de civilização, mais do que o conflito entre pulsão e razão, pois a pulsão está situada para além do Bem e do Mal. Uma vez que o conflito origina-se no fato de que a escolha dos objetos da pulsão sexual não são guiados pela reciprocidade, Marcuse afirma que isso já seria uma fonte de conflito entre os indivíduos, e que também alicerçaria uma possível auto-sублиmação. Ao questionar se existiria no próprio Eros uma auto-restrição "natural" em que a sua gratificação exigiria um desvio, o teórico recorre novamente a Freud para tratar dessa possível fixação na própria pulsão, que por sua vez diz que é necessário algum obstáculo para estimular a libido ao seu máximo, caso contrário os carecimentos eróticos se malogrem instantaneamente.

O elemento auto-determinante contido no prazer é visto por Marcuse como sendo uma conquista humana diante do carecimento cego, e fazendo uma menção a Adorno e Horkheimer que dizem que na natureza apenas se conhece a satisfação das carências, logo "Todo prazer é social"⁷⁴ e advém da alienação. A distinção clara entre o prazer e a satisfação cega das carências é a recusa da pulsão em se submeter a satisfação imediata e a capacidade de construir barreiras que intensificam a realização do ato. A recusa pulsional além de operar como dominação, também pode servir a função de erotizar as relações não-libidinais e transformá-las em felicidade, convertendo as barreiras contra a satisfação absoluta em liberdade humana, e protegendo a alienação onde o prazer se origina, a saber, a alienação da natureza e a sua livre auto-realização.

Neste contexto, a ascensão do princípio do prazer produziria conflitos individuais que conteriam em si um valor libidinal, logo Marcuse aponta para um *racionalidade sensual* que possui suas próprias leis morais. Para além das barreiras pulsionais à gratificação absoluta, a moralidade libidinal é evidente nas interpretações psicanalíticas do Super-Eu, e de acordo com o psicanalista suíço Charles Odier que trabalhou a noção de uma "pseudomoralidade" existe antes mesmo da aceitação do Princípio de Realidade como sendo um espécie de SuperId. Tal fenômeno indica:

A existência de tal moralidade pré-genital é uma identificação com a mãe, expressando-se num desejo de castração, em vez de um medo de castração. Poderia ser a sobrevivência de uma tendência regressiva: a recordação do Direito Materno

⁷⁴ Dialética do esclarecimento(EXCURSO II: Juliette ou Esclarecimento e Moral), p 50

primordial e, ao mesmo tempo, um meio simbólico contra a perda dos então prevaletentes privilégios da mulher.⁷⁵

Logo, Marcuse utiliza mais uma vez a teoria freudiana para explorar e relacionar os vestígios desse "SuperId" com a relação perdida entre o Eu e a realidade. Resumidamente, a noção de Princípio de Realidade está associada à figura hostil do Pai, que com seu poder simboliza o medo da castração, e a maturidade do Eu só atinge a maturidade quando o indivíduo aceita submeter-se a essa ameaça da castração. Entretanto, o nosso teórico aponta a existência de uma realidade primária em que o Eu não enfrenta um poder externo antagônico, pois esta realidade não é alheia ao Eu, mas está intimamente ligada a ele (e não se distingue do Eu).

É importante ressaltar que o desenvolvimento do Eu é dado através do afastamento do narcisismo primário, e Marcuse está procurando destacar a experiência primeira, e talvez última, dessa realidade que é dada "na relação libidinal da criança com a mãe uma relação que, no começo, se situa dentro do pré-eu e só subseqüentemente se divorciou dele"⁷⁶, que quando dada a cisão da unidade original, busca-se constantemente restabelecer esta unidade. E remetendo mais uma vez a semelhança do desenvolvimento da história do indivíduo com a da civilização, Marcuse traça um paralelo da fase narcisista pré-genital do indivíduo com o da humanidade, em que ambos o Eu se identificam integralmente com o "meio". Contudo, com a chegada do princípio de realidade paterno o conceito maternal de realidade é convertido em algo negativo, logo aquele ímpeto de restabelecer a unidade original é visto como uma ameaça de absorção maternal, e o pai surge com salvador por estabelecer a barreira do incesto, e conseqüentemente livra o Eu do aniquilamento na mãe.

Marcuse critica essa aceitação do princípio de realidade paterno na interpretação psicanalítica, que impede o "retorno" da atitude narcisista-maternal que poderia desenvolver outras formas de relações sob a luz de um Eu maduro em uma civilização madura. Ainda que seja evidente a moralidade libidinal-maternal na estrutura pulsional e que haja a possibilidade de uma racionalidade sensual, o projeto não-repressivo marcuseano esbarra no vínculo do Eros com a pulsão de morte, a saber, Thanatos.

A morte enquanto negação da realidade impossibilita a existência desta como sendo não-repressiva. E nesse ponto Marcuse introduz a ação do tempo na tríade psíquica que não atinge o Id, mas que o Ego está totalmente sujeito a ele, e o fim do prazer é um elemento repressivo das relações libidinais, fazendo com que o próprio prazer seja doloroso. Essa frustração primária de um fim iminente do prazer torna-se inerente à estrutura pulsional do

⁷⁵ MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968. p. 198

⁷⁶ IBIDEM, pp. 198-199

indivíduo, que atravessa todas as suas frustrações sociais. Basicamente, o indivíduo aprende a resignar-se antes mesmo da imposição social, logo o tempo é tido como um dos principais aliados da sociedade e das instituições que rechaçam a liberdade para fins utópicos.

O tempo é o que rege a lei, a ordem, as instituições fazendo com que o homem esqueça das coisas. E o esquecimento "é um requisito indispensável da higiene mental e física, sem o que a vida civilizada seria insuportável"⁷⁷, contudo também é "a faculdade mental que sustenta a capacidade de submissão e renúncia"⁷⁸ e contra essa submissão ao tempo, Marcuse diz que uma das principais tarefas do pensamento é recordar. A capacidade de relembrar também é produto da civilização, que conduz a recordação dos deveres ao invés dos prazeres, por conseguinte essa capacidade foi associada à má consciência.

Se não houver a libertação e a descarga do conteúdo reprimido da memória a sublimação não-repressiva torna-se inviável. Na história da humanidade as noções de felicidade e liberdade sempre estiveram atreladas a ideia de reconquista do tempo, em que a felicidade pertence a um passado, pois o tempo concentra o seu poderio sobre Eros. E não é o caso da alegria passada ser melhor, mas a porque recordação oferece um regozijo sem a aflição de um término iminente, fazendo com que assim seja experimentado de outro modo temporal, que no momento presente não seria possível. Porém, não se trata apenas de vencer o tempo através da recordação, mas fazer com que essa recordação seja transformada em ação histórica.

Entretanto, não é simplesmente o Tempo o inimigo de Eros, mas a sua aliança com a repressão. E conjecturando, Marcuse diz que no caso de haver uma dissolução dessa aliança do tempo com a ordem estabelecida, a infelicidade "natural" do indivíduo, que advém daquela frustração primária, não iria mais servir como base para a infelicidade social organizada.

Ainda em sua conjectura, o teórico questiona também o fato de que a conservação do tempo no tempo e a possibilidade de sua paralisação, que estão alinhadas com a hipótese da pulsão de morte, ao invés de ser uma conquista impossível, poderia oferecer um cenário razoável para tal realização. Pois, sabendo que a pulsão de morte opera de acordo com o Princípio do Nirvana, que o direciona para um estado de gratificação constante, onde a tensão não existe, resultando assim num estado sem carências, que implicaria na redução das manifestações destrutivas, e se o objetivo da pulsão de morte é a terminação da dor, logo o conflito entre vida e morte também seria reduzido cada vez que se aproximassem do estado de gratificação. O teórico diz:

⁷⁷ IBIDEM, p.200

⁷⁸ IBIDEM, p. 200

Ao mesmo tempo, Eros, livre da mais-repressão, seria reforçado; e o Eros reforçado como que absorveria o objetivo da pulsão de morte. O valor pulsional da morte alterar-se-ia: se os instintos buscaram e atingiram sua realização numa ordem não-repressiva, a compulsão repressiva perderá muito de sua racionalidade biológica.⁷⁹

Com o retrocesso do sofrimento e das carências, aumenta a possibilidade do princípio do Nirvana reconciliar-se com o princípio de realidade.

A atração inconsciente que impele as pulsões de volta a um estado anterior seria eficazmente neutralizada pela desejabilidade do estado de vida atingido. A natureza conservadora das pulsões acabaria repousando num presente realizado em sua plenitude. A morte deixaria de ser uma finalidade das pulsões.⁸⁰

⁷⁹ IBIDEM, pp. 202-203

⁸⁰ IBIDEM, p. 203

2. Capítulo 2: DIAGNÓSTICO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL AVANÇADA

De acordo com Douglas Kellner na introdução da segunda edição⁸¹ de *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada* (1964), é recomendado ler esta obra em conjunto com *Eros e Civilização: uma crítica filosófica ao pensamento de Freud* (1955), *Um ensaio sobre a libertação* (1969) e *Contrarrevolução e revolta* (1973) para compreender melhor o movimento "do que poderia ser" e "do que é". Kellner explora as origens da concepção de Homem Unidimensional proposta por Marcuse a partir dos escritos dos anos 30 do teórico que se alinham com a filosofia dialética de Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Karl Marx.

Contextualizando a obra, Kellner retoma os primeiros trabalhos de Marcuse durante os anos 20, uma época em que o filósofo estava imerso no ambiente intelectual da Alemanha e era aluno de Martin Heidegger. Nesse período, Marcuse estava em busca de uma síntese entre o existencialismo fenomenológico de Heidegger e os princípios fundamentais do marxismo. A sua concepção de mundo tecnológico é desenvolvida a partir de alguns elementos trabalhados por Heidegger. Kellner diz:

como Husserl e Heidegger,[Marcuse] vê a racionalidade tecnológica colonizar a vida cotidiana, roubando a liberdade e individualidade dos indivíduos por impor imperativos tecnológicos, regras e estruturas sobre pensamento e comportamento.⁸²

No ensaio "*Da ontologia à tecnologia: as tendências da sociedade industrial*"⁸³ (1960) Marcuse faz uma breve referência a Heidegger ao trabalhar as noções de "tecnicidade" e "estado do mundo" em que "o "projeto" do mundo como instrumentalidade precede – e deve preceder – a técnica enquanto conjunto de instrumentos".⁸⁴ Seguindo essa concepção de que a tecnologia não é apenas um meio para atingir fins, mas também molda a nossa compreensão do mundo e do ser. Marcuse sugere que a tecnologia é mais do que apenas a criação e uso de ferramentas e máquinas. Ela envolve uma visão de mundo que influencia nossa percepção da realidade e determina como interagimos com ela.

Kellner ressalta que a questão da técnica e da racionalidade tecnológica são temáticas presentes na obra de Marcuse antes da publicação de 1964. Em destaque o autor cita o artigo "*Algumas implicações sociais da tecnologia moderna*"⁸⁵ em que Marcuse aponta o declínio da

⁸¹ MARCUSE, Herbert. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. São Paulo: Edipro, 2015. p. 26

⁸² IBIDEM, p. 11

⁸³ MARCUSE, Herbert. "Da ontologia à tecnologia: as tendências da sociedade industrial". Tradução: João Paulo Andrade Dias. *Revista Dialectus – Revista de Filosofia* nº 14. E-ISSN: 2317-2010. pp. 301-319

⁸⁴ IBIDEM, p. 315

⁸⁵ MARCUSE, Herbert. "Some Social Implications of Modern Technology". In: ARATO, Andrew; GEBHARDT, Eike. *The Essential Frankfurt School Reader* (Nova York: Continuum, 1985), p. 138-62.

individualidade como um processo histórico que vem se construindo desde as revoluções burguesas⁸⁶. Kellner estabelece uma conexão entre a ascensão da racionalidade tecnológica e o declínio da racionalidade individual. Essa conexão é corroborada por Marcuse, que argumenta que esse declínio da racionalidade individual resulta na prevalência da irracionalidade e da dominação. O autor destaca como a racionalidade tecnológica, que se baseia na eficiência, na produtividade e no controle técnico, tem se tornado cada vez mais dominante na sociedade contemporânea. Logo, ele aponta que essa racionalidade tecnológica tende a suprimir ou enfraquecer a racionalidade individual, que é caracterizada pela reflexão crítica, pela autonomia e pela busca por um sentido mais profundo da vida.

Segundo Kellner, Marcuse argumenta que a racionalidade individual está sendo subjugada pela irracionalidade e pela dominação do sistema tecnocrático, que a partir da lógica da eficiência e do controle técnico se sobrepõe aos valores humanos e à liberdade própria ao liberalismo, resultando em uma sociedade alienada. O que ocorre é que com:

O desenvolvimento da indústria moderna e da racionalidade tecnológica, entretanto, minou as bases da racionalidade individual. Enquanto o capitalismo e a tecnologia se desenvolviam, a sociedade industrial avançada exigia crescente adaptação ao aparato econômico e social e submissão à dominação e à administração cada vez maiores. Por isso, uma "mecânica de conformismo" espalhou-se por toda a sociedade. A eficiência e o poder da administração esmagaram o indivíduo, que gradualmente perdeu feições iniciais da racionalidade crítica (isto é, autonomia, discordância, o poder de negação), produzindo, assim, uma "sociedade unidimensional" e um "homem unidimensional".⁸⁷

A individualidade parece ser o ponto central na apresentação de Kellner, que ele chega a intitular Marcuse como sendo um "individualista radical"⁸⁸, pois na crítica marcuseana a individualidade há um elemento essencial da condição humana, pois é através dela que os indivíduos podem expressar sua singularidade, desenvolver seus talentos e alcançar uma existência autêntica. No entanto, a sociedade contemporânea, com seu foco exacerbado no consumo e na busca incessante por satisfação material, limita e sufoca essa individualidade, transformando as pessoas em simples peças de um mecanismo de produção e consumo.

Marcuse defende veementemente a necessidade de uma transformação radical nessa estrutura social, que valorize a individualidade e promova a emancipação dos indivíduos. Essa transformação não é apenas uma mudança superficial, mas sim uma reconfiguração profunda das bases da sociedade, que permita que cada indivíduo desenvolva todo o seu potencial humano e se torne um agente ativo na construção de um mundo mais livre e autêntico.

⁸⁶ MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015. p. 15

⁸⁷ IBIDEM, pp. 15-16

⁸⁸ IBIDEM, p. 22

Ao abordar questões fundamentais relacionadas à liberdade, autenticidade e resistência ao sistema opressor, a crítica marcuseana se torna uma importante referência para a compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas. Ela nos convida a refletir sobre os limites impostos pela sociedade atual e nos desafia a buscar formas de resistência e transformação que promovam a valorização da individualidade e a construção de uma sociedade mais justa e humanizada.

No capítulo em questão, faremos uma análise aprofundada das diferentes formas de controle social na sociedade industrial avançada, à luz das ideias de Marcuse. Vamos destacar o papel crucial do controle ideológico, tecnológico, psicológico e político, e como essas formas de controle afetam a liberdade e a autonomia individual. Começaremos examinando o controle ideológico, que se refere à manipulação das ideias, valores e crenças que são difundidos na sociedade. Marcuse argumenta que a ideologia dominante na sociedade industrial avançada é construída para perpetuar a lógica do sistema, moldando as percepções e as aspirações individuais de acordo com os interesses das elites dominantes. Ele enfatiza como essa ideologia molda a consciência coletiva e impede a crítica e a resistência ao sistema estabelecido.

Em seguida, abordaremos o controle tecnológico, que se refere ao uso de tecnologias avançadas para monitorar, rastrear e influenciar as pessoas. Marcuse alerta para o perigo do uso de tecnologias de vigilância e manipulação, que podem restringir ainda mais a liberdade individual e reforçar o controle social. Ele destaca como a tecnologia pode ser usada para moldar nossas preferências, comportamentos e até mesmo nossas identidades, tornando-nos cada vez mais dependentes e submissos ao sistema. Além disso, vamos investigar sobre o controle psicológico, que se refere às técnicas e estratégias usadas para manipular as pulsões e carecimentos das pessoas. Marcuse argumenta que o sistema unidimensional busca constantemente criar falsas carências e desejos, gerando uma insatisfação constante que nos mantém presos em um ciclo de consumo e conformidade. Ele destaca como a manipulação psicológica nos torna cada vez mais alienados de nós mesmos e dos nossos verdadeiros carecimentos.

Por fim, vamos examinar o controle político, que se refere às estruturas e instituições que perpetuam a dominação e a repressão. Marcuse critica a forma como a repressão é institucionalizada na sociedade industrial avançada, seja por meio da violência policial, da criminalização da dissidência ou da marginalização dos grupos oprimidos. Ele destaca como essa repressão serve para manter o *status quo* e silenciar qualquer forma de resistência ou contestação.

Em suma, no capítulo em questão, iremos destacar o impacto do controle ideológico, tecnológico, psicológico e político na liberdade e autonomia individual na sociedade industrial avançada. Também abordaremos a manipulação da consciência coletiva por meio dos "carecimentos falsos" e a institucionalização da repressão como formas de manter a ideologia da sociedade industrial avançada que Marcuse tanto critica.

2.1. A sociedade industrial avançada

Um dos mais célebres e conhecidos textos de Herbert Marcuse é a *Paralisia da Crítica*, presente no início da obra *O Homem Unidimensional*, para apresentar um panorama da sociedade industrial avançada, principalmente os impactos do progresso tecnológico e quais são (eram) os parâmetros da Teoria Crítica para analisar a sociedade industrial contemporânea. O teórico afirma que "a sociedade industrial avançada se torna mais rica, maior e melhor ao perpetuar o perigo".⁸⁹ Através da alta produtividade e da tecnologia a sociedade industrial avançada conquista as forças sociais e alinha os carecimentos políticos do capital com os carecimentos e aspirações individuais. Um alinhamento, no entanto, que se faz ao custo do desenvolvimento da individualidade do próprio indivíduo.

Dito isso, Marcuse apresenta a Teoria Crítica como sendo o estudo que visa analisar a sociedade e suas possibilidades históricas que possam contribuir para a melhoria da condição humana.⁹⁰ E nessa relação entre a sociedade estabelecida e as outras possibilidades, a TC se depara com o problema da objetividade histórica, que envolve juízos de valor. O primeiro juízo refere-se à dignidade da vida humana e ao seu exercício de ser vivida; o segundo juízo diz respeito à validade objetiva das possibilidades de melhorar a vida humana e como a TC deve demonstrar a melhor possibilidade. Para isso, a TC deve fazer uma abstração da sociedade atual e os seus recursos e organização, para poder "transcender"⁹¹, de modo empírico e crítico, a realidade estabelecida e apresentar as novas possibilidades que se concretizem na prática, visto que essas possibilidades devem estar ao alcance da sociedade atual. Em suma, a teoria social⁹² busca alternativas históricas que estejam alinhadas com forças subversivas para promover uma transformação social.

⁸⁹ IBIDEM. p.31

⁹⁰ IBIDEM. p.32

⁹¹ IBIDEM, p.35

⁹² Nesse primeiro momento Marcuse intercala os termos Teoria Crítica e Teoria Social

No texto *Filosofia e Teoria Crítica*⁹³ (1930) Marcuse argumenta que o papel da teoria da sociedade é compreender e analisar as estruturas sociais, as relações de poder e as dinâmicas sociais. Ela busca identificar e explicar as condições históricas em que o desenvolvimento da razão vai além do pensamento e da vontade pura, permitindo que a razão molde a vida de acordo com as decisões dos indivíduos livres. Nesse contexto, a teoria da sociedade propõe a criação de uma organização social que seja regulada pelos carecimentos e desejos dos indivíduos. Isso implica em uma abordagem crítica das estruturas sociais existentes, questionando as desigualdades, injustiças e opressões presentes no sistema econômico vigente. De acordo com Marcuse, mesmo que as forças de transformação se recusem a participar do desenvolvimento da teoria, isso não inviabiliza a sua modificação e atualização a partir de uma nova perspectiva. Essa capacidade de adaptação e renovação é o que garante o caráter crítico da teoria, permitindo que ela continue a desafiar e questionar as estruturas sociais estabelecidas.

A teoria crítica resgata a análise das potencialidades, da liberdade, da felicidade e direitos dos indivíduos que são relevantes somente enquanto relações econômicas ou políticas que afetam as relações do homem com o processo de produção e participação ativa na economia e na política do todo. Marcuse procura ressaltar a natureza construtiva da teoria crítica ao efetivar na prática os elementos aos quais ela se dedica. Dessa forma, busca-se promover o desenvolvimento e a transformação de uma ordem antiga para uma nova, alinhada com o objetivo de emancipação.

Para além de uma mera sistematização dos fatos e a confrontação da má facticidade, a teoria crítica, assim com a filosofia, se diferencia do positivismo aos "seus objetivos a partir das tendências existentes do processo social"⁹⁴. A teoria crítica se distingue da economia política ao abordar não apenas as relações econômicas, mas também as relações humanas e não-econômicas em uma sociedade. Em uma sociedade onde a totalidade é determinada pelas relações econômicas, isto é, onde as estruturas sociais, políticas e culturais são moldadas pelos interesses econômicos dominantes, a teoria crítica busca romper com esse domínio.

Ao romper com as amarras do controle econômico, a teoria crítica propõe uma organização racional da sociedade. Isso implica na criação de uma estrutura social que não seja apenas baseada em interesses econômicos, mas que leve em consideração também os valores humanos, a justiça social, a igualdade e a liberdade. Essa organização racional busca

⁹³ MARCUSE, Herbert. "Filosofia e teoria crítica" in **Cultura e Sociedade**, Volume 1; tradução: Wolfgang Leo Maar, Isabel Maria Loureiro, Robespierre de Oliveira, São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2006c, p. 137-160.

⁹⁴ IBIDEM, p.145

superar as desigualdades e injustiças presentes na sociedade, promovendo um ambiente mais justo e equitativo para todos.

O ponto decisivo da discussão da teoria crítica é investigar a subordinação da economia aos carecimentos individuais, pois, sendo superada a relação entre a superestrutura e infraestrutura, o processo do trabalho passa a ser decidido de acordo com a totalidade dos carecimentos. E é importante que os carecimentos se voltem para a preservação da felicidade e liberdade dos homens, caso contrário as relações sociais dos homens ainda estariam presas à velha justiça⁹⁵.

A teoria crítica, enquanto encara o derrotismo e a traição das esperanças dos homens, não se completa enquanto uma filosofia, na medida em que ela apenas expõe "a reivindicação que mediante a superação das atuais relações materiais de existência liberte-se o todo das relações humanas"⁹⁶. Se uma reivindicação envolver a felicidade e a liberdade dos indivíduos, é importante considerar que esses conceitos não podem ser limitados apenas a aspectos econômicos. Na visão marcuseana, esses conceitos transcendem a realidade existente e buscam uma nova realidade efetiva, que vá além das estruturas opressivas e alienantes do sistema capitalista.

Contudo, no contexto da sociedade industrial avançada a crítica proposta pela TC é desmantelada pelo progresso tecnológico e o seu sistema de dominação, que conseguiu criar formas de reconciliar as forças, que outrora se opunham ao sistema, e refutar todas as manifestações de protesto que eram em prol das alternativas históricas. Marcuse aponta que a maior realização desta sociedade industrial avançada é justamente a contenção da mudança social:

a aceitação geral do interesse nacional, o bipartidarismo político, o declínio do pluralismo, o conluio do capital e classe trabalhadora dentro do Estado forte testemunham a integração dos opostos, que é tanto o resultado quanto o pré-requisito dessa realização.⁹⁷

Isso exige reformulação nas bases críticas da teoria da sociedade industrial avançada. Marcuse diz que enquanto na sua formação no século XIX os conceitos das alternativas se concretizaram graças a mediação histórica na consciência e na ação política das classes burguesa e proletária que confrontavam a sociedade, No século XX essas classes deixam de serem agentes de transformação devido ao desenvolvimento do capitalismo que instituiu a ideia de preservação do *status quo* fazendo com que assim os antagonistas se unissem em prol

⁹⁵ Os meios de produção; o aumento da produção e a abolição da propriedade privada.

⁹⁶ IBIDEM, p.147

⁹⁷ MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015. p.33

do melhoramento da realidade estabelecida. Neste cenário, no qual não existe mais um agente que possibilite a mudança social, a crítica torna-se ainda mais paralisada. À vista disso, toda e qualquer análise, por mais empírica que seja, que apresente uma alternativa histórica passa a ser caracterizada como sendo uma mera especulação irrealista.

Mediante a sociedade industrial avançada, a Teoria Crítica perde a sua base de transcender tal sociedade, de modo que os seus conceitos foram absorvidos pela sociedade e transformados em meros instrumentos de manutenção do *status quo*, em vez de ferramentas para a mudança social⁹⁸. Essa absorção dos conceitos da Teoria Crítica pela sociedade industrial avançada resultou em uma diluição de seu potencial transformador. Em vez de desafiar as estruturas de poder e questionar as desigualdades presentes na sociedade, esses conceitos foram adaptados e utilizados como ferramentas para perpetuar a ordem estabelecida. Nesse contexto, a Teoria Crítica precisa repensar sua abordagem e encontrar novas bases para sua análise. É necessário fundamentar sua crítica na realidade concreta da sociedade existente, reconhecendo as limitações e possibilidades que surgem desse contexto. Isso implica em analisar as contradições e tensões presentes na sociedade industrial avançada, identificando os pontos de ruptura e as potenciais oportunidades de transformação.

Marcuse propõe que a análise crítica deve buscar uma mudança qualitativa, pois tudo o que é produzido pela sociedade industrial avançada impede um real progresso e aprimoramento da sociedade. O que é apresentado são apenas subprodutos da irracionalidade da própria sociedade. Mesmo que a maioria da população aceite essa irracionalidade, o teórico acredita que é importante distinguir a verdadeira da falsa consciência. No entanto, essa distinção só será válida quando os indivíduos se recusarem a viver apenas os aspectos positivos da sociedade industrial avançada.

2.2. Sociedade Unidimensional

A análise marcuseana da sociedade industrial avançada aponta que a falta de liberdade é enganadora, pois se apresenta como algo confortável, suave, razoável e democrático. Isso ocorre porque o avanço tecnológico e industrial é frequentemente visto como um sinal de progresso e melhoria das condições de vida⁹⁹. No entanto, Marcuse argumenta que essa

⁹⁸ MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015. p.35

⁹⁹ IBIDEM, p. 41

suposta liberdade é superficial e limitada. Ela é baseada na racionalidade instrumental, que valoriza a eficiência e a produtividade, mas negligencia a liberdade individual e a autonomia.

A sociedade industrial moderna é caracterizada por uma lógica de consumo e conformidade, onde as pessoas são incentivadas a buscar a satisfação de seus desejos e necessidades por meio do consumo de bens e serviços. Essa falta de liberdade é reforçada pela mídia de massa, que oferece uma multiplicidade de conteúdos com diversas concepções, porém, ainda assim, estas se alinham ao *status quo*, restringindo o pensamento crítico. Além disso, as estruturas de poder e dominação permanecem intactas, apesar das aparências de liberdade e democracia.

Marcuse questiona a suposta racionalidade dessa falta de liberdade, que se manifesta na supressão da individualidade e na mecanização de tarefas socialmente necessárias, mas muitas vezes penosas. A ideia de que é mais eficiente e produtivo concentrar as atividades individuais em organizações maiores e mais eficazes é apresentada como uma medida racional, mas o teórico levanta questionamentos sobre as consequências desse processo para a liberdade individual. Além disso, Marcuse aponta para a regulamentação da livre competição entre agentes econômicos desigualmente equipados como uma forma de supressão da liberdade. A ideia de que a competição desenfreada é prejudicial e que deve ser controlada é apresentada como uma medida razoável, mas o nosso teórico questiona até que ponto isso pode limitar a liberdade das pessoas e perpetuar desigualdades.

Outro aspecto abordado é a redução das prerrogativas e soberanias nacionais em prol da organização internacional dos recursos. Embora isso possa ser visto como uma forma de cooperação global, Marcuse questiona se essa coordenação política e intelectual não pode levar a um controle centralizado e limitar a liberdade dos indivíduos e das nações. Apesar de reconhecer que essa ordem tecnológica e organizacional pode ser vista como promissora, Marcuse alerta para os perigos de uma falta de liberdade disfarçada de conforto e racionalidade. O teórico argumenta que é necessário questionar e resistir a essa falsa liberdade, buscando alternativas que promovam uma verdadeira liberdade individual e coletiva, que valorizem a diversidade, a autonomia e a igualdade.

2.2.1. Impacto das tecnologias na sociedade contemporânea

O objetivo principal de Marcuse em *O homem unidimensional* é apresentar as tendências da sociedade industrial avançada, a partir da análise do aparato técnico de produção e

distribuição como um sistema totalitário¹⁰⁰ que alinha a existência e os carecimentos públicos e privados através da tecnologia. Com isso, o teórico também enfatiza a impossibilidade de conceber uma "neutralidade" tecnológica, uma vez que dentro de um sistema totalitário a tecnologia fica aparelhada com a ordem estabelecida.

O progresso tecnológico está intrinsecamente ligado ao modo de produção industrial, que busca explorar a produtividade por meio de avanços técnicos, mecânicos e científicos. Esses avanços incluem a mecanização, a promoção do empreendedorismo individual e a regulamentação da livre competição, com o objetivo de organizar a engenhosidade tecnológica para alcançar a liberação da energia do indivíduo, permitindo-lhe encontrar a liberdade e exercer relativa autonomia sobre sua vida sem romper ou questionar um quadro de dominação. Marcuse aponta, portanto, para as instrumentalizações desse ideal, destacando que a busca por liberdade e autonomia pode ser uma doce ilusão. Ele argumenta que, apesar do tempo livre supostamente conquistado através do progresso tecnológico, novas formas de exploração surgem e não necessariamente estão relacionadas ao trabalho.

Uma vez que, o próprio projeto marcuseano indicava que através da automatização total do trabalho haveria mais tempo para o desenvolvimento humano e por conseguinte para a liberdade. Ele diz:

Sob condições "ideais", da civilização industrial madura, a alienação seria completada por uma automação geral do trabalho, redução do tempo de trabalho a um mínimo, e a permutabilidade de funções.¹⁰¹

E ele segue dizendo:

Por mais justa e racional que possa estar organizada a produção material, jamais pode constituir um domínio da liberdade e da gratificação, mas pode liberar tempo e energia para o livre jogo das faculdades humanas, *fora* dos domínios do trabalho alienado. Quanto mais completa for a alienação do trabalho, tanto maior é o potencial de liberdade; a automação total seria o ponto ótimo.¹⁰²

Apesar da expectativa de que a sociedade industrial avançada levasse ao declínio da racionalidade tecnológica, Marcuse se frustra ao constatar que essa tendência não se concretiza. Pelo contrário, o que prevalece é a imposição de ideais político-econômicos que moldam e controlam os aspectos fundamentais da vida contemporânea, como o trabalho, o lazer e a cultura.

¹⁰⁰ É importante frisar que por "totalitário" em referência à sociedade industrial avançada, Marcuse entende como uma coordenação política e técnico-econômica não terrorista da sociedade, que manipula a sociedade de acordo com os interesses de uma classe dominante

¹⁰¹ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma crítica filosófica ao pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. p.141

¹⁰² IBIDEM, p. 144

Além das formas de compulsão como a "perda dos meios de subsistência, a administração da justiça, a polícia, as forças armadas"¹⁰³ e a integração da estrutura técnica com a eficácia do aparato produtivo e destrutivo, que impulsiona a sujeição dos indícios à divisão social do trabalho, a nova forma de controle social por meio da tecnologia é a "encarnação da Razão"¹⁰⁴ que engloba todos os indivíduos, fazendo com que qualquer denúncia ou contradição soe como irracional. Lima coloca que:

A completa instrumentalização da razão é consumada e o indivíduo não é mais um simples apêndice da maquinaria, ele ver a si mesmo e os outros como a personificação da própria maquinaria, um instrumento controlado por regras que ele não sabe quem criou e com que objetivo foram criadas, o que sabe é que deve segui-las se quiser autoconservar-se.¹⁰⁵

O autor ainda destaca a "eficácia" como sendo uma das qualidades do indivíduo que foram cooptadas pela racionalidade tecnológica, em que o indivíduo se transforma e se identifica com a produção. Na interpretação de Lima, o resultado da assimilação da racionalidade tecnológica no indivíduo faz com que "o comportamento do sujeito, o seu modo de pensar e agir, está cada vez mais semelhante ao funcionamento do maquinário"¹⁰⁶. Marcuse destaca essa identificação imediata como sendo um produto da administração e organização científica, que faz com que a dimensão interior da mente seja reduzida e sirva apenas ao *status quo*.

Marcuse afirma que a realidade trata-se do "estágio mais avançado de alienação"¹⁰⁷, em que os indivíduos estão imersos na sua existência alienada. O resultado dessa absorção ideológica na realidade, que engloba todos os grupos e modos de existência, e a transformação da "falsa consciência" em verdadeira consciência. Nosso teórico enfatiza que "a cultura industrial avançada é *mais* ideológica que sua predecessora, visto que hoje a ideologia está no processo de produção"¹⁰⁸, com isso a racionalidade tecnológica revela o seu caráter político que impõe um sistema social. Nas palavras do teórico:

Os meios de transporte e de comunicação de massa, as mercadorias de habitação, alimentação e vestuário, a irresistível produção da indústria do entretenimento e da informação trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e

¹⁰³ IBIDEM, p.48

¹⁰⁴ IBIDEM, p.48

¹⁰⁵ LIMA, Renê Ivo da Silva. O conceito de racionalidade tecnológica no pensamento de Herbert Marcuse: origem, desenvolvimento e implicações sociais. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2020. p.45

¹⁰⁶ IBIDEM, p.46

¹⁰⁷ MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: estudos sobre a ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015. p. 49

¹⁰⁸ IBIDEM, p. 49 (essa citação faz referência ao texto "Prismas: crítica cultural e sociedade" de Theodor Adorno)

emocionais que unem os consumidores mais ou menos prazerosamente ao produtores e, por meio destes últimos, ao todo.¹⁰⁹

A promoção da falsa consciência através da publicidade de serviços e mercadorias faz com que um número maior de pessoas que se interessam e consumirem os produtos, com isso a doutrinação propagada pela mídia, torna-se um estilo de vida. Com isso, surge o pensamento e comportamento unidimensional, Lima coloca que:

O consumo dos produtos supérfluos faz o sujeito entrar em contato com um “novo” modelo de viver a vida, na medida em que passa a usufruir dos artigos de luxo sua sensibilidade modifica-se, ele percebe, quer dizer, sente no seu corpo e compreende em sua mente, que a sociedade tecnológica talvez não seja um empecilho ao seu desenvolvimento. A dominação exercida pelo consumo dos bens e serviços desnecessários não diz respeito simplesmente a um tipo de controle ideológico. A dominação é mais profunda, ela atinge a sensibilidade do indivíduo e, por conseguinte, as suas próprias necessidades.¹¹⁰

A incapacidade de identificar as próprias carências e aspirações faz com o que indivíduo negligencie essas áreas do seu desenvolvimento, ficando a mercê dos direcionamentos ditados pela ordem social dominante. A concepção adotada como sucesso externo, as indispensáveis posses materiais e a conformidade com as normas sociais deixa pouco espaço para o pensamento crítico, a autorreflexão e a busca de valores ou visões alternativas.

2.2.2. Carecimentos Falsos

Em seu artigo denominado "*Dialectics and the revolutionary impulse*"¹¹¹ Raymond Geuss dedica algumas páginas para tratar do conceito de carecimento na perspectiva da primeira geração da Teoria Crítica. Para Geuss, um princípio fundamental da Teoria Crítica é que muitos dos nossos carecimentos e desejos na sociedade capitalista são falsos. Essa perspectiva argumenta que, sob o sistema capitalista, somos levados a acreditar que nossos carecimentos são genuínos e que precisamos atendê-los para alcançar a felicidade e a realização pessoal. No entanto, esses carecimentos são moldados e manipulados pela lógica do mercado e pela cultura consumista.

¹⁰⁹ IBIDEM, p.49

¹¹⁰ LIMA, Renê Ivo da Silva. O conceito de racionalidade tecnológica no pensamento de Herbert Marcuse: origem, desenvolvimento e implicações sociais. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2020. p. 77

¹¹¹ Geuss, Raymond (2004). *Dialectics and the revolutionary impulse*. In Fred Leland Rush (ed.), *The Cambridge Companion to Critical Theory*. Cambridge University Press. pp. 103--38.

De acordo com Geuss, o conceito de carecimentos para membros da Escola de Frankfurt vai além das condições de automanutenção física, vitalidade e saúde, também engloba as condições necessárias para o bem-estar da vida psíquica, social e cultural¹¹². O autor explica que para os membros da escola o conceito de carecimento pode ser influenciado pelo desejo, na medida que um desejo intenso por algo pode gerar um carecimento correspondente. Isso ocorre quando internalizamos as pressões sociais de tal forma que o desejo se torna uma "segunda natureza" para nós.

Essa internalização intensa das pressões sociais pode levar ao que a Primeira Geração da Teoria Crítica chama de "mau funcionamento psíquico" se não conseguirmos satisfazer esses desejos. Sentimos que algo está errado conosco se não alcançarmos o que desejamos intensamente, mesmo que esse carecimento seja socialmente construído e não essencial para nossa realização pessoal ou bem-estar genuíno. Logo, o carecimento falso não é aquele que não é gratificante, mas sim um carecimento que os indivíduos não teriam desenvolvido se estivessem em condições de desenvolver sua estrutura de carecimentos livremente. Geuss aponta que para os membros da Primeira Geração da Teoria Crítica:

Embora os carecimentos possam ser experienciados como perfeitamente genuínas, elas são falsas porque são carecimentos que não teriam sido adquiridos se as pessoas tivessem permissão para desenvolver sua estrutura de necessidades livremente. Eles desenvolvem esses carecimentos não em resposta a imperativos naturais, mediados pelo nível de desenvolvimento das forças de produção, mas em resposta às pressões específicas de uma sociedade baseada na repressão, na competitividade e na acumulação compulsiva. Uma vez que esses "falsos" carecimentos são adquiridos, elas estabilizam o regime capitalista de repressão do qual surgiram, porque muitas delas, como a de expressão visível da posição de alguém em uma ordem econômica hierárquica, não seriam satisfeitas em uma sociedade pós-capitalista.¹¹³

Segundo Marcuse, os carecimentos humanos e suas formas de satisfação sempre foram condicionadas, isto é, a realização de um carecimento deve corresponder com os interesses e as instituições predominantes da sociedade, sendo assim os carecimentos humanos são históricos, dado que a sociedade estabelecida determina os padrões críticos para o desenvolvimento do indivíduo. Isto posto, o teórico preocupa-se em distinguir quais seriam os carecimentos falsos e os verdadeiros

Os carecimentos falsos referem-se aos desejos e vontades fabricados que são promovidos pelas sociedades industriais avançadas. Marcuse argumenta que estes carecimentos falsos são criados e perpetuados pelo sistema dominante, a fim de manter o controle social e impedir que os indivíduos questionem ou desafiem criticamente as estruturas de poder existentes. O teórico aponta que:

¹¹² IBIDEM, p. 127

¹¹³ IBIDEM, p. 129 (tradução nossa)

A maior parte dos carecimentos predominantes de descansar, divertir-se, de comportar-se e consumir de acordo com os anúncios, de amar e odiar o que os outros amam e odeiam, pertence à categoria dos falsos carecimentos.¹¹⁴

A produção e a satisfação dos carecimentos são heterônomos resultantes do interesse dominante que exige repressão. Os carecimentos falsos servem os interesses da classe dominante, encorajando os indivíduos a dar prioridade à acumulação de bens materiais, símbolos de estatuto e prazeres superficiais. Ao promover constantemente novos produtos e desejos, o sistema dominante mantém os indivíduos num estado de insatisfação e consumo perpétuos, impedindo-os de realizarem o seu verdadeiro potencial e de perseguirem objetivos mais significativos. Ainda que os indivíduos se satisfaçam, incorporem e reproduzam esses carecimentos, eles seguem sendo repressivos e falsos.

Nosso teórico argumenta que os carecimentos falsos criam uma falsa consciência entre os indivíduos, levando-os a acreditar que a sua felicidade e realização podem ser encontradas apenas através do consumo e da conformidade com as normas sociais. Esta falsa consciência perpetua o status quo e inibe a mudança social, uma vez que os indivíduos se concentram mais na satisfação dos seus próprios desejos individuais do que em desafiar as estruturas de poder existentes ou em defender a libertação coletiva.

Marcuse não determina ao certo quais seriam os carecimentos verdadeiros, contudo Lima nota que a concepção marcuseana é conduzida pelo desenvolvimento livre da dimensão intelectual do indivíduo, logo os carecimentos verdadeiros são os "que negam e recusam as necessidades e objetivos impostos pelo o *status quo*"¹¹⁵. Nosso teórico não define, mas afirma que existem padrões de prioridade na hora de julgar se um carecimento é falso ou verdadeiro, sendo eles o "máximo desenvolvimento do indivíduo, de todos os indivíduos, sob a melhor utilização de recursos materiais e intelectuais disponíveis."¹¹⁶

Ainda assim, Marcuse afirma que, em última instância, apenas o indivíduo pode decidir sobre quais carecimentos são falsos e verdadeiros, contudo enquanto ele estiver preso nesse sistema de dominação e manipulação de carecimentos, não tem como considerar válido o seu julgamento.

¹¹⁴ MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015. p. 44

¹¹⁵ LIMA, Renê Ivo da Silva. O conceito de racionalidade tecnológica no pensamento de Herbert Marcuse: origem, desenvolvimento e implicações sociais. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2020. p. 78

¹¹⁶ MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: estudos sobre a ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015. p.45

2.2.3. Manipulação da consciência coletiva através da propaganda e da mídia

Segundo Marcuse, o totalitarismo na sociedade industrial avançada vai além de um sistema político específico, estendendo-se aos sistemas de produção e distribuição. Um exemplo evidente disso é o "pluralismo" midiático, que aparentemente oferece uma diversidade de conteúdos, mas que, na realidade, estão alinhados com o mesmo sistema dominante. O autor ressalta que os meios de comunicação de massa desempenham um papel fundamental na manipulação da consciência pública. Por meio da propaganda e da persuasão, esses meios moldam as opiniões e os desejos das pessoas, direcionando-os para a aceitação das normas e valores dominantes. Marcuse argumenta que a mídia cria uma falsa consciência, na qual as pessoas acreditam que estão fazendo escolhas livres, mas, na verdade, estão sendo controladas e manipuladas.

No que diz respeito ao lazer, por exemplo, o tempo livre, que deveria ser um momento de descanso, recuperação e desenvolvimento pessoal, muitas vezes é subjugado às pressões do consumo e da busca por entretenimento padronizado. A indústria do entretenimento, por exemplo, cria uma cultura de consumo desenfreado, onde o prazer é reduzido a meras experiências superficiais e momentâneas. O mesmo se segue no âmbito da cultura que passa a ser controlada por grandes conglomerados, tende a promover uma homogeneização dos gostos e valores, reforçando padrões e estereótipos dominantes. A diversidade cultural e a liberdade de expressão são muitas vezes sufocadas em prol de uma cultura de massas que serve aos interesses do sistema.

Marcuse levanta a questão de como a sociedade moderna utiliza esse tempo livre e como ele é apropriado por mecanismos de controle e exploração, como o consumo desenfreado, a manipulação da mídia e a imposição de valores e padrões sociais. Além disso, ele aponta que as estruturas de poder e dominação persistem, mesmo com os avanços tecnológicos, o que limita a verdadeira liberdade e autonomia do indivíduo.

O aparato tecnológico presente na sociedade industrial avançada depende de condições que permitam o seu desenvolvimento e preservação. Essas condições são moldadas pelos carecimentos econômicos e políticos, que frequentemente trabalham em conjunto para padronizar e manipular os interesses dos indivíduos que consomem os produtos tecnológicos. Essa organização, por sua vez, tende a transformar a sociedade industrial avançada em um sistema totalitário. Isso ocorre porque ela é capaz de abranger e englobar o pluralismo dos indivíduos, transformando-os em meros consumidores de mercadorias. Através dos meios de

comunicação, esse sistema é capaz de alcançar todos os públicos e ideais, que ele próprio criou e forjou.

Os meios de comunicação desempenham um papel fundamental nesse processo. Eles são utilizados para disseminar uma visão de mundo homogeneizada, que busca moldar os desejos, preferências e valores dos indivíduos. Por meio da publicidade e da propaganda, são criados desejos artificiais e padrões de consumo que incentivam o consumo desenfreado e a busca constante por novos produtos. Essa manipulação dos interesses individuais é uma forma de controle social, que busca manter a estabilidade do sistema e garantir a reprodução do capital. Através da criação de carecimentos falsos e da imposição de padrões de comportamento, a sociedade industrial totalitária mantém os indivíduos presos em um ciclo de consumo e conformidade.

Ao terem acesso aos mesmos conteúdos e produtos, as pessoas passam a compartilhar interesses semelhantes. No entanto, segundo o pensamento de Marcuse, essa aparente igualdade é na verdade uma extensão das classes, pois as pessoas passam a compartilhar as mesmas necessidades e satisfações. Para o teórico, essa extensão das classes serve como um suporte para a manutenção do *Establishment*, ou seja, do sistema estabelecido. Ao compartilharem das mesmas carências e prazeres, as pessoas se tornam menos propensas a questionar a estrutura social e a buscar mudanças significativas. A ilusão de igualdade criada pela propaganda e pelo acesso aos produtos funciona como uma forma de controle social, mantendo a população conformada e alinhada aos interesses da elite dominante.

A irracionalidade da racionalidade da sociedade industrial avançada faz com que os indivíduos se reconheçam em mercadorias. Esta irracionalidade reside no fato de os indivíduos, influenciados pelas pressões sociais e pela cultura de consumo, começarem a definir-se com base naquilo que consomem. Em vez de encontrar valor nas qualidades pessoais, nas relações ou na auto-realização, as pessoas começam a medir a sua autoestima pela acumulação de bens materiais. Esta identificação com as mercadorias pode levar a um sentimento de alienação, uma vez que os indivíduos se desligam das condições para sua autorrealização e autonomia e colocam a sua identidade em objetos externos.

Em sua análise, Marcuse destaca que na sociedade industrial avançada, o poder político é consolidado através do controle dos processos mecânicos e da organização técnica do aparato¹¹⁷. Isso significa que o sistema político utiliza a tecnologia e os mecanismos de produção para exercer controle e influência sobre a sociedade. Nesse ponto a mecanização

¹¹⁷ MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015. p.43

seria a base para uma "nova liberdade" para o homem, uma vez que o poder da máquina nada mais é do que o poder físico do homem armazenado e projetado, logo surge a necessidade de criar novas formas de realização que estejam alinhadas com essa sociedade "livre".

Essas novas formas, segundo Marcuse, são formas negativas dos termos tradicionais da liberdade econômica, política e intelectual, visto que esses termos são impossibilitados de serem realizados integralmente. Em sua forma negativa a liberdade desses termos tradicionais correspondem à libertação do indivíduo. A perpetuação desse sistema para a conservação do *status quo* da sociedade industrial avançada é dada através da criação de carecimentos seja de natureza material, como a busca por bens de consumo ou segurança financeira, ou de natureza intelectual, como a conformidade com determinadas ideias ou valores.

Essa estratégia é "efetiva e duradoura" porque, uma vez que as pessoas se tornam dependentes desses carecimentos impostos, é difícil para elas se libertarem e questionarem as estruturas de poder. Deste modo elas se tornam presas de um ciclo vicioso, em que são constantemente incentivadas a buscar mais bens materiais ou a aderir a determinadas ideias, perpetuando assim a ordem estabelecida.

2.3. Repressão

A repressão, como responsável pela manutenção e preservação do *status quo*, é um dos conceitos-chaves que perpassam as principais obras de Marcuse, a saber, *Eros e Civilização* e *O homem unidimensional*. Seja na supressão das pulsões ou na satisfação dos carecimentos, incluindo os falsos, a repressão conserva-se com vigor no decorrer da história da sociedade.

Em *Eros e Civilização* a repressão é abordada a partir da perspectiva freudiana sobre a origem da repressão pulsional em que "a organização repressiva da sexualidade está principalmente dirigida contra as manifestações pré-genitais e perversas"¹¹⁸. Em sua análise de *Eros e Civilização*, Joel Whitebook pontua que a integração das pulsões parciais na esfera da

¹¹⁸ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma crítica filosófica ao pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. p.66. (Sobre a genitalidade, Whitebook diz que Marcuse apresenta leitura psicanalítica do sofrimento humano em suas bases psicológicas, pois em um primeiro momento o teórico argumenta que o desmembramento do prazer e a disciplina do organismo exigem a dessexualização socialmente necessária do corpo originalmente polimorfo perverso, concentrando a capacidade de prazer nos órgãos genitais. A contenção dos impulsos sexuais parciais e o progresso em direção à genitalidade fazem parte dessa camada básica de repressão que permite a intensificação do prazer. Contudo, Marcuse também considera que o domínio das pulsões podem ser usadas contra a gratificação, visto que na história da civilização, a repressão básica e o excesso de repressão estão inextricavelmente entrelaçados. O progresso normal em direção à genitalidade foi organizado de tal forma que as pulsões parciais e suas zonas foram praticamente dessexualizados para se adequarem às exigências de uma organização específica da existência humana.)

genitalidade é explicada como um resultado da divisão do trabalho. Segundo essa perspectiva, a genitalidade é considerada um carecimento, pois o desenvolvimento não reprimido dos instintos pré-genitais levaria a uma erotização excessiva do organismo, o que iria contra a dessexualização exigida pelo uso social do corpo como instrumento de trabalho. Além disso, a unificação das pulsões parciais e sua subordinação à função procriadora também limita o escopo da sexualidade por razões funcionais. A sexualidade, que inicialmente é regida por um princípio autônomo que abrange todo o organismo, se transforma em uma função especializada e temporária, um meio para um fim específico¹¹⁹.

A respeito do caráter conceitual da repressão Whitebook indica que Marcuse propõe uma distinção entre repressão necessária e repressão excedente¹²⁰ proposto por Marcuse baseia-se na observação de Freud de que as relações humanas são profundamente influenciadas pela quantidade de satisfação pulsional que os recursos materiais existentes permitem.

Se por um lado, a repressão necessária refere-se à dimensão filogenética da existência humana, ou seja, ao grau de renúncia exigido pelo princípio básico da realidade. Nesse sentido, é a renúncia necessária para que a sociedade funcione de maneira organizada e para que os indivíduos possam coexistir harmoniosamente. Por exemplo, a renúncia de certas pulsões agressivas ou sexuais em determinadas situações sociais é considerada necessária para manter a ordem e a estabilidade. Por outro lado, a repressão excedente refere-se à renúncia supérflua imposta pelo princípio do desempenho. Isso significa que além da renúncia necessária, há uma renúncia adicional que é imposta pelas estruturas de poder e pela organização repressiva da sociedade. Essa repressão excedente é influenciada pelas condições sociais específicas e é sustentada no interesse da dominação de certos grupos sobre outros. Por exemplo, a exploração econômica e social de uma classe sobre outra é uma forma de repressão excedente.

Em suma, a repressão necessária está ligada à necessidade de adaptação social e à renúncia de certos impulsos para o bem-estar coletivo, e a repressão excedente está relacionada à exploração e à opressão impostas por estruturas sociais específicas.

A reestruturação não-repressiva da organização pulsional é uma característica central da abordagem marcuseana para o desenvolvimento de uma civilização não-repressiva. Acompanhando a noção freudiana de que os seres humanos não têm uma inclinação natural

¹¹⁹ WHITEBOOK, Joel. *Perversion and utopia: a study in psychoanalysis and critical theory*. London. The MIT Press. 1995. p.31

¹²⁰ IBIDEM. p.28

para o trabalho¹²¹ Marcuse entende que existe a necessidade econômica exige que eles sejam transformados de objetos libidinais em instrumentos de trabalho alienado. A distribuição do tempo desempenha um papel crucial nessa transformação e, de acordo com Whitebook, para garantir o trabalho disciplinado, é necessário separar temporariamente o prazer, em pequenas doses separadas fora do horário de trabalho.

A distribuição do tempo serve como um mecanismo de repressão, compartimentando e regulando a expressão do desejo e do prazer. Ao limitar a disponibilidade de tempo de lazer e ao relegar o prazer para momentos específicos, o sistema mantém um sentido de controle sobre as pulsões libidinais dos indivíduos. Esta separação entre prazer e trabalho é um aspecto fundamental da institucionalização da repressão na sociedade industrial. Reforça a ordem capitalista dominante, estruturando e controlando o tempo e os desejos dos indivíduos, assegurando que estes permanecem concentrados no seu trabalho alienado.

Em *O homem unidimensional*, o conceito de repressão é abordado de forma mais ampla, englobando não apenas a repressão sexual, mas também a repressão política e socioeconômica. Marcuse argumenta que o sistema capitalista e industrial promove uma repressão generalizada, através da manipulação da cultura de massa, da alienação do trabalho e da conformidade com as normas sociais e políticas.

Em síntese, enquanto em *Eros e Civilização* Marcuse enfatiza a importância da liberação sexual como um caminho para a emancipação, em *O homem unidimensional* ele amplia a análise para incluir a necessidade de uma revolução social e política mais abrangente. O teórico argumenta que a repressão ocorre em todas as esferas da vida, e propõe a necessidade de uma transformação radical da sociedade para superar essa repressão e alcançar uma verdadeira liberdade e autenticidade.

2.3.1. Institucionalização da repressão

Em *O Homem Unidimensional* Marcuse destaca a mudança da repressão da sociedade pré-industrial para a sociedade industrial avançada, em que nesta última assume uma posição de força. Na análise do teórico:

As capacidades (intelectuais e materiais) da sociedade contemporânea são incomensuravelmente maiores do que jamais foram - o que significa que o escopo da dominação da sociedade sobre o indivíduo é incomensuravelmente maior do que

¹²¹ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma crítica filosófica ao pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. p. 84

antes. Nossa sociedade se distingue pela conquista das forças sociais dissidentes mais precisamente pela Tecnologia do que pelo Terror, sobre a dupla base de uma eficiência esmagadora e de um crescimento do padrão de vida.¹²²

A institucionalização da repressão ocorre através de mecanismos e estruturas sociais que limitam a liberdade individual e perpetuam a dominação na sociedade industrial avançada. Marcuse argumenta que essa sociedade é caracterizada por uma forma de opressão mais sutil e insidiosa, na qual a repressão não é imposta de maneira violenta e coercitiva, mas sim internalizada e aceita pela maioria das pessoas. Isso é possível através de mecanismos de controle e manipulação que são institucionalizados e incorporados à estrutura social.

Uma forma importante de institucionalização da repressão é a manipulação da consciência e da percepção das pessoas. Marcuse argumenta que a cultura de massa e os meios de comunicação de massa desempenham um papel fundamental nesse processo. Através da mídia, as pessoas são constantemente bombardeadas com mensagens que promovem a conformidade, o consumo e a submissão às normas e valores dominantes. Essas mensagens são projetadas para moldar a consciência das pessoas e restringir sua capacidade de pensar criticamente e questionar o *status quo*.

Outro aspecto importante da institucionalização da repressão é a cooptação dos carecimentos e desejos das pessoas pelo sistema dominante. A incorporação e neutralização das demandas por liberdade e autonomia através da produção em massa de bens e serviços que promovem uma falsa sensação de satisfação e realização. As pessoas são incentivadas a buscar a felicidade e a realização pessoal através do consumo de produtos e do entretenimento, em vez de questionar as estruturas de poder e buscar uma transformação social mais profunda. Esses mecanismos e estruturas sociais perpetuam a dominação e limitam a liberdade individual, levando a uma sociedade unidimensional em que a repressão é internalizada e aceita como parte da ordem social.

Além disso, Marcuse destaca a repressão da crítica e da dissidência como outra forma de institucionalização da repressão. O sistema dominante promove uma cultura de conformidade, marginalizando aqueles que se opõem às normas e valores estabelecidos. Aqueles que desafiam o sistema são rotulados como radicais, extremistas ou subversivos, e são excluídos ou silenciados. A repressão da crítica e da dissidência impede o surgimento de alternativas ao sistema dominante, mantendo a repressão institucionalizada e limitando a liberdade individual.

¹²² MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015. p.32

2.3.2. Restrição da liberdade individual em nome da segurança e estabilidade

Na sociedade industrial avançada, a repressão desempenha um papel crucial ao promover a renúncia do exercício da liberdade em nome da estabilidade e segurança. O sistema dominante utiliza táticas manipuladoras, como o medo e a incerteza, para controlar as massas e convencê-las de que é necessário abrir mão de certas liberdades individuais em troca de uma sensação de proteção e ordem. Essa renúncia da liberdade é frequentemente justificada pela necessidade de garantir a estabilidade social e a segurança coletiva. O sistema dominante argumenta que a restrição de certas liberdades individuais é fundamental para evitar conflitos, assegurar a ordem pública e prevenir ameaças à segurança nacional. Essa narrativa é reforçada por meio da propaganda, do controle da mídia e da manipulação da opinião pública.

A questão de que se "a ameaça de uma catástrofe atômica, que poderia exterminar a raça humana, também não serve para proteger as mesmas forças que perpetuam esse perigo?"¹²³ revela a incoerência da constante ameaça externa, que mobiliza todos para a produção de meios de destruição.

Essa incoerência se torna evidente quando consideramos que as mesmas forças que promovem a produção de armas de destruição em massa também se beneficiam dessa produção. A indústria militar, por exemplo, é um setor altamente lucrativo para alguns grupos poderosos, que se beneficiam economicamente com o medo e a ameaça de guerra. Dessa forma, a ameaça constante de uma catástrofe atômica acaba servindo como uma forma de proteção e justificativa para essas mesmas forças que perpetuam o perigo.

2.4. Enfraquecimento da esfera política na sociedade unidimensional

Marcuse propõe uma análise mais aprofundada das estruturas da sociedade industrial avançada, partindo de uma abordagem materialista. Ele argumenta que, nesse contexto, há uma aproximação entre o Estado de Bem-Estar Social (*Welfare State*) e a redução da ambição transformadora dos partidos de esquerda. Para o teórico, o Estado de Bem-Estar Social surge

¹²³ IBIDEM, p.31

como uma resposta às lutas de classes e às contradições imperialistas. Ele observa que, em momentos de ameaça externa, as lutas de classes são atenuadas e as contradições entre as classes sociais são suspensas. Isso cria uma situação em que os partidos de esquerda, que antes buscavam a transformação social, passam a focar na gestão e no aprimoramento do sistema existente. Cria-se uma tendência de unificação e/ou convergência de opostos, nosso teórico diz:

Essa unificação de opostos repercute sobre as possibilidades de mudança social onde ela abrange aqueles segmentos sobre cujos ombros o sistema social progride - isto é, as próprias classes cuja existência outrora personificou a oposição ao sistema como um todo.¹²⁴

O teórico identifica o problema da "contenção da transformação social" como central em sua análise. A questão se desdobra em três momentos distintos: a contenção em si, as perspectivas de contenção e o papel do Estado de Bem-Estar Social e do Estado de Guerra (*Warfare State*). Em cada um desses momentos, Marcuse investiga as dinâmicas e os mecanismos que impedem ou limitam a possibilidade de uma transformação social mais profunda.

Ao abordar a contenção da transformação social, Marcuse também faz projeções sobre os movimentos necessários e contingentes da sociedade industrial avançada, buscando identificar possíveis caminhos e estratégias que possam romper com as barreiras e desafiar a lógica unidimensional do sistema vigente.

Nessa análise, Marcuse evidencia a importância de repensar e questionar as estruturas sociais e políticas existentes. Ele busca provocar uma reflexão sobre as possibilidades de transformação social que vão além das limitações impostas pelo Estado de Bem-Estar Social e pelas contingências do contexto político.

2.4.1. A redução da política a uma mera gestão técnica dos assuntos públicos

A sociedade industrial avançada é caracterizada por sua prática administrativa, na qual as decisões são pautadas por critérios de eficiência e utilidade, em vez de serem embasadas em valores e princípios éticos. A política é reduzida a um conjunto de técnicas e procedimentos, desprovida de uma visão mais ampla e emancipatória. Esse fenômeno é resultado da racionalização e burocratização do sistema, que transformou a política em um instrumento de controle e manutenção da ordem estabelecida.

¹²⁴ IBIDEM, p. 55

Essa redução da política tem implicações profundas na sociedade unidimensional. Ela limita a capacidade de questionamento e contestação dos indivíduos, pois as estruturas de poder são naturalizadas e aceitas como inevitáveis. A política se torna um mecanismo de integração social, em que as pessoas são condicionadas a se adequar às normas e valores impostos pelo sistema, sem questionar sua legitimidade. Magalhães atenta-se para a questão do discurso político e o discurso comercial, e coloca que:

O universo político, ao invés de se contrapor ao comercial quando necessário, para que este último não se apodere de todas as esferas da vida (*spheres of life*), inclusive a política, que deveria sempre oferecer resistência ao apetite insaciável do mercado, une-se a ele com o objetivo claro de promover a servidão de todos a uma realidade onde o que se espera é um desempenho predeterminado, tanto no trabalho quanto no consumo, tanto na rua quanto no lar. Nas eleições, independentemente do partido, os governos se sucedem sem nenhuma alteração significativa do sistema econômico capitalista.¹²⁵

Isso significa que os governos que se sucedem tendem a manter as estruturas e as políticas econômicas que favorecem o mercado e a acumulação de capital, em vez de buscar uma transformação real e significativa. Essa união entre o universo político e o mercado resulta em uma falta de diversidade de ideias e abordagens na política, tornando difícil a implementação de políticas que questionem ou modifiquem o sistema econômico dominante. O mercado acaba influenciando as decisões políticas, moldando a agenda e limitando as possibilidades de mudança real.

Uma das estratégias utilizadas pelo sistema dominante é a cooptação da oposição política. Isso ocorre quando o sistema absorve e incorpora elementos da oposição, tornando-os inofensivos e integrados ao *status quo*, principalmente através da concessão de certos benefícios e privilégios para aqueles que se alinham com as estruturas de poder existentes. Dessa forma, a oposição é integrada e perde sua capacidade de efetuar mudanças reais.

Além disso, o sistema dominante também neutraliza a oposição política através de mecanismos como a propaganda, a manipulação da mídia e a criação de uma cultura de conformismo e individualismo. Esses mecanismos são utilizados para moldar a opinião pública e desencorajar qualquer forma de resistência ou questionamento ao sistema. Através da disseminação de ideias e valores que reforçam a lógica unidimensional, o sistema busca controlar e limitar a possibilidade de uma oposição política efetiva.

¹²⁵ Magalhães, Rogério Silva de. Política, tecnologia e emancipação em O homem unidimensional de Herbert Marcuse/ Rogério Silva de Magalhães. – Guarulhos, 2013. p. 76

Marcuse argumenta que essa cooptação e neutralização da oposição política são extremamente prejudiciais para a sociedade. Elas impedem a existência de um debate plural e democrático, limitando a diversidade de ideias e perspectivas.

Nesse contexto, outra característica que vale ser ressaltada é a de mera escolha entre opções pré-determinadas, sem considerar alternativas mais radicais ou transformadoras, está diretamente ligada à alienação e à falsa consciência presentes na sociedade unidimensional. Nesse contexto, as pessoas são levadas a acreditar que sua participação política se limita a um exercício formal, desprovido do potencial de efetuar mudanças sociais significativas. Essa limitação da escolha é uma estratégia de controle social, que mantém as pessoas presas em um ciclo de conformidade e adesão ao sistema. Ao restringir as possibilidades de escolha e apresentar apenas alternativas superficiais, a sociedade unidimensional impede a emergência de uma consciência crítica e a busca por alternativas mais radicais e transformadoras.

3. Capítulo 3 - DESSUBLIMAÇÃO REPRESSIVA: A MUDANÇA DO USO SOCIAL DA ENERGIA PULSIONAL

Até aqui, explanamos o que julgamos ser necessário para compreender o conceito de dessublimação repressiva. Evidentemente, tivemos que trabalhar o conceito de sublimação, uma vez que, a dessublimação nega a sublimação, foi necessário explorar a constituição e o desenvolvimento desta última, para evidenciar quais elementos serão negados e negligenciados no processo de dessublimação. Outro ponto importante é a questão do progresso tecnológico e a sua admissão e controle na esfera política. Ressaltamos o enfraquecimento do potencial político devido a sua integração no sistema unidimensional.

A vista da integração política da sociedade industrial avançada, um fenômeno viabilizado pelo aumento da produtividade tecnológica e pela ampla dominação do ser humano e da natureza, direcionaremos nossa atenção para a integração correspondente no âmbito da cultura e da sexualidade.

Com isso, chegamos à dessublimação repressiva que busca explicar o conformismo e a submissão dos indivíduos aos padrões e valores impostos pela sociedade industrial. Segundo Marcuse, a cultura reduziu sua capacidade de questionar, oferecer alternativas e promover a emancipação individual e coletiva, tornando-se um instrumento de controle e manipulação que perpetua a alienação.

A dessublimação repressiva ocorre dentro de uma ordem social caracterizada pela dominação capitalista, exploração e criação de "carecimentos falsos". Nessa ordem, a tecnologia desempenha um papel fundamental ao reduzir as exigências básicas da vida cotidiana. Com a satisfação desses carecimentos básicos garantida, o desejo humano é então direcionado e incorporado em uma cultura de mercadorias, em que o consumo se torna uma forma de expressão e satisfação pessoal. Essa cultura de mercadorias oferece uma ampla gama de prazeres, incluindo uma redução radical das restrições à sexualidade. No entanto, mesmo com a promessa de prazer e liberdade, essa ordem não promove a verdadeira emancipação. Em vez disso, ela perpetua a alienação e submissão dos indivíduos, reforçando a ideologia dominante e mantendo a estrutura de poder existente.

A redução das restrições à sexualidade, por exemplo, pode parecer uma forma de liberação e prazer, mas na realidade é apenas uma forma de controle e manipulação. Ao tornar a sexualidade mais acessível e menos reprimida, a cultura de mercadorias desvia a

atenção das questões mais profundas e limita a capacidade de questionamento e transformação social.

Em *O Homem Unidimensional*, após apresentar um diagnóstico da sociedade industrial avançada, Marcuse retoma a psicanálise para desenvolver uma crítica à integração da política na cultura dessa sociedade. Ele argumenta que, devido ao progresso tecnológico, a cultura perde os seus elementos de oposição e transcendência, ocasionando o processo chamado de dessublimação. No capítulo 3, intitulado "*A dessublimação repressiva: conquista da consciência feliz*", o teórico se aprofunda nos efeitos desse alinhamento da "alta cultura"¹²⁶ com a dimensão da realidade. Ele argumenta que a dessublimação¹²⁷ ocorre quando as pulsões e desejos reprimidos são liberados e satisfeitos de maneira imediata, sem restrições ou limitações. Isso gera uma sociedade que valoriza o prazer imediato e a gratificação instantânea, em detrimento de uma busca por significado mais profundo e verdadeiro.

Uma das principais questões abordadas por Marcuse é como o progresso tecnológico afeta a cultura, resultando na perda dos elementos de oposição e transcendência. Com o avanço da tecnologia, a cultura perde sua capacidade de questionar, oferecer alternativas e promover a emancipação individual e coletiva. Em vez disso, a cultura se torna parte integrante da sociedade industrial, reforçando a ideologia dominante e limitando a capacidade crítica dos indivíduos. Nesse contexto, a política também é integrada à cultura, o que contribui para a perda da capacidade crítica da sociedade. A política deixa de ser um instrumento de transformação social e se torna um elemento de legitimação e manutenção do status quo. A cultura, assim, perde sua função de questionamento e resistência, tornando-se um mecanismo de controle e manipulação.

A dessublimação repressiva resultante desse alinhamento da cultura com a dimensão da realidade se manifesta na valorização do prazer imediato e da gratificação instantânea. Os desejos e pulsões reprimidos são liberados sem restrições, levando a uma sociedade que busca constantemente o prazer imediato, sem se preocupar com uma busca mais profunda por significado e realização verdadeira. Essa busca incessante por prazer imediato e gratificação instantânea acaba por limitar a capacidade de questionamento, reflexão e busca por uma transformação social mais profunda. A sociedade se torna cada vez mais conformista e

¹²⁶ O termo em inglês é *High Culture*, e usualmente é traduzido por Cultura Superior, contudo optamos por julgarmos mais adequado para a crítica marcuseana.

¹²⁷ Quando combinado com a teoria de sublimação repressiva de Marcuse, o conceito de dessublimação se torna mais claro e compreensível. Esse ponto de vista baseia-se no paradoxo de uma reversão repressiva da própria repressão, o que implica tendências que, ao mesmo tempo, aumentam a liberdade e intensificam a dominação.

submissa aos padrões e valores impostos pela cultura dominante, perdendo a capacidade de emancipação individual e coletiva.

No capítulo em questão, vamos explorar o conceito de Dessublimação Repressiva, analisando como Herbert Marcuse reconstrói esse conceito e examina a Dessublimação na cultura. Marcuse desenvolve uma crítica ao processo de nivelamento da dimensão cultural com a dimensão da realidade material estabelecida, e como essa integração retira os elementos da "alta cultura", como a transcendência e a alienação artística, transformando-os em mercadorias na ordem estabelecida. Inicialmente, vamos contrastar a concepção de "alta cultura" pré-tecnológica de Marcuse com a transformação da arte após o avanço do progresso tecnológico industrial. Antes desse avanço, a "alta cultura" era caracterizada pela busca da transcendência, pela capacidade de questionar, oferecer alternativas e promover a emancipação individual e coletiva. A arte, nesse contexto, era uma forma de expressão que transcendia as limitações da realidade material, permitindo a experiência de algo além do imediato. No entanto, com o progresso tecnológico e a consequente integração da cultura na sociedade industrial avançada, ocorre um aplanamento dessa dimensão cultural. A arte perde sua capacidade de questionar e resistir, tornando-se uma forma de mercadoria, integrada à ordem estabelecida. A dessublimação repressiva ocorre nesse contexto, em que os elementos da "alta cultura" são retirados e transformados em produtos de consumo, prontamente disponíveis para a satisfação imediata.

Em seguida, vamos apresentar brevemente como para Marcuse as obras de arte avant-garde abrem caminho para uma apreciação mais crítica e libertadora da natureza, desafiando as convenções e oferecendo uma nova perspectiva que nos convida a repensar nossa relação com o mundo natural.. Essas obras rejeitam a forma convencional de expressão, buscando maneiras inovadoras de se comunicar que desafiam as convenções estabelecidas. Um dos efeitos desse rompimento com a estrutura linguística é a subversão da experiência da natureza.

Marcuse argumenta que a linguagem tradicional e normativa está intrinsecamente ligada a uma visão de mundo que reforça a dominação e a exploração da natureza. Através do uso de uma linguagem convencional, a sociedade impõe uma concepção limitada e controlada da natureza, que serve aos interesses do sistema dominante. No entanto, a poesia avant-garde desafia essas noções convencionais de natureza ao romper com a estrutura linguística estabelecida. Ao se libertar das amarras da linguagem normativa, a poesia avant-garde oferece uma perspectiva alternativa da natureza. Ela permite uma experiência mais ampla e livre, que escapa das restrições e limitações impostas pela linguagem convencional. Essa liberdade

linguística possibilita uma abordagem mais crítica e subversiva da natureza, questionando as formas de dominação e exploração presentes na sociedade. Dessa forma, as obras avant-garde que vão além da mera comunicação e rompem com a estrutura tradicional da linguagem têm o potencial de desafiar as convenções estabelecidas e oferecer uma nova perspectiva da natureza. Elas subvertem a visão dominante e abrem espaço para uma compreensão mais crítica e emancipatória do mundo natural.

Por fim, vamos explorar o conceito de Dessublimação Repressiva e suas implicações na sociedade industrial avançada, examinando a mudança no uso da energia pulsional. Para isso, iremos trabalhar com os conceitos de Princípio do Prazer e Princípio de Realidade, além de abordar a concepção de consciência feliz e agressividade, que são aspectos promovidos pela Dessublimação Repressiva. Também iremos nos atentar ao debate contemporâneo e às transversalidades desse conceito com as análises da sociedade no século XXI.

Ao adentrar no conceito de Dessublimação Repressiva, vamos analisar, à luz da perspectiva marcuseana, como ocorre a mudança no uso da energia pulsional na sociedade industrial avançada. Nesse contexto, os conceitos de Princípio do Prazer e Princípio de Realidade são fundamentais para compreendermos como a busca pelo prazer imediato e a evitação do desprazer influenciam as ações e comportamentos humanos. A Dessublimação Repressiva promove uma concepção de consciência feliz, na qual a sociedade é incentivada a buscar a satisfação imediata de seus desejos e prazeres, sem considerar as consequências a longo prazo. Essa busca incessante pelo prazer imediato leva a uma agressividade latente, uma vez que a frustração e insatisfação podem surgir quando os desejos não são prontamente atendidos.

É essencial também considerar o debate contemporâneo e as transversalidades desse conceito com as análises da sociedade no século XXI. Podemos observar como a Dessublimação Repressiva continua presente nas dinâmicas sociais atuais, seja no consumismo desenfreado, na busca por gratificação instantânea nas redes sociais ou na cultura do entretenimento que prioriza o prazer imediato em detrimento de uma busca por significado mais profundo.

3.1. Dessublimação na cultura

A dessublimação repressiva visa explicar o conformismo e a submissão dos indivíduos aos padrões e valores impostos pela sociedade industrial. Trata-se de um conceito que quer

apreender a perda da capacidade da cultura de questionar, de oferecer alternativas e de promover a emancipação individual e coletiva. Com este conceito, Marcuse defende que, em vez disso, a cultura teria se tornado um instrumento de controle e manipulação, reforçando a ideologia dominante e perpetuando a alienação.

É possível assumir, portanto, que com o conceito de dessublimação repressiva, Marcuse quer acompanhar como as características da alta cultura, que seriam o amor trágico e romântico, a personalidade autônoma, o humanismo, a contradição e a transcendência, foram transformadas em um ideal ultrapassado em relação ao estágio de desenvolvimento da sociedade, promovendo assim, uma falsa superação de problemas que eram dados como insolúveis. O antagonismo da alta cultura e da realidade social é aplanado, de modo que a cultura passa a ser incorporada na ordem estabelecida, por meio da reprodução e exibição em grande escala.

Marcuse diz que:

Se as comunicações em massa misturam harmoniosamente, e muitas vezes imperceptivelmente, arte, política, religião e filosofia com comerciais, eles trazem esses domínios da cultura ao seu denominador comum – a forma de mercadoria.¹²⁸

A forma de mercadoria é o resultado da refutação da alta cultura em realidade¹²⁹, de modo que a racionalidade alternativa —da alta cultura— se submete ao valor de troca, este, por sua vez, é dado como agente norteador da racionalidade do *capitalismo*. Consequentemente, o valor de troca se torna mais importante do que a verdade, pois as ideias são despojadas de seu significado genuíno e adquirem sentido apenas no contexto da propaganda.

Como um exemplo Marcuse coloca que:

À medida que as grandes palavras de liberdade e auto-satisfação (*fulfillment*) são pronunciadas por líderes de campanhas e políticos em telas de televisão, em rádio e nos palanques, elas se tornam sons sem significado que ganham sentido apenas no contexto da propaganda, dos negócios, da disciplina, do repouso.¹³⁰

A sociedade industrial avançada desempenha um papel fundamental na transformação dos elementos da alta cultura, que antes residiam no reino sublimado, em questões práticas e operacionais. Além disso, essa influência vai além da simples tradução dos ideais artísticos para o contexto da realidade estabelecida. A sociedade industrial avançada também é

¹²⁸ MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: EDIPRO, 2015.p.86

¹²⁹ Para Marcuse, a alta cultura é caracterizada por elementos como alienação e transcendência, que possibilitam a constituição de outra dimensão da realidade. No entanto, com o avanço da tecnologia, os antagonismos entre a alta cultura e a realidade social são enfraquecidos, levando a alta cultura a se integrar com a realidade social estabelecida.

¹³⁰ IBIDEM. p. 86

responsável por reduzir o próprio reino sublimado, que engloba a representação, idealização e denúncia relacionadas à condição humana.

Essa redução do reino sublimado ocorre à medida que a lógica mercantil e a busca pelo valor de troca se sobrepõem à valorização da alta cultura. Nesse processo, a sociedade industrial avançada tende a priorizar a eficiência, a produtividade e o lucro, em detrimento da apreciação e do questionamento artístico. Assim, a complexidade e a profundidade dos temas abordados pela alta cultura são frequentemente simplificados e adaptados para atender às demandas do mercado.

Essa redução do reino sublimado também afeta a representação da condição humana. Através da industrialização e da massificação, as experiências individuais e as nuances da existência humana são muitas vezes niveladas e homogeneizadas. A riqueza e a diversidade das emoções, das reflexões e das críticas presentes na alta cultura são substituídas por uma visão simplificada e superficial da humanidade, que se encaixa nas demandas e nos padrões estabelecidos pela sociedade industrial avançada.

3.1.1. A cultura pré-tecnológica e o seu caráter antagônico

Marcuse inicia sua análise da cultura a partir das raízes da cultura ocidental enquanto ela permanecia em um estágio " pré-tecnológico". Nesse momento da alta cultura, o homem e a natureza não eram organizados como meros objetos e instrumentos, mas sim como partes integrantes de um todo, e que apesar das desigualdades e do trabalho árduo, as pessoas tinham tempo e prazer para pensar, contemplar, sentir e narrar o mundo ao seu redor. No entanto, Marcuse ressalta que esse nível da cultura não pode ser recuperado devido ao progresso tecnológico, pois a validade e a essência dessa cultura estão intrinsecamente ligadas a um mundo que não existe mais.

Marcuse ressalta uma característica importante da arte ao revisitar períodos em que ela estava profundamente integrada à sociedade. Isso significa que a arte não era apenas uma expressão individual, mas desempenhava um papel vital na coesão social e na construção da identidade cultural. Nesses períodos, a arte era valorizada e apreciada como uma forma de comunicação e expressão coletiva, contribuindo para o enriquecimento e vitalidade da

sociedade como um todo. Tomando como exemplo as artistas e civilizações que são referidos como representantes do lado "positivo"¹³¹ da arte.

Na civilização egípcia, a arte desempenhava um papel fundamental na expressão da religiosidade e na representação da vida após a morte. Os egípcios acreditavam que a arte poderia preservar a memória e a identidade ao longo do tempo, e, por isso, criavam magníficos túmulos e templos decorados com pinturas, esculturas e relevos que retratavam cenas da vida cotidiana, rituais religiosos e mitologia. Na Grécia Antiga, a arte estava intrinsecamente ligada à vida social e política, no qual as esculturas, pinturas e arquitetura eram usadas para representar a beleza idealizada e a harmonia do corpo humano, além de transmitir valores culturais e políticos. Através da arte, os gregos buscavam expressar a busca pelo equilíbrio e a excelência em todas as áreas da vida. A arte gótica, por sua vez, floresceu na Idade Média, principalmente nas catedrais e igrejas, caracterizada por suas altas abóbadas, vitrais coloridos e esculturas detalhadas, que buscavam evocar uma experiência transcendente e religiosa.

Ainda que essas experiências tenham sido invalidadas pelo sociedade tecnológica, Marcuse ressalta que alta cultura conservou-se como uma cultura feudal¹³² no sentido de ser limitada a uma minoria privilegiada, do seu elemento romântico¹³³ próprio e por suas obras expressarem uma alienação "consciente e metódica em relação à esfera dos negócios e da indústria, e de sua ordem mensurável e lucrativa"¹³⁴. Ao longo do tempo, a alta cultura incorporou temas burgueses através da representação de personagens e temas relacionados à vida burguesa, da retratação da vida cotidiana da classe burguesa, da adaptação às formas de

¹³¹ A arte positiva é aquela que reafirma o que está estabelecido na sociedade.

¹³² Na perspectiva de Marcuse, a cultura feudal é considerada uma cultura repressiva, pois também impõe limitações e restrições às liberdades individuais. No entanto, ele argumenta que, em comparação com a sociedade industrial, a cultura feudal pode oferecer um espaço para a expressão de valores e modos de vida alternativos. Para o teórico, a conservação da cultura feudal pode ser vista como uma forma de resistência à racionalidade tecnológica e à alienação presente na sociedade industrial. A cultura feudal pode ser considerada como um refúgio onde os indivíduos (da classe dominante?) podem encontrar uma conexão mais profunda com a natureza, uma vida comunitária mais autêntica e uma relação menos alienante com o trabalho. Contudo, é importante ressaltar que Marcuse não defende uma volta ao feudalismo como solução para os problemas da sociedade industrial. Ele vê a cultura feudal como parte de um processo histórico específico e argumenta que o objetivo deve ser o desenvolvimento de uma nova cultura(a partir da sublimação não-repressiva) que supere tanto as limitações da sociedade industrial quanto as da cultura feudal. Essa nova cultura seria caracterizada pela liberdade individual e coletiva, pela satisfação dos carecimentos básicos dos indivíduos e pela harmonia entre a natureza e a sociedade.

¹³³ Romântico no sentido de ser outra dimensão que está para além do cotidiano habitual. Marcuse vê o romantismo como uma resposta à racionalidade instrumental e à alienação que existem na sociedade estabelecida. Marcuse entende o romantismo como um movimento que busca a liberdade, a autenticidade e a plenitude de vida em oposição à lógica predominante da sociedade estabelecida. Logo, o caráter romântico seria um meio de resistir e superar as restrições impostas, buscando enfatizar a importância da experiência e da expressão pessoal, valorizando a intuição, a emoção, a criatividade e principalmente a subjetividade do indivíduo.

¹³⁴ IBIDEM. p. 87

expressão artística valorizadas pela burguesia e do mecenato e patrocínio de artistas por parte da classe burguesa. Essa incorporação não necessariamente representou uma crítica ou transformação da ordem burguesa, mas sim uma adaptação da alta cultura aos interesses e valores dominantes da sociedade burguesa.

Marcuse diz que:

Ainda que essa ordem burguesa tenha encontrado sua representação rica — e até mesmo afirmativa — na arte e na literatura [...] ela permaneceu uma ordem que foi ofuscada, fragmentada, refutada por outra dimensão que era irreconciliavelmente antagônica à ordem dos negócios, atacando-a e negando-a.¹³⁵

Nessa outra dimensão¹³⁶, especialmente na literatura, Marcuse aponta para a representação de personagens disruptivos que não se encaixam na ideia de uma vida ordenada e "normal". No entanto, na sociedade industrial avançada, esses personagens passam a ser considerados aberrações, deixando de ser a negação da ordem estabelecida - como imagens de outros estilos de vida - e passam a servir como uma afirmação dessa mesma ordem.

Posto que, pareça ser impossível recuperar os elementos da alta cultura, por serem considerados arcaicos e obsoletos, Marcuse afirma que em certos pontos, a cultura também é pós-tecnológica¹³⁷, pois "suas mais avançadas imagens e posições parecem sobreviver à sua absorção em confortos e estímulos administrados"¹³⁸. Deste modo, o teórico conclui que a literatura e a arte podem se opor às formas estabelecidas, mesmo quando são empregadas como adorno, uma vez que são a expressão da alienação livre e consciente.

Inicialmente, Marcuse busca ressaltar a diferença deste uso do termo alienação do conceito marxista, visto que este envolve a "relação do homem consigo mesmo e com seu trabalho na sociedade capitalista"¹³⁹, ele faz o uso do termo dentro do âmbito artístico, logo a alienação artística trata-se da "transcendência consciente da existência alienada - uma alienação de "nível mais alto" ou um alienação mediatizada"¹⁴⁰. No contexto da sociedade

¹³⁵ IBIDEM, p. 87

¹³⁶ IBIDEM, p. 87

¹³⁷ Uma cultura pós-tecnológica no sentido de ir além da mera instrumentalização da tecnologia e busca uma transformação radical da sociedade. Uma vez que, Marcuse acredita que a tecnologia, no contexto em que ele está analisando, está a serviço do sistema capitalista e contribui para a opressão e a alienação dos indivíduos. Logo, a cultura pós-tecnológica, segundo Marcuse, seria aquela em que a tecnologia é utilizada de forma emancipatória, voltada para a liberdade e o bem-estar dos indivíduos. Seria uma cultura que rompe com a lógica da produção e consumo de massa, buscando uma sociedade em que a tecnologia seja subordinada aos carecimentos humanos. Nessa cultura, a tecnologia seria utilizada de maneira crítica e criativa, permitindo a criação de novas formas de organização social, de relações pessoais e de produção, visando a valorização da liberdade individual, a autonomia e a participação ativa dos indivíduos na tomada de decisões.

¹³⁸ IBIDEM, p.88

¹³⁹ IBIDEM, p.88

¹⁴⁰ IBIDEM, p.88

industrial avançada, Herbert Marcuse argumenta que mesmo certas palavras associadas à alta cultura, como "romântico" e "decadente", usadas de forma depreciativa, possuem os aspectos progressistas e subversivos dessa cultura. O próprio termo romântico é pintado como ultrapassada e como uma forma de escapismo do mundo real.¹⁴¹

No entanto, Marcuse argumenta que as imagens produzidas pela alienação artística são, de fato, românticas, na medida em que estão em desacordo e incompatibilidade com a sociedade industrial avançada. Essas imagens representam uma forma de resistência e crítica à alienação e à racionalidade instrumental dominantes na sociedade industrial avançada. A alienação artística, segundo Marcuse, é uma expressão da verdadeira natureza humana, que é reprimida e negada na sociedade industrial avançada, revelando a insatisfação profunda com a sociedade e sua falta de liberdade e autenticidade. Em suma, a alienação artística busca romper com as normas e valores impostos pelo sistema, questionando a realidade estabelecida e apontando para possibilidades de transformação e emancipação.

Antes do progresso tecnológico e da crescente industrialização, a arte desempenhava um papel fundamental como forma de expressão que transcendia a realidade material. Herbert Marcuse argumenta que, nesse contexto, a arte era essencialmente uma forma de alienação que preservava a contradição e promovia uma consciência infeliz em relação ao mundo bidimensional. Marcuse enfatiza que a arte, ao revelar uma dimensão do homem e da natureza que era reprimida e repelida na realidade, buscava criar um mundo novo no qual o horror da vida fosse trazido à tona e cancelado. Essa busca pelo reconhecimento e pela superação das limitações da realidade material era um elemento central na experiência artística.

A arte, ao proporcionar uma experiência estética que vai além das limitações da vida cotidiana, desempenha um papel importante na resistência e na crítica ao sistema dominante. Segundo Marcuse, a arte permite uma conexão com uma realidade mais profunda e significativa, que transcende as normas estabelecidas. Ao se afastar das demandas imediatas e utilitárias da vida cotidiana, a arte cria um espaço de liberdade e reflexão.

A consciência infeliz, conforme abordada por Marcuse e analisada por Arnold Farr¹⁴², representa uma abordagem interessante para explorar um problema de natureza hegeliana dentro de uma estrutura freudo-marxista. Essa noção envolve tanto uma consciência da necessidade de mudança social quanto uma resistência à própria mudança. Farr destaca a importância de diferenciar as noções freudo-marxistas e hegelianas para compreender a

¹⁴¹ IBIDEM, p.88

¹⁴² Farr, A. (2018). Consciência infeliz, unidimensionalidade e a possibilidade de transformação social. *Tempo Social*, 30(3), 25-48. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.146519>

viabilidade de uma mudança social. Ao explorar a consciência infeliz, Marcuse propõe uma análise que combina elementos da teoria psicanalítica de Freud, com sua ênfase nas motivações inconscientes e na repressão, e a teoria marxista, que enfoca as contradições e lutas de classe na sociedade. A consciência infeliz revela uma dualidade intrínseca, na qual os indivíduos podem reconhecer a necessidade de transformação, mas também resistir a ela devido a fatores psicológicos, sociais ou políticos.

Ao examinar essa tensão, Marcuse nos convida a refletir sobre as barreiras e obstáculos que impedem uma mudança social efetiva. A análise conjunta das perspectivas freudo-marxista e hegeliana nos ajuda a compreender as complexidades e as possibilidades de superar essas resistências e avançar em direção a uma sociedade mais justa e emancipatória.

Farr faz uma breve reconstrução do argumento hegeliano da relação senhor/servo (*Knecht*) em que consiste numa dinâmica de dominação social em que um grupo nega o reconhecimento a outro grupo, resultando em violência, injustiça, opressão e exploração. Em suma, a luta pelo reconhecimento pode levar a uma relação de dominação, na qual um se torna mestre e o outro escravo.

No entanto, essa relação é contraditória¹⁴³ e precisa ser superada. O servo, ao trabalhar para o senhor, se torna consciente das contradições dessa relação. Ele pode escolher confrontar o mestre em busca de liberdade e reconhecimento, ou pode se iludir com narrativas falsas de liberdade. Farr aponta que, ao longo dessa relação, o servo atravessa diferentes estágios que ele denomina de falsa consciência, culminando no estágio final conhecido como consciência infeliz.

A consciência infeliz é uma percepção da forma contraditória de vida vivida pelo servo, em que o sentimento de liberdade e de falta de liberdade surge ao mesmo tempo, logo, o servo tenta superar essa contradição submetendo toda a vida à servidão. Farr coloca que:

Esse desenvolvimento dentro da autoconsciência ainda é patológico na medida em que mantém um relacionamento patológico e contraditório. Além disso, ele incentiva a patologia da negação. A visão de que tudo é escravidão oculta a realidade social da escravidão ou a dominação de um grupo social por outro. A injustiça da dominação, opressão, alienação e exploração humanas não é contestada. Buscar a liberdade no Além é rejeitar nossa responsabilidade uns com os outros neste mundo. A visão de mundo da consciência infeliz é irracional na medida em que a razão não pode ser separada da ideia de uma comunidade de agentes racionais livres que se reconhecem mutuamente.¹⁴⁴

¹⁴³ A relação mestre/escravo apresenta contradições como a dependência mútua, em que o mestre precisa do trabalho do escravo para atender às suas necessidades e desejos, criando uma relação de interdependência. Além disso, o escravo busca o reconhecimento de sua humanidade pelo mestre, mas é negado esse reconhecimento, sendo tratado como objeto ou mercadoria, o que resulta na perda de autonomia e dignidade. Por fim, à medida que o escravo trabalha para o mestre, ele se torna consciente das contradições presentes nessa relação, percebendo que está sendo explorado e que sua liberdade e dignidade estão sendo negadas.

¹⁴⁴ IBIDEM, p. 39 (tradução nossa)

O autor destaca que na Fenomenologia do Espírito de Hegel existem várias formas de consciência e que o filósofo move muito rapidamente para o momento da reconciliação (unificação.) Essa rapidez carrega certo otimismo que também é seguido por Marx na sua concepção da relação senhor/servo, que no seu caso é a relação burguesia/proletariado, no qual o proletário conseguiria desenvolver uma consciência revolucionária e lutaria para se emancipar. Logo, Farr aponta a retomada do conceito feita por Marcuse como necessária, pois para o teórico a consciência infeliz é uma realidade social, que faz com que a infelicidade seja motor para a busca de um novo princípio de realidade, isto é, uma mudança social.

Para Marcuse a alienação artística é uma expressão de consciência infeliz, pois revela uma oposição ao princípio de realidade estabelecido na sociedade. Marcuse argumenta que a arte, ao apresentar uma visão alternativa da realidade e questionar as normas e estruturas sociais, traz à tona a insatisfação e a infelicidade que muitos indivíduos sentem em relação ao mundo em que vivem. O teórico afirma que é por meio dessa experiência estética que a arte pode despertar uma consciência crítica e infeliz em relação ao mundo estabelecido. Ao revelar as contradições e os limites da realidade material, a arte desafia o princípio de realidade dominante e busca abrir espaço para uma transformação social e individual. Ele diz que a literatura e a arte eram essencialmente alienação, pois elas permaneciam:

sustentando e protegendo a contradição - a consciência infeliz do mundo dividido, as possibilidades fracassas, as esperanças não realizadas e as promessas traídas. Elas eram uma força racional, cognitiva, revelando uma dimensão do homem e da natureza que era reprimida e repelida na realidade. Sua verdade estava na ilusão evocada, na insistência em criar um mundo em que o horror da vida fosse trazido à tona e cancelado - dominado pelo reconhecimento.¹⁴⁵

3.1.2. Sociedade pós-tecnológica

Historicamente, a literatura e a arte não eram submetidas à ordem dos negócios, contudo, a partir da assimilação do seu conteúdo antagônico surge um novo tipo de totalitarismo¹⁴⁶ no âmbito da cultura, que é manifestado em um pluralismo harmonizador, que permite a coexistência de obras e verdades contraditórias de modo pacífico e indiferente. O pluralismo harmonizador pode levar a uma diluição das vozes dissidentes e críticas. À medida que as obras de literatura e arte são assimiladas pelo sistema dominante, elas podem ser transformadas em meros objetos de consumo, desprovidas de seu potencial subversivo.

¹⁴⁵ MARCUSE, Herbert. O Homem Unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015, p.89

¹⁴⁶ IBIDEM, p. 89

Esse novo tipo de totalitarismo cultural é caracterizado pela neutralização das obras e verdades contraditórias. Em vez de desafiar e questionar as estruturas de poder, a literatura e a arte são absorvidas e transformadas em mercadorias que reforçam a ordem estabelecida. Essa assimilação pode levar à indiferença em relação a questões sociais e políticas, à medida que as obras são consumidas como mera distração ou entretenimento. Assim, o pluralismo harmonizador pode ser visto como uma forma de controle e neutralização da literatura e da arte. Ele permite que diferentes perspectivas coexistam, mas somente abrindo mão da perspectiva de uma verdadeira transformação social. As obras e verdades contraditórias são assimiladas e domesticadas, perdendo sua capacidade de questionar e desafiar as estruturas de poder. Peixoto aponta que Zizek destaca esse caráter harmonizador no que ele chama de sociedade pós-política. Nas palavras de Peixoto:

em nossa sociedade pós-política, o "multiculturalismo", que parece hegemônico nos trabalhos acadêmicos e nos meios de comunicação de massa, atualiza e legitima aquela tendência ao "pluralismo harmonizador" que Marcuse[...].¹⁴⁷

Outra questão, que é suprimida pela realidade tecnológica desenvolvida, é a essência histórica das tragédias e obras literárias como *Madame Bovary* e *Romeu e Julieta*. Essas obras retratam sociedades consideradas "atrasadas" que não estavam suficientemente desenvolvidas para resolver os problemas enfrentados pelas personagens. No entanto, para leitores tomados pela ideologia da sociedade industrial avançada, as problemáticas dessas personagens são resolvidas, minando tanto as formas tradicionais quanto as bases da alienação artística. Isso acaba invalidando os estilos e a essência da arte. À medida que a tecnologia avança, a sociedade busca soluções rápidas e eficientes para os problemas enfrentados pelos indivíduos. Isso inclui a resolução de conflitos pessoais e emocionais. Projeta-se retrospectivamente que se as personagens literárias clássicas vivessem em tempos mais avançados tecnologicamente, seus problemas também poderiam ter sido resolvidos. A disponibilidade de soluções rápidas e eficientes para os problemas cotidianos pode levar a uma diminuição da apreciação pela complexidade e profundidade das obras clássicas.

Além disso, a tecnologia também proporciona novas formas de expressão artística, que muitas vezes são consideradas mais acessíveis e relevantes para o público contemporâneo. No entanto, é importante ressaltar que, apesar do avanço tecnológico, a essência e o valor das tragédias clássicas não devem ser descartados. Essas obras continuam a oferecer *insights* valiosos sobre a natureza humana, explorando temas universais como o amor, a morte, a paixão e o sofrimento.

¹⁴⁷ PEIXOTO, L. A. da S.. Marcuse: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Online), v. 11n1, p. 123-140, 2011.

Apesar da diferença do papel da arte na sociedade pré-tecnológica bidimensional e na civilização unidimensional, a alienação é a característica que prevalece tanto na arte afirmativa (identificada com a pré-tecnológica) quanto na negativa (verdadeira arte de vanguarda, cf. seção 1.2), visto que o rompimento da realidade artística com a realidade social é a qualidade essencial da arte, inclusive na arte afirmativa. A arte quando digna do nome, seja ritualizada ou não, possui uma racionalidade de negação intrínseca. Por meio da fala, do corpo e da representação, tanto o homem quanto as coisas ao seu redor são capazes de refutar, interromper e recriar a realidade estabelecida. No cerne dessa racionalidade de negação, a arte busca romper com as limitações e contradições da realidade estabelecida. Ela desafia as estruturas de poder, questiona as normas culturais e busca abrir espaço para uma visão alternativa da existência. Através da refutação, interrupção e recriação da realidade, a arte revela novas possibilidades, estimula a imaginação e incita a busca por uma transformação individual e social.

Contudo, na sociedade antagônica todas essas formas de negação estavam ligadas a uma certa função, de modo que as obras eram encomendadas não somente para o fim artístico mas também para os ritos nos quais a arte estava inserida. A diferença entre a esfera do trabalho e da esfera da arte, é que na primeira a sociedade reproduz a si mesma e a sua miséria, enquanto na segunda as formas de negação criam um mundo da arte em que "permanece, com toda a sua verdade, um privilégio e uma ilusão"¹⁴⁸.

Não obstante a sua democratização e popularização nos séculos XIX e XX, a "alta cultura" mantém seus próprios ritos e estilo, os ambientes de apresentação de suas obras ainda são arquitetados de modo que invoque outra dimensão da realidade e que suprima e transcenda a realidade cotidiana. Os espaços de apresentação da "alta cultura", como teatros, óperas, museus e salas de concertos, são concebidos para proporcionar uma experiência estética única. A arquitetura desses locais, com seus detalhes ornamentais, acústica cuidadosa e iluminação adequada, busca criar uma atmosfera que transporta o espectador para um mundo além do cotidiano.

Esses espaços são projetados para isolar o público do ruído e da agitação do mundo exterior, proporcionando um ambiente tranquilo e imersivo. Ao entrar nesses lugares, os espectadores são convidados a deixar para trás as preocupações e os problemas do dia-a-dia, e a se abrir para uma experiência estética mais profunda. Além disso, a própria programação da "alta cultura" muitas vezes busca transcender a realidade cotidiana. As obras apresentadas

¹⁴⁸ IBIDEM, p.91

nesses espaços muitas vezes abordam temas universais, exploram emoções complexas e oferecem uma visão artística que vai além do trivial e do banal.

Muitas vezes, a "alta cultura" também se baseia em tradições e rituais estabelecidos ao longo dos séculos. Os concertos sinfônicos, por exemplo, seguem uma estrutura formal e têm um protocolo específico. Os espetáculos de ópera possuem suas próprias convenções, com trajes elaborados, cenários grandiosos e performances teatrais intensas. Esses rituais e estilos da "alta cultura" são parte integrante da experiência artística. Eles criam um senso de solenidade e importância, elevando a arte a um nível quase sagrado. Ao participar desses ritos, o público é convidado a se conectar com uma tradição cultural mais ampla e a se inserir em um legado artístico que transcende o tempo e o espaço.

Com a privação da força antagônica de obras clássicas, os "neoconservadores"¹⁴⁹ criticam a popularização e a distribuição em massa dessas obras, que conseqüentemente são retiradas das suas dimensões de verdade e fundamentalmente modificadas, visto que são aplanadas ao princípio de realidade do *status quo*. Marcuse aponta que:

Os críticos neoconservadores das críticas de esquerda sobre a cultura de massas ridicularizam o protesto contra Bach como música de fundo na cozinha, contra a venda de Platão e Hegel, Shelley e Baudelaire, Marx e Freud nas drogarias. Em vez disso, eles insistem no reconhecimento do fato de que os clássicos deixaram o museu e voltaram à vida novamente, que pessoas são, justamente por isso mais educadas. É verdade, mas voltando à vida como clássicos, eles retornaram como outros que não eles mesmos; eles são privados de sua força antagônica, do estranhamento que era a própria dimensão de sua verdade. Assim, a intenção e a função dessas obras mudaram fundamentalmente.¹⁵⁰

Tal assimilação da cultura nos leva a pensar que a sociedade está eliminando os privilégios da cultura feudo-aristocrática, na qual apenas os ricos eram instruídos e tinham acesso corrigindo assim uma falha de uma sociedade repressiva, contudo a popularização e a quebra do rigor não são o suficiente para garantir a obliteração da repressividade, pois os privilégios culturais garantem a proteção e a sobrevivência de uma integridade abstrata.

O espaço que separa a arte do cotidiano é fechado pela sociedade tecnológica, isto é, "a "outra dimensão" é absorvida pelo estado de coisas predominante"¹⁵¹, fazendo com que conseqüentemente a Grande Recusa¹⁵² seja eclipsada. O que antes eram obras de uma alienação consciente promovida pela arte, agora são incorporadas na sociedade como artigos

¹⁴⁹ IBIDEM, p.91

¹⁵⁰ IBIDEM, p.91

¹⁵¹ IBIDEM, p.91

¹⁵² A Grande Recusa, segundo Herbert Marcuse, é uma forma de resistência consciente e ativa contra as estruturas opressivas e alienantes da sociedade contemporânea. Ela implica em questionar e rejeitar as normas e valores dominantes, buscando uma transformação radical da sociedade em direção a uma existência mais livre e autêntica. A arte desempenha um papel fundamental nesse processo, ao criar uma "outra dimensão" que desafia as limitações e oferece uma visão alternativa do mundo.

de adorno e resolução psicanalítica do estado de coisas predominante, em suma "tornam-se, assim comerciais: vendem, confortam ou excitam".¹⁵³

Junto com a remoção do distanciamento, também foram excluídas a transgressão e a denúncia. A alienação artística torna-se funcional, ao ponto de ser mais "integrada" à sociedade, e se por um lado as belas artes estão mais acessíveis a todos, por outro essa difusão faz com que elas sejam reduzidas a uma engrenagem da máquina da cultura refazendo o seu conteúdo e pré-determinando a sua recepção. Antes, a arte de vanguarda e experimental desafiava as normas estabelecidas, questionava as estruturas de poder e explorava novas formas de expressão. Essa arte transgressora tinha o poder de provocar desconforto, confrontar o público e gerar reflexão crítica.

No entanto, com a sua popularização e assimilação pela cultura dominante, essa capacidade de transgressão foi diminuída. A alienação artística, que uma vez foi uma forma de resistência à alienação social, tornou-se mais uma peça da engrenagem cultural. A arte agora é muitas vezes cooptada e utilizada para promover uma visão de mundo específica, reforçando os valores e ideias dominantes. Ela se torna parte do sistema de consumo e entretenimento, perdendo sua capacidade de questionar e desafiar a ordem estabelecida.

A difusão em massa da arte também tem um efeito na recepção do público. Com a proliferação de obras de arte, muitas vezes pré-determinadas e reproduzidas em larga escala, a experiência individual e a liberdade de interpretação são limitadas. A arte se torna mais uma mercadoria cultural, com seu significado e valor sendo definidos de antemão. O público é levado a consumir a arte de acordo com as tendências e expectativas da cultura dominante, reduzindo assim a sua capacidade de se envolver em um diálogo criativo e crítico com a obra. Em suma, a alienação artística sucumbe ao processo de racionalidade tecnológica, e no estágio da sociedade que Marcuse analisa, está ocorrendo a redefinição das possibilidades da relação homem-natureza, a realização destes estão agora em conformidade com os novos meios disponíveis pelo aparato tecnológico.

3.2. A preservação do caráter negativo da arte *avant-garde*

As imagens pré-tecnológicas e suas verdades dependiam de uma dimensão não conquistada pela relação homem-natureza que era dada através dos limites impostos ao "núcleo insolúvel" que impossibilitavam a integração, mas na sociedade industrial avançada a

¹⁵³ IBIDEM, p.91

realidade tecnológica reduz gradativamente este núcleo, fazendo com que assim ocorra a perda da realidade qualitativa. Marcuse admite que "obviamente, a transformação física do mundo acarreta a transformação mental de seus símbolos, imagens e ideias".¹⁵⁴ Não obstante, para ele, é papel da frente *avant-garde* lutar contra a unidimensionalidade, produzindo um estranhamento que recuperaria a verdade artística e a tornaria comunicável. Silveira diz que:

Marcuse começa a elaborar a importância teórica das autênticas obras de arte de vanguarda (dadaísmo, surrealismo, teatro épico, atonalismo), que desde a década de 1930 expressaram a busca por uma linguagem poética como linguagem política. Mas o potencial revolucionário está vinculado ao compromisso com a forma estética: sem ela, não há negação nem transcendência. Por isso, a arte que tentou suprimir sua divisão com a realidade (*living art* etc.) faz a mesma coisa que a sociedade unidimensional: identifica prematuramente arte e política, destrói o poder revolucionário da arte, que é libertar o poder do negativo, guiar a práxis como ideia regulativa. Assim a arte na sociedade unidimensional deve buscar a restauração do caráter alienante da cultura estética em relação aos padrões estabelecidos da civilização industrial, deve abrir novas formas, novas linguagens de negação.¹⁵⁵

Para Marcuse, a questão vanguarda é expressa na visão de Brecht a partir do questionamento sobre a possibilidade de representação do mundo contemporâneo no teatro, na qual o dramaturgo responde que "o mundo contemporâneo só pode ser assim representado se é representado como sujeito à mudança"¹⁵⁶. Apesar do teatro ser entretenimento e prazer, ele também é aprendizado, e o ensinamento dele deve ser dado através do rompimento de identificação, gerando o distanciamento e reflexão. O estranhamento é fundamental para refletir sobre o que é posto como natural e corriqueiro, logo, Marcuse diz que "o 'efeito de estranhamento'¹⁵⁷ (*Verfremdungseffekt*) deve produzir essa dissociação em que o mundo possa ser reconhecido como o que ele é"¹⁵⁸. Marcuse argumenta que o estranhamento é necessário para desafiar a normalidade e a familiaridade das estruturas e práticas estabelecidas, permitindo que o mundo seja reconhecido como ele realmente é.

O teórico sugere que muitas vezes nos acostumamos com as condições e dinâmicas sociais existentes, aceitando-as como naturais e inevitáveis. Essa aceitação acrítica pode levar à reprodução e perpetuação de injustiças, desigualdades e opressões. O estranhamento, por sua vez, visa romper com essa complacência e convidar a uma nova perspectiva sobre a realidade. Ao enaltecer o estranhamento brechtiano, Marcuse concorda com a proposta de uma dissociação, um distanciamento que permite que as pessoas vejam além das aparências

¹⁵⁴ IBIDEM, p.93

¹⁵⁵ SILVEIRA, L. G. G. *Alienação artística: Marcuse e a ambivalência política da arte.*- Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p.48

¹⁵⁶ Nota de citação na IBIDEM, p.93. apud Bertolt Brecht, *Schriften zum Theater* (Berlim e Frankfurt, Suhrkamp, 1957), pp.7, 9.

¹⁵⁷ Conceito desenvolvido por Brecht, que consiste em uma técnica teatral que busca romper com a ilusão de realidade, fazendo com que o espectador se distancie emocionalmente da obra e reflita criticamente sobre o que está sendo apresentado.

¹⁵⁸ IBIDEM, p.93

superficiais e questionem a ordem estabelecida. O objetivo é criar uma ruptura na percepção cotidiana, a fim de revelar as contradições, as injustiças e as limitações presentes na sociedade.

Ao reconhecer o mundo como ele é, despojado de suas camadas de normalidade, as pessoas são capazes de desenvolver uma consciência crítica e questionar as estruturas de poder, as ideologias dominantes e as formas de opressão. O estranhamento desafia a naturalização das práticas sociais, estimulando a reflexão e a busca por alternativas. A arte de vanguarda de um modo geral, quando está no seu melhor, desempenha um papel crucial no processo de estranhamento. Através de técnicas como o surrealismo, a distorção, a provocação e a subversão das convenções estabelecidas, a arte convida o espectador a ver o mundo de maneira diferente. Ela rompe com as expectativas e padrões preestabelecidos, gerando um impacto emocional e intelectual que desafia as noções convencionais de normalidade e da própria realidade.

Tal efeito, portanto, não fica só restrito ao teatro; também ocorre na literatura de um modo mais amplo. Por exemplo, através da linguagem poética que tem como compromisso salvar a racionalidade negativa da ameaça behaviorista. A linguagem poética é uma linguagem de cognição posto que se cria em um meio que apresenta o ausente, subvertendo, assim, o positivo. A respeito da apresentação literária do que está ausente, Marcuse afirma que:

Nomear as "coisas que são ausentes" é quebrar o encanto das coisas que são; mais ainda, é a ingresso de uma ordem diferente de coisas na ordem estabelecida- "*le commencement d'un monde*"¹⁵⁹

Sendo impossível comunicar os conteúdos transcendentais, a linguagem poética necessita dos elementos transcendentais da linguagem usual para poder desenvolver a sua comunicação negativa. Através do uso de metáforas, simbolismos e outras figuras de linguagem, a poesia busca transmitir significados profundos e complexos que ultrapassam as limitações da linguagem comum.

No entanto, Marcuse argumenta que a comunicação dos conteúdos transcendentais da poesia é dificultada pela mobilização de todos os meios de comunicação em prol da realidade estabelecida. Isso significa que a cultura dominante, através de seus sistemas de mídia e comunicação, busca reforçar e perpetuar a ordem existente, suprimindo qualquer forma de comunicação negativa ou crítica. Essa mobilização dos meios de comunicação em prol da realidade estabelecida torna impossível comunicar o negativo, inclusive na linguagem poética.

¹⁵⁹ IBIDEM, p.94

A poesia, que antes era capaz de desafiar e questionar a ordem estabelecida, acaba sendo cooptada e transformada em uma forma de expressão usual, desprovida de sua capacidade de transmitir conteúdos transcendentais.

A linguagem poética, assim como qualquer outra forma de expressão artística, é submetida à lógica do mercado e às demandas da cultura de massa. Ela se torna mais uma mercadoria cultural, adaptada aos padrões e expectativas da cultura dominante. A poesia perde sua capacidade de comunicar o negativo, de oferecer uma visão crítica e alternativa da realidade.

Todavia, para Marcuse, as verdadeiras obras de vanguarda são aquelas que vão além da mera comunicação e rompem com a estrutura tradicional da linguagem. Essas obras rejeitam a estrutura de locução convencional, buscando formas inovadoras de expressão que desafiam as convenções estabelecidas. Um dos efeitos desse rompimento com a estrutura linguística é a subversão da experiência da natureza. Marcuse argumenta que a linguagem tradicional e normativa está ligada a uma visão de mundo que reforça a dominação e a exploração da natureza. Ao romper com essa estrutura, a poesia de vanguarda desafia as noções convencionais de natureza e oferece uma perspectiva alternativa.

Marcuse recorre ao texto "*Le Degré zéro de l'écriture*" de Roland Barthes para explorar esse rompimento da poesia moderna. Segundo Barthes, a poesia moderna lida com imagens desumanas por meio de suas orações impetuosas. Essas imagens desumanas desafiam as representações tradicionais da natureza e da experiência humana, abrindo espaço para uma compreensão mais ampla e crítica da realidade.

Ao subverter a estrutura linguística e explorar imagens desumanas, a poesia de vanguarda busca romper com as formas tradicionais de comunicação e oferecer uma nova experiência estética. Essa subversão desafia as normas e expectativas da sociedade, convidando o leitor a questionar as estruturas de poder e a repensar sua relação com a natureza e a experiência humana.

Marcuse afirma, após citar exemplos literários que tentam recuperar a Grande Recusa neste âmbito da cultura, que a Grande Recusa na linguagem da literatura tende a ser absorvida pelo o que ela refuta. Isso significa que as críticas e subversões presentes na literatura tendem a ser suavizadas, tornando-se apenas uma forma de entretenimento que não desafia efetivamente as estruturas opressivas da sociedade industrial avançada. Os clássicos literários e a *vanguarda*, que uma vez representaram uma ruptura com a ordem estabelecida, são reduzidos a meras formas de entretenimento, desprovidas de seu potencial transformador.

A liquidação da alta cultura passa a ser apenas "um efeito colateral da conquista da natureza e da progressiva conquista da escassez"¹⁶⁰. Com a incorporação e invalidação dos elementos da alta cultura, ocorre conseqüentemente a perda das suas características metafísicas, os conflitos que antes eram dados como insolúveis são "curados" e recortados para serem usados como propaganda, ou seja, todos os anseios da alma são passíveis de serem discutidos, analisados, resolvidos e divulgados. Marcuse coloca que:

[...] a questão do "significado" das coisas pode ser reformulada como a questão do significado das palavras, e o universo estabelecido do discurso e do comportamento pode fornecer critérios perfeitamente adequados para a resposta.¹⁶¹

De acordo com Marcuse e a noção de racionalidade tecnológica¹⁶², antes do estabelecimento de um "universo racional", a relação da alta cultura com a realidade cotidiana envolvia muitas coisas, dentre elas estão a oposição e o adorno, o clamor e a resignação, mas também foi responsável pelo surgimento do reino da liberdade, que consiste na recusa em se "conformar". Contudo, com o avanço tecnológico e a conquista e unificação dos opostos, alta cultura é transformada em cultura de massa, logo, a recusa passa a ser bloqueada por um sistema de compensação, aparentemente mais agradável, que ocorre dentro de um campo material que promove a satisfação e permite a dessublimação "arrebatadora".

3.3. A mudança do uso social da energia pulsional

Sabemos que a alienação artística é sublimação e que ela cria imagens que estão em contradição com o Princípio de Realidade, todavia, por se tratarem de imagens culturais, elas são aceitas e por vezes são consideradas edificantes e úteis¹⁶³. Para Marcuse a questão não se trata apenas da incorporação dos elementos da alta cultura nos itens e utensílios da cozinha e

¹⁶⁰ IBIDEM, p.96

¹⁶¹ IBIDEM, p.97

¹⁶² Segundo Marcuse, a racionalidade tecnológica é um conceito que descreve a forma dominante de racionalidade na sociedade industrial avançada. Ela se baseia na lógica da eficiência, produtividade e progresso tecnológico, enfatizando a maximização dos recursos e a busca pelo crescimento econômico. O teórico argumenta que a racionalidade tecnológica se tornou uma força dominante na sociedade contemporânea, moldando todos os aspectos da vida social, política e cultural. Ela se baseia na ideia de que a tecnologia e a ciência são neutras e objetivas, capazes de resolver todos os problemas e atender a todos os carecimentos humanos. No entanto, Marcuse critica essa forma de racionalidade, argumentando que ela está intrinsecamente ligada à lógica da dominação e da exploração. A racionalidade tecnológica busca controlar e padronizar as pessoas, transformando-as em consumidores passivos e conformistas. Ela promove uma cultura de conformidade, alienação e consumo desenfreado, que mantém a dominação e a desigualdade social. Em suma, a racionalidade tecnológica impede a reflexão crítica e a imaginação criativa, limitando as possibilidades de pensamento e ação, restringindo a diversidade cultural e a liberdade individual. Ao enfatizar a eficiência e a produtividade, ela ignora questões essenciais como a justiça social, a sustentabilidade ambiental e a qualidade de vida.

¹⁶³ IBIDEM, p.97

do escritório, que de certo modo é dessublimação¹⁶⁴ por substituir a "satisfação" (*gratification*) mediata por uma imediata, mas sim como e por quem essa dessublimação é praticada. Ele diz que se for realizada de uma:

"posição de força" por parte da sociedade, que pode permitir-se mais do que antes porque seus interesses se tornaram os impulsos mais interiorizados de seus cidadãos e porque os prazeres que ela concede promovem a coesão social e o contentamento.¹⁶⁵

No seu ensaio denominado *Neoliberalism's Frankenstein: Authoritarian Freedom in Twenty-First Century "Democracies"* Wendy Brown revisita a noção marcuseana de dessublimação repressiva e a coloca nos seguintes termos:

O que Marcuse chamou famosamente de "dessublimação repressiva" ocorre em uma ordem de dominação capitalista, exploração e "falsos carecimentos", à medida que a tecnologia reduz as exigências do carecimento e o desejo é incorporado em todos os lugares em uma cultura de mercadorias desfrutada por uma classe média crescente. Essa ordem apresenta muito prazer, inclusive o obtido por meio de restrições radicalmente reduzidas à sexualidade (um trabalho menos exaustivo exige menos sublimação), mas não emancipação.¹⁶⁶

A incorporação do desejo em todos os aspectos de uma cultura de mercadorias, desfrutada principalmente pela classe média em ascensão. Embora essa ordem ofereça prazer, incluindo uma redução radical das restrições à sexualidade, ela não promove a emancipação. As energias pulsionais, em vez de serem diretamente reprimidas pelos mandatos da sociedade e da economia, são cooptadas pela produção capitalista. O prazer e a sexualidade são incorporados ao cotidiano, resultando na perda do antigo antagonismo entre o Princípio do Prazer e o Princípio da Realidade¹⁶⁷. O prazer, em vez de ser um desafio à exploração do trabalho, torna-se uma ferramenta do capital, gerando submissão.

A liberação da sexualidade é condicionada pelas formas socialmente construtivas. Isso significa que as normas e valores sociais determinam quais expressões e práticas sexuais são consideradas aceitáveis e quais são reprimidas. No entanto, Marcuse argumenta que mesmo dentro dessas formas socialmente construtivas, podem surgir formas repressivas de dessublimação. Como bem nota Carneiro:

a dessublimação não é a negação do que é repressivo, mas do que é sublimado. Com efeito, desloca-se o potencial crítico do que seria possivelmente substituído pela sublimação. Em termos lógico-dialéticos, diante da sublimação repressiva, a dessublimação repressiva apresenta uma oposição lógica (e não real), em que "de uma única e mesma coisa, afirma-se e nega-se ao mesmo tempo" (Kant

¹⁶⁴ Vale ressaltar que em *Eros e Civilização* Marcuse cita uma "des-sublimação da razão" atuaria em conjunto com a "auto-sublimação da sensualidade" para reconciliar as pulsões antagonicas básicas. p.171

¹⁶⁵ IBIDEM, p.97

¹⁶⁶ BROWN, Wendy. "Neoliberalism's Frankenstein: Authoritarian Freedom in Twenty- First Century "Democracies"". *Authoritarianism: Three Inquiries in Critical Theory*, Chicago: University of Chicago Press, 2018, p.72 (tradução nossa)

¹⁶⁷ IBIDEM, p. 72

2005: 57). Isso significa que a dessublimação se opõe à sublimação constituída ainda que sob o jugo da repressão. Em ambos os casos, negam-se os desejos seja por desviar seus caminhos em outras formas (como na sublimação), seja por adaptá-los aos mecanismos possíveis de liberação (como na dessublimação), controlada sob dispositivos próprios ao *status quo*, sobretudo as mercadorias.¹⁶⁸

A dessublimação ocorre quando há uma liberação ou expressão de desejos e impulsos reprimidos. No contexto da sexualidade, isso pode envolver a quebra de tabus sociais e a exploração de práticas consideradas "desviantes" ou "impróprias". No entanto, Marcuse distingue entre as formas de dessublimação repressiva e as formas socialmente construtivas. Marcuse afirma que a dessublimação repressiva possui "mais desvio, mais liberdade e uma maior recusa em respeitar os tabus sociais"¹⁶⁹. Isso ocorre porque, em certos contextos, a transgressão e a subversão das normas sociais podem permitir uma maior liberdade individual e uma maior expressão autêntica da sexualidade.

No entanto, Marcuse também aponta que a dessublimação repressiva é um subproduto dos controles sociais da realidade tecnológica, pois, na medida que a sociedade tecnológica avança, os mecanismos de controle e dominação se intensificam. A dessublimação repressiva pode ser vista como uma forma de "liberdade" (*liberty*) que é permitida pela sociedade, mas que ao mesmo tempo reforça e intensifica a dominação.

A dessublimação pode ser compreendida como um afrouxamento dos tabus que antes exigiam a sublimação das pulsões humanas. Sob os efeitos desse processo, há uma maior possibilidade de satisfação e expressão dos desejos e das pulsões individuais. Isso significa que as restrições sociais e culturais que antes limitavam a manifestação dessas pulsões estão relaxadas, permitindo uma maior liberdade na vivência e na expressão dos desejos. Todavia, é importante ressaltar que, segundo a perspectiva freudiana, esse relaxamento permanece repressivo em sua lógica e efeito gerais. Pois se por um lado, a dessublimação proporciona uma sensação de liberação e prazer, permitindo que as pessoas se entreguem às suas pulsões e desejos de uma forma mais direta. Os tabus e restrições sociais que antes limitavam a manifestação dessas pulsões são afrouxadas, possibilitando uma experiência mais imediata e intensa de satisfação.

Não obstante, é importante notar que essa satisfação aumentada é acompanhada por uma repressão interna, pois assim que a dessublimação ocorre, as fontes do princípio do prazer e da liberdade na psique individual são enfraquecidas, logo, a satisfação passa a ser frequentemente canalizada e moldada pelas estruturas de poder existentes na sociedade. Um

¹⁶⁸ CARNEIRO, Silvio. "Herbert Marcuse e os destinos da hipótese repressiva". Dossiê Herbert Marcuse, Parte 1 (Dissonância: Revista de Teoria Crítica, v. 2, n. 1.1), p. 150-175, junho de 2018. pp. 165-166

¹⁶⁹ MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial. São Paulo: Edipro, 2015. p.98

exemplo concreto do modo de repressão descrito por Marcuse é a estratégia da indústria do entretenimento e do consumo em oferecer uma variedade aparentemente infinita de produtos e experiências prazerosas. Essa pluralidade de opções pode parecer libertadora à primeira vista, mas, na realidade, é projetada para manter as pessoas dentro dos limites estabelecidos pela sociedade e reforçar a conformidade social. A indústria do entretenimento e do consumo utiliza técnicas de marketing e publicidade para criar uma ilusão de liberdade e escolha, ao apresentar uma infinidade de produtos, serviços e experiências, cada um supostamente capaz de satisfazer diferentes desejos e carecimentos individuais.

Por exemplo, a indústria da moda oferece uma ampla gama de estilos e tendências, mas todos eles estão dentro das normas estabelecidas de beleza e conformidade. A indústria cinematográfica apresenta uma variedade de gêneros e narrativas, mas muitas vezes reforça estereótipos e padrões de representação socialmente aceitos. Essa pluralidade de opções prazerosas, portanto, funciona como uma forma de repressão, pois mantém as pessoas dentro dos limites estabelecidos pela sociedade. Ela oferece uma sensação de liberdade e escolha, mas, na verdade, reforça a conformidade social e impede a verdadeira subversão e transformação.

Além disso, a lógica da repressão e da dessublimação está intrinsecamente ligada ao consumo desenfreado na sociedade contemporânea. A indústria do entretenimento e do consumo se aproveita desse afrouxamento dos tabus para oferecer constantemente novos produtos e experiências prazerosas, criando um ciclo vicioso de busca por satisfação e gratificação imediata. Essa busca incessante por prazer e gratificação imediata cria um círculo vicioso, onde a satisfação obtida é efêmera e logo substituída por novos desejos e carecimentos falsos. Essa dinâmica do consumo desenfreado não apenas perpetua a lógica da repressão, mas também contribui para a alienação e a insatisfação generalizada. Ao nos concentrarmos exclusivamente na busca por prazer imediato, perdemos de vista valores mais profundos, como a conexão humana, a criatividade e a realização pessoal verdadeira.

A resistência pulsional e intelectual contra o princípio da realidade é diminuída, comprometendo a capacidade de questionar, resistir e buscar uma verdadeira liberdade. Em outras palavras, embora a dessublimação traga uma sensação de realização e prazer, ela também tem um efeito repressivo. A intensificação da satisfação é, ao mesmo tempo, uma diminuição da resistência e da capacidade de buscar formas alternativas de prazer e liberdade. A lógica da dessublimação repressiva implica em uma conformidade com as normas e valores estabelecidos, em detrimento da verdadeira emancipação individual e coletiva.

Para explicar melhor a relação entre dessublimação e sociedade tecnológica, Marcuse recorre ao debate sobre a modificação do uso social da energia pulsional. O teórico afirma que nesta sociedade, nem todo o tempo gasto e, nem toda a energia poupada pela ação da máquina está relacionada ao trabalho, para ele "A mecanização também 'poupou' a libido, a energia das Pulsões de Vida - ou seja, impediu-a de atingir as formas prévias de realização."¹⁷⁰. No mundo pré-tecnológico existia uma paisagem romântica¹⁷¹ na qual se obtinha todo o prazer e gozo, contudo, essa paisagem desapareceu e junto com ela a dimensão erótica que ela remetia.

Com a redução do ambiente romântico, os desejos libidinosos também foram reduzidos, fazendo com que a libido seja contraída e que a experiência erótica¹⁷² seja reduzida à experiência e à satisfação sexual. Ao fazer comparações entre o amor numa paisagem campestre e em um cenário urbano, o filósofo afirma que na primeira paisagem ocorre a concentração dos desejos libidinosos que tende à ser erotizado, já no que diz respeito ao ambiente urbano e mecanizado dá-se o bloqueio da "autotranscendência da libido"- isto é, segundo Marcuse a libido não consegue superar as zonas imediatamente erógenas-. Neste último Marcuse diz que:

Impelida pelo esforço de ampliar o campo de satisfação erótica, a libido se torna menos 'polimorfa', menos capaz de erotismo para além da sexualidade localizada, e a *última* se intensifica.¹⁷³

Em suma, além de limitar o âmbito da sublimação, a realidade tecnológica também reduz a necessidade de sublimação, provocando a diminuição da tensão entre o que é desejado e o que é permitido, e na isenção de uma transformação arrasadora dos carecimentos pulsionais dentro do Princípio da Realidade. Um mundo que não exige a negação dos carecimentos mais íntimos do indivíduo, também o condiciona a aceitar o que lhe é oferecido de antemão. E dado que a liberdade [*liberty*], neste contexto, corresponde à contração dos carecimentos pulsionais, "ela atua mais *a favor* do que *contra* o *status quo* da repressão geral – alguém poderia falar de uma "dessublimação institucionalizada"¹⁷⁴

Para Marcuse, uma das notáveis realizações da sociedade industrial avançada foi que a partir da expansão da liberdade sexual, ela permitiu que o corpo operasse de modo mais exibicionista, exaltando as características sexuais tanto no ambiente de trabalho, quanto

¹⁷⁰ IBIDEM, p.98

¹⁷¹ Apesar de não ser específico Marcuse define paisagem romântica como uma paisagem campestre

¹⁷² Para Marcuse a experiência erótica envolve uma dimensão mais ampla de prazer, que inclui aspectos emocionais, afetivos e até mesmo intelectuais. A experiência erótica é caracterizada por uma conexão mais profunda com o outro, uma busca por intimidade, desejo de explorar e expressar as próprias fantasias e uma sensação de transcendência dos limites impostos pela sociedade.

¹⁷³ IBIDEM, p.99

¹⁷⁴ IBIDEM, p.99

cotidianamente, deixando de ser visto somente como um instrumento de trabalho. A diminuição da sujeira e do trabalho braçal, em que:

As atrativas secretárias e vendedoras, o executivo jovem e viril e o supervisor atraente são mercadorias altamente vendáveis, e a posse de amantes adequadas — outrora prerrogativa de reis, príncipes e lordes — facilita a carreira até mesmo dos postos mais modestos do mundo dos negócios.¹⁷⁵

No ambiente de trabalho e em construções públicas, muitas vezes podemos observar a transformação da praticidade em algo artístico. Essa mudança ocorre quando a funcionalidade é combinada com elementos estéticos, resultando em espaços e estruturas que vão além de sua utilidade básica e se tornam expressões estéticas. No contexto do ambiente de trabalho, por exemplo, a tendência é criar espaços que sejam mais do que apenas locais de trabalho, mas também ambientes inspiradores e agradáveis. Os escritórios modernos são projetados com cuidado estético, utilizando elementos de design, cores e iluminação para criar uma atmosfera propícia à "criatividade", colaboração e bem-estar dos funcionários. A funcionalidade dos espaços é combinada com a busca por estímulos visuais e sensoriais que possam potencializar a produtividade e a satisfação no trabalho.

Lojas e escritórios se abrem por meio de enormes janelas de vidro e expõem o seu pessoal; no interior, balcões altos e divisórias opacas estão caindo em desuso. A corrosão da privacidade em massivos edifícios de apartamentos e casas suburbanas quebra a barreira que antes separou a existência individual da existência pública e expõe mais facilmente as qualidades atraentes de outras esposas e outros maridos.¹⁷⁶

A socialização dada através destas transformações contribui ainda mais para a deserotização da esfera do trabalho, pois, na medida em que o sexo é integrando ao trabalho é mais passível a satisfação no ambiente. Marcuse atenta para o fato de que não importa o quão seja controlada e direcionada a energia pulsional para sustentar o *status quo*, os indivíduos administrados sentem-se satisfeitos. Essa satisfação é resultado de uma mobilização e manipulação cuidadosa dos carecimentos e desejos individuais, de modo a criar uma submissão voluntária e uma harmonização pré-estabelecida dos anseios e carências individuais.

Nas sociedades administradas, o controle e direcionamento da energia pulsional são realizados através de mecanismos como a propaganda, a publicidade e a cultura de massa. Essas influências moldam os desejos e carecimentos dos indivíduos, criando um ambiente em que a satisfação é alcançada por meio da aquisição de bens materiais, da busca por prazeres imediatos e da conformidade com os valores e padrões dominantes. Essa mobilização e manipulação dos carecimentos e desejos individuais resultam em uma submissão voluntária,

¹⁷⁵ IBIDEM, p.99

¹⁷⁶ IBIDEM, pp.99-100

pois os indivíduos se sentem satisfeitos dentro dos limites estabelecidos pela sociedade. Eles acreditam que estão realizando suas próprias vontades e desejos, quando na verdade estão apenas seguindo as normas e valores impostos pelo sistema. Essa submissão voluntária ocorre porque a sociedade administrada oferece uma ilusão de liberdade e satisfação, ao mesmo tempo em que controla e direciona as pulsões individuais.

Em suma, a conquista política e tecnológica obtida na sociedade industrial avançada manifesta-se na esfera pulsional de modo que a satisfação estimula a submissão e desmotiva a racionalidade de protesto, e na medida em que é ampliado o campo de satisfação socialmente aceitável, o Princípio de Realidade é reduzido ao Princípio de Desempenho.

Para ressaltar os efeitos avassaladores da dessublimação na sociedade industrial avançada, Marcuse evoca, em contrapartida, o papel que a sublimação exerce no âmbito da consciência, pois, ela a preserva das renúncias que a sociedade impõe ao indivíduo, e consequentemente também conserva a necessidade de liberação, e ainda que toda sublimação seja dada a partir da imposição do poder e barreiras sociais à satisfação pulsional, ela tem a capacidade de transpassar tais barreiras. Dessa forma, a sublimação atua como uma forma de resistência, desafiando as normas e as restrições sociais ao buscar caminhos alternativos de satisfação. Ela preserva a necessidade de liberação e oferece uma via de escape para as pulsões, mesmo que dentro das limitações impostas pela sociedade.

Com bem aponta Pisani:

Na medida em que a “sublimação” se apresenta como uma imposição da sociedade, ela preserva a consciência da repressão e, portanto, a revolta das pulsões contra o “princípio de realidade” repressivo.¹⁷⁷

Em contrapartida com a dessublimação que ao eliminar a consciência dos antagonismos e dos conflitos, enfraquece a revolta das pulsões e a rebelião e reivindicação por um novo “princípio de realidade”. A dessublimação, ao eliminar a consciência dos antagonismos e conflitos, cria uma ilusão de harmonia e conformidade na sociedade. Ela suaviza as tensões e insatisfações, levando as pulsões a se adaptarem às normas estabelecidas.

¹⁷⁷ Mello Pisani, M. (2004). Marxismo e psicanálise no pensamento de Herbert Marcuse: uma polêmica. *Revista Subjetividades*, 4 (1), 23–64. Recuperado de <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/1494>, p.34

3.4. Perda da consciência

O Super-Eu desempenha um papel crucial na censura e no controle do comportamento humano. Ele é responsável por internalizar as normas e valores da sociedade, estabelecendo limites e reprimindo as pulsões e desejos considerados socialmente inaceitáveis. No entanto, essa censura não se restringe apenas ao âmbito individual, mas também se estende ao social, visando manter a ordem e a coesão social, estabelecendo limites e reprimindo as pulsões e desejos que podem ser considerados prejudiciais ou perigosos para a sociedade como um todo.

Nadja Laender aponta que nas origens do conceito de Super-Eu este era confundido com o de consciência. A autora destaca que Freud no texto “Atos Obsessivos e Práticas Religiosas” (1907) trabalhou a ideia de uma consciência especial que surge a partir do recalçamento de ideias sexuais incompatíveis. Nadja diz que essa consciência especial seria "a primeira formação defensiva contra as pulsões sexuais, sinalizando um rudimento do que *a posteriori* será nomeado como Super-Eu"¹⁷⁸.

Em sua reconstrução, Laender também trabalha a relação entre o Super-Eu e o recalçamento das pulsões sexuais, mostrando como o Super-Eu atua como uma censura inconsciente para reprimir essas pulsões consideradas incompatíveis com a consciência. A autora afirma que ao censurar as pulsões sexuais, gera ansiedade e um sentimento inconsciente de culpa, afetando a psicodinâmica do indivíduo.

À vista disso, a perda da consciência, que resulta de uma sociedade sem liberdade que concede à ação de liberdades satisfatórias, beneficiaria a tomada de uma consciência feliz, que por sua vez facilita o consentimento perante os maus atos em sociedade. Nesse sentido, podemos afirmar que a verdadeira função da dessublimação dentro da sociedade industrial avançada é a de promover o conformismo, por meio da liberação da sexualidade, as pulsões infelizes e descontentes também são libertadas e revelam o caráter repressivo do âmbito da satisfação estabelecida.

Marcuse considera que a consciência feliz é uma tênue linha sobre o medo, a frustração e o ressentimento, que se for rompida pode ser usada como mobilização política e assim "se tornar o reservatório pulsional para um novo modo fascista de vida e morte."¹⁷⁹ e

¹⁷⁸ LAENDER, Nadja Ribeiro. A construção do conceito de superego em Freud. Reverso, Belo Horizonte, v. 27, n. 52, p. 63-68, set. 2005 .

¹⁷⁹ IBIDEM, p.101

dependendo dos meios pelos quais a infelicidade, presente na consciência feliz, for regulada ela pode ser "fonte de vigor e coesão e para a ordem social"¹⁸⁰.

Em "*Nas ruínas do neoliberalismo*" Wendy Brown se vale do termo marcuseano para apontar os efeitos de uma dessublimação que não é libertadora e que promove a "consciência feliz". A autora faz o resgate do conceito afirmando que Marcuse utiliza Marx e Freud para radicalizar a noção hegeliana de consciência infeliz, e coloca que:

A consciência é, assim, imediatamente um elemento no arsenal do Supereu para a inibição interna e uma fonte de julgamento moral sobre a sociedade. Dado que a dessublimação repressiva oferece um alívio dessa censura estrita e dá lugar à "consciência feliz" (um eu menos cindido por ser um eu menos conscientemente reprimido), a consciência é a primeira baixa.¹⁸¹

A denúncia de Marcuse é que a consciência feliz "é o sinal do declínio da autonomia e compreensão", Brown atenta-se a essa colocação do teórico que segundo ela contrapõe a noção freudiana em que o enfraquecimento da consciência¹⁸² está relacionado com a transferência desta para a autoridade idealizada, enquanto para Marcuse seria quando:

a autonomia declina quando a compreensão declina (esse é seu lado cognitivista, até mesmo racionalista), e a compreensão declina quando não é necessária para sobrevivência e quando o sujeito não emancipado é imerso nos prazeres e estímulos da mercadoria capitalista.¹⁸³

E com um enfoque maior na sua própria análise sobre o capitalismo tardio, Brown coloca que:

Livre, estúpido, manipulável, consumido por estímulos e gratificações triviais-quando não é viciado neles- o sujeito da dessublimação repressiva na sociedade capitalista avançada não é somente desatado [*unbound*] libidinalmente e desbloqueado [*released*] para gozar de mais prazer, mas desobrigado [*released*] de expectativas mais gerais da consciência social e da compreensão social.¹⁸⁴

Marcuse ressalta que apesar de toda essa liberação e realização imediata dos desejos e pulsões promovidas pelo consciência feliz, a infelicidade ainda se faz presente como prova da fragilidade dessas gratificações instantâneas, que ao serem frustradas podem ser combustível para coesão social e política de vieses fascistas.

Outro meio pelo qual Marcuse encontra para debater a forma pela qual a dessublimação esgota a revolta das pulsões em oposição ao Princípio da Realidade, é novamente através da análise de como a repressão sexual era e é dada na literatura. O

¹⁸⁰ IBIDEM, p.101

¹⁸¹ BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo*, traduzido por Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019. p. 203

¹⁸² Em "*Psicologia das massas e análise do eu*" Freud argumenta que, quando as pessoas se unem em grupos, sua consciência individual pode enfraquecer, dando lugar a uma consciência coletiva mais primitiva e influenciável. Nesse estado, os indivíduos podem perder sua capacidade crítica e se tornarem mais suscetíveis à manipulação e à adoção de comportamentos irracionais. Freud também destaca que, nesse contexto, os impulsos primitivos e reprimidos podem emergir com mais intensidade, levando a ações impulsivas e irracionais.

¹⁸³ BROWN, p.204

¹⁸⁴ BROWN, p. 204-205

primeiro caso é a literatura clássica e romântica que possui um compromisso erótico e transmite a sexualidade em suas obras de forma "altamente sublimada, "mediada" e reflexiva"¹⁸⁵ que por definição elas também são absolutas, inflexíveis e incondicionais. O Eros e o Tânetos pertencem ao mesmo domínio, o que no sentido ontológico consiste dizer que realização é destruição, eles se encontram além dos limites estabelecidos pelo Princípio da Realidade que eles recusam. Já no segundo caso, na literatura contemporânea, a sexualidade dessublimada está mais próxima da realidade material, e o seu conteúdo é mais ousado, atrevido, selvagem e consideravelmente imoral e devido a toda essa exposição ela é vista como inofensiva. Marcuse conclui que após a liberação da forma sublimada a sexualidade se tornou um objeto de opressão que expressa o que ocorre na sociedade contemporânea. Ele diz:

Esta sociedade transforma tudo o que toca em uma fonte potencial de progresso e de exploração, de escravidão e satisfação, de liberdade e de opressão. A sexualidade não é exceção.¹⁸⁶

Marcuse defende que a dessublimação controlada consiste na liberação síncrona da sexualidade e da agressividade reprimidas, tal concepção entra em confronto com a noção freudiana de "*quantum*" fixado de energia instintiva em que o fortalecimento de sexualidade necessariamente levaria ao enfraquecimento da agressividade e vice-versa. Todavia Marcuse esclarece que quando a liberação da libido é socialmente permitida e estimulada seria equivalente a uma compressão da energia erótica e de acordo com esse processo de dessublimação ocorreria simultaneamente o crescimento das formas sublimadas e não sublimadas da agressividade¹⁸⁷. E nas palavras de Brown:

A dessublimação repressiva também libera novos níveis e talvez até novas formas de violência ao abrir a torneira daquele outro poço do instinto humano, Thanatos.[...] Como a dessublimação repressiva não libera o Eros para a liberdade *tout court*, mas envolve uma compressão ou concentração da energia erótica no local da sexualidade, isso é parte do que a torna uma dessublimação "controlada" ou "repressiva". O Eros dessublimado pode, portanto, estimular, misturar-se e até mesmo intensificar a agressão.¹⁸⁸

Ao levantar questionamentos sobre o grau de normalização e consentimento da dissolução dos indivíduos, Marcuse retoma a ideia de destruição evitável que é um dos mecanismos do cotidiano mental e material dos indivíduos para que não haja a possibilidade de denúncia ou recusa do sistema social estabelecido. Brown aponta que na dessublimação repressiva no capitalismo tardio o indivíduo é:

¹⁸⁵ IBIDEM, p.101

¹⁸⁶ IBIDEM, p.102

¹⁸⁷ IBIDEM, p.102

¹⁸⁸ BROWN, Wendy. " Neoliberalism's Frankenstein: Authoritarian Freedom in Twenty- First Century "Democracies"". *Authoritarianism: Three Inquiries in Critical Theory*, Chicago: University of Chicago Press, 2018, p.73 (tradução nossa)

Maleável e manipulável, desprovido de autonomia, autocontrole moral e compreensão social, esse sujeito é um prazeroso, agressivo e perversamente ligado à destrutividade e à dominação de seu meio. Radicalmente desinibido, mas sem inteligência ou bússola moral para si mesmo ou para os outros, a experiência desse sujeito de vínculos e obrigações sociais subjetivamente sentidos, diluídos ou rompidos, é formada pela própria cultura neoliberal. Sua desinibição é contornada como agressão por essa cultura, por suas feridas e sua fonte imaginada, e pelas dessublimações incitadas ou convidadas pelo niilismo.¹⁸⁹

Marcuse explica que a Pulsão de Morte é um dos principais componentes que sustenta avanço técnico do homem e da natureza¹⁹⁰, a capacidade da sociedade de manipular tanto o progresso técnico quanto as pulsões, cresce gradualmente, de modo que ao satisfazê-los produtivamente —através das mercadorias— consegue obter a coesão social através ligação com as das raízes pulsionais.

Carnaúba resgata o debate sobre o sentimento de culpa e o seu papel fundamental para a existência da civilização, que acabou se perpetuando em um sistema de dominação. A autora faz um contraponto como Freud e Marcuse encaram esse sentimento em suas obras, no qual para Freud o fortalecimento de Eros como forma de controlar as pulsões destrutivas e reduzir a culpa é algo inalcançável pela civilização, uma vez que esta se baseia na repressão das pulsões, enquanto para Marcuse se instituições que seguem o princípio de desempenho se tornarem obsoletas ao longo do tempo, isso também resultará no fim da organização repressiva das pulsões relacionadas à sexualidade e de morte, logo ao superar as imposições do princípio de desempenho e a repressão excessiva, também seria possível superar o sentimento de culpa.

Contudo, Carnaúba ressalta que na medida em que as condições favoráveis à emancipação surgem, a sociedade se esforça para justificar a manutenção da ordem dominante e a produtividade acaba sendo usada como uma ferramenta de repressão, enquanto a sociedade manipula a consciência dos indivíduos para evitar que reconheçam a irracionalidade do sistema.

A vista disso, é possível afirmar que a libertação de Eros é limitada pelo princípio de desempenho, que neutraliza seu potencial emancipador. Para preservar a ordem estabelecida, as pulsões de morte são utilizadas como meio de neutralizar qualquer ameaça ao sistema. Outrossim, enquanto os controles unificados mantêm a burocratização das relações sociais, os meios de comunicação de massa promovem uma liberdade sexual controlada, reforçando assim a alienação.

¹⁸⁹ IBIDEM, p. 75

¹⁹⁰ MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial. São Paulo: Edipro. p. 103

A questão proposta por Carnaúba é pensar onde o sentimento de culpa se encaixa nessa sociedade em que o indivíduo está totalmente imerso no controle das instituições. A autora concorda com o pensamento de Marcuse e diz:

Apesar de não haver “espaço mental”, como nota o próprio Marcuse, para o desenvolvimento do homem contra seu sentimento de culpa, em virtude da manipulação da consciência, ainda é preciso considerar que o sentimento de culpa está presente, mesmo que se manifeste coletivamente. A agressividade se manifesta intensamente sob a forma de guerras e mediante a tecnologia que com seus inventos ameaça a aniquilação de populações inteiras.¹⁹¹

No seu estudo intitulado "*Agressividade em sociedades industriais avançadas*"¹⁹², no qual Marcuse faz uma análise da sociedade norte-americana, ele expõem que o novo modo de liberação e satisfação da agressão, denominado "satisfação e agressão tecnológica" em que a agressão é executada por um mecanismo automatizado poderoso que determina seu início, movimento e alvo. Nesse novo modo, o alvo da agressão não é diretamente destruído por uma pessoa, mas sim por meio de um objeto, sendo assim o homem se torna o sujeito e agente da agressão devido às suas capacidades mentais. Com isso, Marcuse lança a hipótese de que:

com a “delegação” de destruição para uma coisa, ou grupo e sistema de coisas mais ou menos automatizados, a satisfação instintiva da pessoa humana é “interrompida”, reduzida, frustrada, “supersublimada” [*supersublimated*]. E tal frustração contribui para a repetição e a escalada: aumento da violência, da velocidade, o alcance ampliado. Ao mesmo tempo, a responsabilidade pessoal, a consciência e o sentimento de culpa são enfraquecidos, ou melhor, tornam-se difusos, deslocados do contexto real em que a agressão foi cometida (por exemplo, bombardeios), e realocam-se a um contexto mais ou menos inócuo (indelicadeza, insuficiência sexual, etc.).¹⁹³

O enfraquecimento da culpa ocorre porque o indivíduo foi instrumentalizado, logo não responde moralmente a essa nova forma de agressão. Contudo, podemos observar que nessa dinâmica de sujeito e objeto da agressão, a máquina não satisfaz plenamente as pulsões primitivas do indivíduo, com isso este último segue tentando repetir e expandir essas agressões tecnológicas.

Marcuse toma como exemplo de liberação mais-agressão em um comportamento em larga medida insuspeito e “normal”, no âmbito da publicidade e de notícias reproduzidos pelos meios de comunicação. O teórico ressalta um ponto característico desse modo de reprodução que é a repetição permanente, no qual o mesmo comercial com o mesmo texto ou

¹⁹¹ CARNAÚBA. M. E. C. Marcuse e a psicanálise: uma análise do sentimento de culpa. Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar – www.urutagua.uem.br/010/10carnauba.htm. Quadrimestral – No 10 – Ago./Set./Out./Nov. – Maringá - Paraná - Brasil - ISSN 1519.6178. p.7

¹⁹² MARCUSE, Herbert. “Agressividade em sociedades industriais avançadas”. Trad. Inara Luisa Marin e Ricardo Crissiuma. Dossiê Herbert Marcuse, Parte 2 (Dissonância: Revista de Teoria Crítica, v. 2, n. 1. 2), p. 20-41, junho de 2018.

¹⁹³ IBIDEM, p. 36

imagem transmitida ou televisionada várias vezes. Marcuse recorre novamente a Freud, que segundo ele, conceitualiza a pulsão de morte no contexto de sua análise da “compulsão à repetição”, em que Freud associava a pulsão de morte à busca por um estado de inércia completa, ausência de tensão, retornar ao útero, aniquilação¹⁹⁴.

Na sociedade unidimensional um dos aspectos da dessublimação foi a "conquista da transcendência" à vista disso a sociedade propende a reduzir qualquer tipo de oposição, seja ela política ou cultural, e essa oposição também age dentro da esfera pulsional, impossibilitando assim de notar as contradições presentes nesta dimensão, fazendo com que prevaleça a consciência feliz. Logo, a consciência feliz é justificada pela necessidade geral e nesse campo não existe culpa, uma vez que ela é comparada ao exercício da liberdade. Marcuse utiliza um exemplo a respeito dos campos de concentração e de como a neutralidade da racionalidade tecnológica se manifesta sobre a política. Para Marcuse:

A Consciência Feliz não tem limite - ela dispõe de jogos com morte e sofrimento nos quais a alegria, o grupo de trabalho e importância estratégica se misturam numa harmonia social compensadora.¹⁹⁵

Brown ressalta a importância da crítica marcuseana, que bem antes da revolução neoliberal já atentava-se para a transformação do mercado em Princípio de Realidade e agente moral norteador da sociedade. A autora conclui que:

Já esgotados pela dessublimação que produziu a consciência feliz, os fracos restos de consciência são tomados pela razão e pelas exigências do mercado. Ao mesmo tempo, princípio da realidade, imperativo e ordem moral, o capitalismo se torna necessidade, autoridade e verdade em um só lugar; impregnando todas as esferas e imune a críticas, apesar de suas devastações, incoerências e instabilidades manifestas. Não há alternativa.¹⁹⁶

¹⁹⁴ IBIDEM, p. 40

¹⁹⁵ MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015. p.104

¹⁹⁶ BROWN, Wendy. "Neoliberalism Frankenstein: Authoritarian Freedom in Twenty- First Century "Democracies"". *Authoritarianism: Three Inquiries in Critical Theory*, Chicago: University of Chicago Press, 2018, p.73 (tradução nossa)

CONCLUSÃO

Influenciado pelos escritos psicanalíticos de Freud, Marcuse conseguiu desenvolver sua crítica à sociedade industrial avançada, analisando desde os conceitos mais básicos, como sublimação, princípio de prazer e de realidade, consciência, civilização e repressão, e incorporá-los no diagnóstico da sociedade de sua época. Essa incorporação possibilitou que Marcuse denunciasses as contradições e impasses da sociedade industrial avançada. Ele argumentava que a repressão e a sublimação dos desejos eram mecanismos de controle social utilizados pelas estruturas de poder para manter a dominação sobre os indivíduos e a natureza. No entanto, ele também via potencial de resistência e transformação nos mesmos desejos reprimidos, apontando para a possibilidade de uma sociedade mais livre e emancipada.

Nossa análise buscou destacar dois conceitos que parecem ser primordiais na crítica marcuseana, a saber a repressão e a tecnologia, que ao se juntarem tendem a formar uma sociedade totalitária. A repressão é um conceito recorrente na obra de Marcuse, pois não se limita apenas ao aspecto psicológico individual, mas também se estende à estrutura social e política. Marcuse via a repressão como um mecanismo utilizado pelas estruturas de poder para controlar e manipular os indivíduos, limitando sua liberdade e autonomia. Essa repressão era exercida por meio da imposição de normas, valores e ideologias que moldavam o comportamento e as aspirações dos indivíduos, restringindo suas possibilidades de autodeterminação.

Dito isso, em *Eros e Civilização* o nosso teórico denuncia o processo de sublimação como sendo repressivo, pois na sociedade industrial, o avanço tecnológico não era utilizado para promover a liberdade e a emancipação dos indivíduos, mas sim para mantê-los subjugados. A tecnologia se tornava uma ferramenta de controle, forçando os indivíduos a retardar seus desejos e pulsões naturais e a sublimá-los em força de trabalho. Com base nisso, o objetivo central de Marcuse é encontrar na própria teoria freudiana os fundamentos necessários para teorizar sobre uma civilização não-repressiva. Ele busca explorar e desenvolver conceitos que possibilitem uma transformação da sociedade, na qual as relações libidinais sejam livres e não submetidas à repressão.

Para superar essa limitação, Marcuse propõe uma reinterpretação dos conceitos freudianos, em particular o conceito de sublimação. Enquanto Freud via a sublimação como um redirecionamento das pulsões sexuais para atividades socialmente aceitáveis, Marcuse indica outras formas de sublimação que sugerem o desenvolvimento de uma civilização a partir de relações libidinais livres. Nessa perspectiva, Marcuse argumenta que a sublimação

não precisa necessariamente ser uma forma de repressão, mas pode ser uma expressão autêntica dos desejos e pulsões humanas. Ele propõe a possibilidade de uma sublimação não-repressiva, na qual os indivíduos são encorajados a explorar e vivenciar seus desejos de maneira saudável e criativa.

Essa teorização de uma civilização não-repressiva baseada em relações libidinais livres implica em uma reconfiguração radical das estruturas sociais e políticas existentes. Marcuse argumenta que a liberação dos desejos e pulsões humanas pode levar a uma transformação profunda da sociedade, na qual a liberdade e a autenticidade se tornem valores fundamentais. No entanto, Marcuse reconhece que essa transformação não será fácil ou imediata. Ele aponta para os desafios e obstáculos que existem para a realização de uma sociedade não-repressiva, incluindo a resistência das estruturas de poder dominantes. No entanto, ele acredita que é possível e necessário lutar por uma civilização na qual as relações libidinais sejam livres e a repressão seja apenas a necessária para a organização social.

A vista disso, destacamos na nossa investigação a ampliação da noção de repressão para Marcuse, que com o progresso tecnológico ganha proporções maiores dentro da sociedade. Nosso teórico observa que a repressão na sociedade industrial avançada não é imposta de maneira violenta e coercitiva, como em regimes autoritários, mas sim de forma mais sutil e insidiosa. A repressão é internalizada e aceita pela maioria das pessoas, tornando-se parte da própria estrutura social. Isso é possível através de mecanismos de controle e manipulação que são institucionalizados e incorporados à sociedade. Marcuse identifica diversas formas de repressão institucionalizada, como a propaganda e a manipulação da mídia, que moldam a percepção e o comportamento das pessoas de acordo com os interesses dominantes.

Além disso, Marcuse argumenta que a sociedade industrial avançada cria uma cultura de consumo e entretenimento que aliena as pessoas e as mantém presas a um ciclo de produção e consumo. A busca por prazeres imediatos e a satisfação dos carecimentos materiais são incentivadas, enquanto a reflexão crítica e a busca por uma vida autêntica são suprimidas. Esses mecanismos de controle e manipulação contribuem para a perpetuação da dominação na sociedade industrial avançada. Eles limitam a imaginação e a capacidade de questionar as estruturas de poder dominantes, tornando as pessoas conformadas e submissas.

Marcuse destaca que o sistema dominante na sociedade industrial avançada promove uma cultura de conformidade, na qual as normas e valores estabelecidos são aceitos e seguidos pela maioria das pessoas. Aqueles que questionam ou se opõem a essas normas são marginalizados e rotulados como radicais, extremistas ou subversivos. Essa marginalização

dos dissidentes é uma forma de repressão, na qual aqueles que desafiam o sistema são excluídos ou silenciados. Aqueles que expressam críticas ou buscam alternativas ao sistema dominante são frequentemente desacreditados, deslegitimados ou até mesmo perseguidos. A repressão da crítica e da dissidência tem o objetivo de manter o status quo e preservar as estruturas de poder existentes. Ao rotular os dissidentes como radicais ou subversivos, o sistema busca desencorajar a contestação das normas estabelecidas e impedir o surgimento de alternativas ao sistema dominante.

Nesse contexto, as pessoas são levadas a acreditar que sua participação política se resume a um exercício formal, desprovido do potencial de efetuar mudanças sociais significativas. Essa limitação da escolha é uma estratégia de controle social, que mantém as pessoas presas em um ciclo de conformidade e adesão ao sistema dominante. Ao restringir as possibilidades de escolha e apresentar apenas alternativas superficiais, a sociedade unidimensional impede a emergência de uma consciência crítica e a busca por alternativas mais radicais e transformadoras.

Na perspectiva da integração política na sociedade industrial avançada, Marcuse direciona a sua análise para a integração correspondente no âmbito da cultura e da sexualidade. Esse fenômeno é viabilizado pelo aumento da produtividade tecnológica e pela ampla dominação do ser humano e da natureza. Com a crescente integração e interconexão dos indivíduos em diversos aspectos da vida social, a tecnologia desempenha um papel fundamental nesse processo, pois permite uma maior comunicação e troca de informações entre as pessoas, independentemente das barreiras geográficas. As formas de cultura são amplamente disseminadas e consumidas pela população, graças aos avanços tecnológicos que permitem a produção em massa e a distribuição em larga escala de produtos culturais, como filmes, música, livros e programas de televisão.

No entanto, é importante observar que essa integração cultural também pode ser acompanhada por uma padronização e homogeneização das expressões culturais. A indústria cultural, por exemplo, tende a promover produtos e conteúdos que são comercialmente viáveis e que atendem aos interesses dominantes. Isso pode resultar em uma limitação da diversidade cultural e na imposição de valores e normas específicas. Da mesma forma, a integração no âmbito da sexualidade também é influenciada pela sociedade industrial avançada. A revolução sexual e os avanços contraceptivos abriram novas possibilidades e liberdades sexuais. No entanto, é importante questionar até que ponto essa integração sexual é verdadeiramente libertadora e diversa.

Sem dúvida, os desdobramentos da dessublimação repressiva, conceito desenvolvido por Marcuse, ainda são relevantes e podem ser observados na sociedade contemporânea. Esse conceito foi criado para denunciar o totalitarismo tecnológico em uma época em que o aparato tecnológico industrial ainda estava em pleno desenvolvimento. No entanto, suas reflexões continuam sendo de extrema importância para a análise da sociedade atual, especialmente no contexto das redes sociais, tendências, algoritmos e tecnologias como os *chatbots* baseados em inteligência artificial, como o *chat GPT*.

A dessublimação repressiva é um conceito que busca compreender o conformismo e a submissão dos indivíduos aos padrões e valores impostos pela sociedade industrial avançada. Segundo Marcuse, a cultura perdeu sua capacidade de questionar, oferecer alternativas e promover a emancipação individual e coletiva, tornando-se um instrumento de controle e manipulação que perpetua a alienação. A dessublimação repressiva, como conceituada por Marcuse, refere-se ao processo pelo qual as forças repressivas da sociedade são desviadas para a produção de bens e serviços. Isso cria uma ilusão de liberdade e satisfação, levando as pessoas a acreditar que a busca incessante pelo consumo e pelo materialismo é uma forma de realização pessoal. No entanto, essa busca por prazer imediato acaba por reforçar as estruturas de poder existentes e manter a dominação social.

A cultura, que antes poderia ser um espaço de questionamento, crítica e transformação, perdeu sua capacidade de oferecer alternativas e promover a emancipação. Em vez disso, a cultura se tornou um instrumento de controle e manipulação, alimentando a alienação e reforçando os valores e normas impostos pela sociedade industrial. As formas de expressão cultural são moldadas e direcionadas para atender aos interesses dominantes, limitando a diversidade de perspectivas e restringindo a capacidade de questionamento e resistência.

Na sociedade contemporânea, a dessublimação repressiva se manifesta de diferentes maneiras. As redes sociais, por exemplo, oferecem uma plataforma para a expressão individual e a interação social, mas também podem ser usadas como ferramentas de controle e manipulação. Algoritmos e tendências são usados para direcionar o conteúdo que as pessoas veem, criando uma bolha de informações que reforça suas crenças e limita sua exposição a perspectivas diferentes. Os *chatbots* baseados em inteligência artificial, como o *chat GPT*, também podem ser vistos como uma manifestação da dessublimação repressiva. Embora sejam capazes de fornecer respostas rápidas e personalizadas, eles também podem limitar a diversidade de opiniões e perspectivas. A inteligência artificial por trás desses *chatbots* pode ser programada para reforçar os valores dominantes e suprimir visões críticas.

Investigar a teoria crítica sob a ótica de Marcuse é pensar a filosofia como necessária nos tempos de hoje, pois os aparatos tecnológicos facilitam tanto o cotidiano sendo incapaz de propiciar o trabalho de reflexão sobre a realidade na sociedade, e esse é realmente o seu objetivo criar uma sociedade com oposições integradas, transformando e reduzindo as pessoas e as relações sociais em um mercado de inclinações individualistas. Os estudos de Marcuse nos lança para além da teoria crítica e nos convida a pensar a filosofia como um todo e o quanto a sua presença é fundamental para autonomia reflexiva da sociedade. No prefácio de *O homem unidimensional*, Kellner aponta a atualidade da obra que é 1964, e do pensamento como um todo de Marcuse, que segue sendo relevante:

por causa da sua compreensão das estruturas e tendências subjacentes do desenvolvimento socioeconômico e político contemporâneo. As racionalidades científica e tecnológica que Marcuse descreve são poderosas hoje com a emergência da computação, da proliferação da mídia e da informação e do desenvolvimento de novas técnicas e formas de controle social.¹⁹⁷

¹⁹⁷ MARCUSE, Herbert. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. São Paulo: Edipro, 2015. p.25

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, W. Theodor & HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento - fragmentos filosóficos**, Trad. G. A. de Almeida, R. Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor W. **Teoria estética**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2016.
- _____. **Negative Dialectics**, N. York: Continuum, 1981.
- BENJAMIN, Jessica. **O fim da internalização: psicologia social de Adorno**. Dissonância: Dossiê “Teoria Crítica e Psicanálise”. Unicamp: Campinas, n. 01, p. 155-198, 1º Sem. 2017.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a Ascensão da Política Antidemocrática no Ocidente**, traduzido por Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.
- _____. **Neoliberalism Frankenstein: Authoritarian Freedom in Twenty- First Century “Democracies”. Authoritarianism: Three Inquiries in Critical Theory**, Chicago: University of Chicago Press, 2018.
- CARNAÚBA. M. E. C. **Marcuse e a psicanálise: uma análise do sentimento de culpa**. Revista Urutagua - revista acadêmica multidisciplinar – www.urutagua.uem.br/010/10carnauba.htm. Quadrimestral – No 10 – Ago./Set./Out./Nov. – Maringá - Paraná - Brasil - ISSN 1519.6178.
- CLEWIS, R. R. **The Sublime Reader**. Bloomsbury Academic, 2018.
- COSTA, V. H. F. da. (2020). **Pulsão de vida no "Projeto para uma psicologia científica": uma releitura de Freud à luz de Loewald**. Voluntas: Revista Internacional De Filosofia, 11(2), 489–509. <https://doi.org/10.5902/2179378647388>.
- FARR, A. (2018). **Consciência infeliz, unidimensionalidade e a possibilidade de transformação social**. Tempo Social, 30(3), 25-48. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.146519>
- FERNANDES, Sergio Augusto Franco. **Sobre o uso do conceito de sublimação e suas derivações, a partir da perspectiva estética marcuseana**. Dois Pontos, [S.l.], v. 13, n. 3, dez. 2016. ISSN 2179-7412. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/47239>. Acesso em: 10 jul. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/dp.v13i3.47239>.
- FREUD, S. **"Introdução ao narcisismo"** In FREUD, S. Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916); tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **"Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos" (1937-1939)** / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. **"Além do princípio do prazer"** In FREUD, S. História de uma neurose infantil : (O homem dos lobos) ; Além do princípio do prazer e outros textos (1917 – 1920); tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **"O mal-estar na civilização"** In FREUD, S. O Mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos (1923-1925); tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **"Psicologia das massas e análise do Eu"** In FREUD, S. Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923); tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **"Uma recordação da infância de Leonardo da Vinci" (1910)**. In. Obras completas, volume 9 [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Obras completas, volume 16 : **O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)** / Sigmund Freud ; tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Psicologia das Massas e Análise do Eu**. In: FREUD, S. Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1921/2011.

GENEL, Katia. **Escola de Frankfurt e freudo-marxismo: sobre a pluralidade das articulações entre psicanálise e teoria da sociedade**. Dissonância: Teoria Crítica e Psicanálise - Revista de Teoria Crítica. vol. 1, nº1, 2017. Disponível em: <https://comunicamack.wordpress.com/2017/06/30/a-revista-dissonancia-teoria-critica-e-psicanalise-do-ifch-unicamp-lanca-seu-primeiro-numero/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

GEUSS, Raymond (2004). **Dialectics and the revolutionary impulse**. In Fred Leland Rush (ed.), The Cambridge Companion to Critical Theory. Cambridge University Press. pp. 103--38.

KANGUSSU, Imaculada. **Eros e o corpo degradado**. Ouro Preto: Departamento de Filosofia – Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP-MG), 18 p. SD. Disponível em: https://www.academia.edu/16887252/Eros_e_o_corpo_degradado_Imaculada_KANGUSSU.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade de Julgar**. Trad. Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016.

LA PLANCHE J. & PONTALIS, J.-B. **Fantasia originária, fantasias das origens e origens das fantasias**; tradução Álvaro Cabral: Jorge Zahar – Rio de Janeiro, 1993.

_____. **Vocabulário da psicanálise** / Laplanche e Pontalis ; sob a direção de Daniel Lagache ; [tradução Pedro Tamen]. — São Paulo : Martins Fontes, 1991.

LAENDER, Nadja Ribeiro. **A construção do conceito de superego em Freud**. Reverso, Belo Horizonte , v. 27, n. 52, p. 63-68, set. 2005.

LIMA, Renê Ivo da Silva. **O conceito de racionalidade tecnológica no pensamento de Herbert Marcuse: origem, desenvolvimento e implicações sociais**. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2020.

LOEWALD, H. **Ego and reality**. *International Journal of Psychoanalysis*, London, 32, p. 10- 18, 1951.

_____. **Internalization, separation, mourning and the superego**. “In”: Loewald, H. *Papers on psychoanalysis*. New Haven: Yale University Press, 1962.

_____. **Sublimation: Inquiries into theoretical psychoanalysis**. Yale University Press. 1988.

LYOTARD, Jean-François. **Lessons on the analytic of the sublime**. Transl. Elizabeth Rottenberg. Stanford: Stanford University Press, 2004.

MAGALHÃES, R. S. de.. **Política, tecnologia e emancipação em O homem unidimensional de Herbert Marcuse/** Rogério Silva de Magalhães. – Guarulhos, 2013.

MARCUSE, Herbert. **"Some Social Implications of Modern Technology"**. In: ARATO, Andrew; GEBHARDT, Eike. *The Essential Frankfurt School Reader* (Nova York: Continuum, 1985), p. 138-62.

_____. **A Dimensão Estética**, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1977b.

_____. **Agressividade em sociedades industriais avançadas**. Trad. Inara Luisa Marin e Ricardo Crissiuma. Dossiê Herbert Marcuse, Parte 2 (Dissonância: Revista de Teoria Crítica, v. 2, n. 1. 2), p. 20-41, junho de 2018.

_____. **Contra-revolução e Revolta**, trad. A. Cabral, R. Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Cultura e sociedade**. Traduções de Wolfgang L. Maar et al. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Da ontologia à tecnologia: as tendências da sociedade industrial**. Tradução: João Paulo Andrade Dias. *Revista Dialectus –Revista de Filosofia* nº 14. E-ISSN: 2317-2010. pp. 301-319.

- _____. **Eros and Civilization - A Philosophical Inquiry into Freud**, Boston: Beacon Press, 1966.
- _____. **Eros e Civilização-Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. 6 ed. Rio de Janeiro. ZAHAR EDITORES. 1968.
- MARCUSE, Herbert. **O Fim da Utopia**, Trad. C. N. Coutinho, R. Janeiro: Paz e Terra, 1969d.
- _____. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada**. São Paulo: Edipro, 2015
- _____. **One Dimensional Man – Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society**, introd. Douglas Kellner, 2ª ed., Boston: Beacon Press, 1991.
- MARIN, I. L. **Narcisismo e reconhecimento: os rumos da psicanálise na Teoria Crítica**. 1. ed. São Paulo: Unifesp, 2022. v. 1. 328p .
- _____. **The Bi-Dimensionality of Marcuse's Critical Psychoanalytical Model of Emancipation**. *Radical Philosophy Review*, v. 19, p. 227-238, 2016.
- MARTINS, Cecília Freire. **Sublimação e idealização: destinos da pulsão na construção da cultura**. Tese de doutorado – Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2016.
- PEREIRA, S. W. **Desamparo e sublimação: uma proposta metapsicológica**. *Psychê Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano IV, n. 5, 2000b. pp. 117-132.
- PINHEIRO, T. (1999). **Sublimação e idealização na obra de Freud** [Sublimation and idealization in the work of Freud]. *Cadernos de Psicanálise - SPCRJ*, 15(18), 11–24.4.
- RIVERA, T. **Ensaio sobre a Sublimação**. São Paulo: **Dossiê Filosofia e Psicanálise**, Rev. Discurso 36, 2007.
- URRIBARRI, F. (2020). **A sublimação estendida: prazer, imaginação e realidade histórico social no pensamento de Cornelius Castoriadis**. *Revista De Psicanálise Da SPPA*, 18(1), 27–42. Recuperado de <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/605>
- WHITEBOOK, Joel. **Perversion and utopia: a study in psychoanalysis and critical theory** / Joel Whitebook. London. The MIT Press. 1995.
- MARTINS, Cecília Freire. **Sublimação e idealização: destinos da pulsão na construção da cultura**. Tese de doutorado – Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2016.
- Mello Pisani, M. (2004). **Marxismo e psicanálise no pensamento de Herbert Marcuse: uma polêmica**. *Revista Subjetividades*, 4(1), 23–64. Recuperado de <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/1494>

MEZAN, R. (2001) **Freud: A Trama dos Conceitos**. São Paulo: Perspectiva.

PEIXOTO, L. A. da S.. **Marcuse: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio**.

Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online), v. 11n1, p. 123-140, 2011.

SILVEIRA, L. G. G. **Alienação artística: Marcuse e a ambivalência política da arte.-**

Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SHARVIT, G. and Feldman, K. 2018. **Freud and Monotheism: Moses and the Violent**

Origins of Religion. New York, USA: Fordham University Press.

<https://doi.org/10.1515/9780823280056>
